

REPOSICIONAMENTO ESTRATÉGICO DO IPP

Relatório nº 1

10 de dezembro de 2012

INDICE

| | |
|--|----|
| 1. APRESENTAÇÃO | 3 |
| 2. INTEGRAÇÃO DO RELATÓRIO NA METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS | 5 |
| 2.1. A metodologia proposta | 5 |
| 2.2. Ponto de situação dos trabalhos | 7 |
| 3. OFERTA FORMATIVA E PROCURA | 9 |
| 3.1. Introdução | 9 |
| 3.2. Indicadores | 11 |
| 3.3. Análise na ótica da oferta | 14 |
| 3.4. Análise na ótica da procura | 22 |
| 3.4.1. Mestrados 2º ciclo | 22 |
| 3.4.2. Licenciaturas 1º ciclo | 27 |
| 3.4.3. Cursos de Especialização, de Especialização Tecnológica e de Qualificação | 32 |
| 4. O IPP FACE AOS GRANDES TRENDS CONDICIONADORES DO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO | 33 |
| 4.1. Algumas notas sobre a tipologia considerada | 33 |
| 4.2. Transformações nos processos e no mercado de trabalho | 36 |
| 4.2.1. Traços fundamentais | 36 |
| 4.2.2. Impactos | 36 |
| 4.3. Novos empregos, novas necessidades sociais, novas procuras | 39 |
| 4.3.1. Traços fundamentais | 39 |
| 4.3.2. Impactos | 40 |
| 4.4. Tendências demográficas e territoriais | 42 |
| 4.4.1. Traços fundamentais | 42 |
| 4.4.2. Impactos | 43 |
| 4.5. Aprendizagem ao longo da vida | 45 |
| 4.5.1. Traços fundamentais | 45 |
| 4.5.2. Impactos | 45 |
| 4.6. Evolução das TIC | 48 |
| 4.6.1. Traços fundamentais | 48 |
| 4.6.2. Impactos | 49 |
| 4.7. Criatividade, inovação e formação | 51 |
| 4.7.1. Traços fundamentais | 51 |
| 4.7.2. Impactos | 52 |
| 4.8. Economia regional e nacional e programação 2020 | 54 |

| | | |
|--|--|----|
| 4.8.1 | Traços fundamentais | 54 |
| 4.8.2 | Impactos | 55 |
| 4.9. | Sustentabilidade | 57 |
| 4.9.1 | Traços fundamentais | 57 |
| 4.9.2 | Impactos | 58 |
| 4.10. | Investigação científica e sistemas (nacional e regional) de inovação | 60 |
| 4.10.1 | Traços fundamentais | 60 |
| 4.10.2 | Impactos | 61 |
| 4.11. | Inovação e desenvolvimento social | 63 |
| 4.11.1 | Traços fundamentais | 63 |
| 4.11.2 | Impactos | 64 |
| 4.12. | Organização do ensino superior | 66 |
| 4.12.1 | Traços fundamentais | 66 |
| 4.12.2 | Impactos | 67 |
| 5. | O LEGADO DOS TRABALHOS DO PLANO ESTRATÉGICO ANTERIOR | 69 |
| 5.1. | Missão, Valores e Visão | 69 |
| 5.2. | Outros materiais de reflexão coletiva e objetivos estratégicos | 71 |
| 6. | ELEMENTOS PARA UMA NOVA MISSÃO DO IPP | 74 |
| 6.1. | O IPP face à crise de identidade do ensino superior politécnico: uma instituição em tensão | 74 |
| 6.2. | Dos recursos diferenciadores aos ativos específicos | 78 |
| 6.2.1. | Recursos passíveis de mobilização imediata | 78 |
| 6.2.2. | Recursos que exigem combinatórias para se transformarem em ativos específicos | 80 |
| 6.2.3. | Síntese | 81 |
| 6.3. | Principais espaços de oportunidade para um reposicionamento competitivo e durável da instituição | 81 |
| 6.3.1. | Ao nível da missão do IPP | 81 |
| 6.3.2. | Espaços de oportunidade para o reposicionamento do IPP | 83 |
| 7. | OS PASSOS SEGUINTE | 87 |
| 8. | ANEXOS | 88 |
| ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA / REUNIÃO DE TRABALHO COM PROFESSORA DOUTORA MARIA ROSÁRIO GAMBÔA, PRESIDENTE DO IPP | | 89 |
| ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTA / REUNIÃO DE TRABALHO – PROFESSOR DOUTOR CARLOS RAMOS – VICE PRESIDENTE PARA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E INTERNACIONALIZAÇÃO | | 90 |
| ANEXO 3 – ENTREVISTA A MEMBROS DO CONSELHO GERAL (CG): DRA MANUELA MELO E DR. RICARDO FONSECA | | 91 |
| ANEXO 4 – GUIÃO DE ENTREVISTA / PROFESSORES DAS 7 ESCOLAS DO IPP | | 92 |
| ANEXO 5 – APRESENTAÇÃO POWERPOINT 06-12-12 | | 93 |

EQUIPA TÉCNICA

| Técnicos | Formação | Funções |
|-------------------------------|---|--|
| Dr. António Manuel Figueiredo | Economista (FEP); Professor Auxiliar Faculdade de Economia do Porto (aposentado desde 31.12.2009) | Coordenação geral do trabalho e trabalho técnico |
| Dra. Maria Elisa Pérez Babo | Economista (FEP); Mestrado (Pré-Bolonha) em Planeamento do Território – Inovação e Políticas de Desenvolvimento, com dissertação “Cultura e Desenvolvimento: novos desafios para as políticas urbanas”, Universidade de Aveiro | Trabalho técnico |
| Dr. Paulo Feliciano | Gestão e Administração Pública, com especialização em Gestão de Recursos Humanos (ISPSC); Pós-graduação em Ciências do Trabalho pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa; Doutorando em Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa | Trabalho técnico |
| Dra. Carla Melo | Economista; Gestão e Planeamento em Turismo (Universidade de Aveiro); Mestre em Gestão da Informação (Universidade de Aveiro) | Trabalho técnico |

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório corresponde à concretização das atividades 1 e 2 do contrato oportunamente celebrado entre o IPP e a Quatenaire Portugal, Consultoria para o Desenvolvimento S.A. (QP).

Os conteúdos das referidas atividades eram os seguintes:

- **Atividade 1:** Sistematização dos principais trends de evolução interna (país e região) e externa (essencialmente União Europeia) que influenciarão a procura, a oferta e a organização do ensino superior (metodologia própria da entidade);
- **Atividade 2:** Avaliação estratégica dos materiais disponibilizados respeitantes à versão existente do Plano Estratégico, do Plano de Qualidade e dos *workshops*/apresentações animados por personalidades exteriores ao IPP.

Para além dos elementos de “*desk-research*” que a concretização destas duas atividades obrigou a realizar, esta fase do trabalho concretizou ainda um vasto conjunto de 27 entrevistas semi-diretivas (cujos guiões constam de anexo a este relatório) com a seguinte composição:

- Ao nível central: Presidência do IPP, Vice-Presidência responsável pelas atividades de investigação, dois elementos do Departamento de Estudos e Planeamento e dois elementos do Conselho Geral (Dra. Manuela Melo, Presidente do CG e Dr. Ricardo Fonseca);
- Ao nível de cada Escola: 3 elementos por cada Escola indicados pelas respetivas Direções.

Quer isto significar que foi já possível nesta fase do trabalho tomar contacto com as situações e sensibilidades internas de cada uma das sete escolas que integram a instituição, tendo o guião de entrevista utilizado permitido recolher valioso material de reflexão sobre os temas de análise focados nestas duas primeiras atividades do trabalho.

Assim, para além deste capítulo de apresentação, o relatório está organizado nos seguintes capítulos:

- O **segundo capítulo** situa o trabalho agora realizado na metodologia oportunamente proposta para a concretização do Plano Estratégico;
- O **terceiro capítulo** analisa o posicionamento relativo do IPP do ponto de vista da oferta formativa e da procura trabalhando alguns dados de natureza quantitativa disponíveis a nível oficial e cedidos pelo próprio IPP;
- O **quarto capítulo** desenvolve a metodologia proposta pela equipa da QP de avaliação dos principais *trends* com impacto potencial (desafios/oportunidades) na atividade do IPP;
- O **quinto capítulo** explora os materiais disponibilizados à equipa sobre os trabalhos anteriores do Plano Estratégico e o processo de elaboração do Plano de Qualidade em curso na instituição;
- O **sexto capítulo** apresenta os primeiros elementos de proposta de uma nova missão para o IPP, situando a mesma no âmbito da crise de identidade que o ensino superior politécnico parece viver em Portugal, operando uma primeira identificação dos recursos diferenciadores (raros, valiosos e inimitáveis) sobre os quais pode essa missão ser construída e uma primeira reflexão sobre os espaços de oportunidade que se abrem ao IPP para o seu reposicionamento; este capítulo permitirá ainda aflorar o modelo de plano estratégico a que se pretende chegar, em termos que nos parecem corresponder às expectativas da instituição, pelo menos segundo o que foi possível obter das 27 entrevistas já concretizadas;
- O **sétimo capítulo** sistematiza os passos seguintes do trabalho;
- Um **capítulo de anexos** fecha o relatório; as tabelas de suporte ao capítulo 3 são inseridas num CD que acompanha este relatório.

A apresentação realizada ao Grupo de Acompanhamento do Plano Estratégico no dia 6 de Dezembro de 2012 pode ser considerada um sumário executivo desta fase do trabalho, pelo que também incorpora o capítulo de anexos.

2. INTEGRAÇÃO DO RELATÓRIO NA METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DOS TRABALHOS

2.1. A METODOLOGIA PROPOSTA

A proposta de trabalho oportunamente contratualizada entre o IPP e a QP previa a seguinte sequência metodológica:

| TABELA 1 – DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA METODOLÓGICA | |
|--|--|
| PASSOS INTERMÉDIOS / | |
| DESENVOLVIMENTOS ANALÍTICOS E GRAU DE PARTICIPAÇÃO DE “STAKEHOLDERS” | |
| 1. Sistematização dos principais <i>trends</i> de evolução interna (país e região) e externa (essencialmente União Europeia) que influenciarão a procura, a oferta e a organização do ensino superior (metodologia própria QP já testada noutros trabalhos similares) | |
| <p>Sistematização de análise <i>desk-research</i> sobre investigação relevante em domínios como: evolução do mercado de trabalho; tendências demográficas e territoriais; organização, TIC e ensino superior; aprendizagem ao longo da vida; sistema científico e de inovação nacional e regulação do ensino superior (foco na questão Universidades versus Politécnicos: uma falsa questão?); “<i>not for profit education</i>” (Martha Nussbaum); o papel das artes e da criatividade; inovação social e terceiro setor; economia nacional e regional.</p> <p>A estratégia/programação EUROPA 2020 e o ensino superior: oportunidades e desafios.</p> <p>Confronto com os resultados das sessões já realizadas e documentadas com personalidades exteriores ao IPP</p> <p>Entrevistas semi-diretivas com investigadores das diferentes escolas e Presidência; exemplos: mercado de trabalho, aprendizagem ao longo da vida e “<i>not for profit education</i>”: ESEIG, ESE e ESMAE; sistema de inovação: ISEP; regulação do ensino superior: Presidência</p> <p>Síntese das implicações por Escola e função: educação, investigação, formação profissional e prestação de serviços ao meio</p> | |
| 2. Avaliação estratégica dos materiais disponibilizados respeitantes à versão existente do Plano Estratégico, do Plano de Qualidade e dos <i>workshops</i>/apresentações animados por personalidades exteriores ao IPP | |
| <p>Exploração e resposta a algumas questões orientadoras da avaliação estratégica:</p> <ul style="list-style-type: none"> Os documentos analisados configuram opções estratégicas claras e compatíveis com a envolvente futura previsível da atividade do IPP? Nesses documentos, há propostas concretas de resposta aos <i>trends</i> de evolução identificados no passo intermédio 1? Estão fundamentadas por uma análise das instituições concorrenciais do IPP? Estão fundamentadas por indicadores objetivos da atividade das Escolas do IPP: procura e relação oferta/procura?; potencial de investigação; massa crítica de professores doutorados? Há evidências que permitam ajuizar do grau de aceitação que as opções então assumidas despertaram nas diferentes Escolas? Admitindo um cenário de concretização plena do Plano de Qualidade, que prospetiva pode ser antecipada quanto ao estado organizacional futuro do IPP e Escolas que as metas estabelecidas tenderão a assegurar? Nas apresentações de personalidades exteriores ao IPP são identificáveis propostas estratégicas pertinentes para o futuro do IPP? <p>Entrevistas semi-diretivas a docentes e investigadores do IPP a indicar pela Presidência para</p> | |

| TABELA 1 – DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA METODOLÓGICA | |
|--|--|
| PASSOS INTERMÉDIOS / | |
| DESENVOLVIMENTOS ANALÍTICOS E GRAU DE PARTICIPAÇÃO DE “STAKEHOLDERS” | |
| transformação de conhecimento implícito em explícito sobre as etapas iniciais do planeamento estratégico que se pretende retomar. | |
| Avaliação de síntese por parte da equipa técnica (em sessão de trabalho organizada para o efeito) e entrevista com a Presidência para teste e aferição dos resultados obtidos. | |
| 3. Dos ativos específicos do IPP e do seu grau de reconhecimento pelo mercado às apostas de posicionamento competitivo - exercício a realizar à luz da metodologia QP (a partir da análise VRIO) de identificação dos recursos e <i>capabilities</i> das Escolas do IPP que podem configurar a diferenciação competitiva ao IPP | |
| Exploração e resposta a algumas questões orientadoras da avaliação estratégica: | |
| <ul style="list-style-type: none"> Entre os recursos (humanos, qualificações, organizacionais, infraestruturais e tecnológicos) do IPP que ativos específicos são reconhecidos pelo mercado como diferenciadores? | |
| <ul style="list-style-type: none"> Podemos falar de “saberes-fazer coletivos”? | |
| <ul style="list-style-type: none"> Ao nível intra-Escolas ou inter-Escolas? | |
| <ul style="list-style-type: none"> Há evidências de reconhecimento por parte do mercado de competências coletivas de instituição? | |
| <ul style="list-style-type: none"> Há potencial de reconhecimento não concretizado por dificuldades organizacionais de cooperação entre recursos: inter-equipas, inter-Escolas? | |
| <ul style="list-style-type: none"> O que dizem os estudantes? Há informação sistemática sobre esta dimensão? | |
| <ul style="list-style-type: none"> Que evidências sistemáticas existem sobre condições de empregabilidade de diplomados pelo IPP? Testemunhos qualitativos de empregadores? | |
| Reuniões de trabalho (8 a 10 elementos no máximo) com cada uma das 7 Escolas para trabalhar estas questões | |
| Revisão do SWOT de instituição face à análise realizada | |
| Formulação da estratégia de reposicionamento: | |
| <ul style="list-style-type: none"> Missão e Visão | |
| <ul style="list-style-type: none"> Bases de aposta para a diferenciação competitiva | |
| <ul style="list-style-type: none"> Ativos específicos a valorizar | |
| <ul style="list-style-type: none"> Formas organizacionais a promover para assegurar a cooperação entre recursos para a diferenciação competitiva | |
| <ul style="list-style-type: none"> Opções de internacionalização | |
| <ul style="list-style-type: none"> Oportunidades versus ativos específicos diferenciadores: bases para a promoção de vantagens competitivas | |
| <ul style="list-style-type: none"> Oportunidades versus debilidades: bases para uma estratégia defensiva reativa | |
| Workshop com Guy le Boterf: universo grupo de acompanhamento | |
| Apresentação e discussão desta fase do trabalho à Presidência mais grupo de acompanhamento com representantes das 7 Escolas e do Conselho Geral | |
| 4. Trabalhos finais | |
| Revisão da proposta preliminar de Plano Estratégico com incorporação da reunião de trabalho com Presidência e grupo de acompanhamento | |
| Avaliação do Plano de Qualidade e sua adaptação para se transformar em Sistema de Monitorização da Implementação do Plano Estratégico | |
| Reunião de trabalho com responsável de Avaliação e Qualidade | |
| Apresentação Pública do Plano ao Conselho Geral | |

2.2. PONTO DE SITUAÇÃO DOS TRABALHOS

Analisando em pormenor a tabela anterior, pode concluir-se que o trabalho agora apresentado corresponde sensivelmente ao cumprimento das atividades 1 e 2. É, entretanto, expectável que a reunião de trabalho com o Grupo de Acompanhamento do Plano Estratégico de 6 de Dezembro de 2012 e que os *focus-group/workshops* com cada uma das Escolas (10 a 12 docentes/investigadores por Escola) a realizar na fase seguinte do trabalho possam conduzir a afinamentos sobretudo da análise dos trends de evolução condicionadores da atividade futura do IPP (atividade 1).

Porém, o trabalho agora apresentado apresenta já algumas aproximações à atividade 3, que consta da tabela anteriormente recordada. Na verdade, o conjunto de entrevistas que foi já possível concluir nesta fase do trabalho, combinado com os trabalhos de *desk-research*, permite desde já alguma aproximação a três domínios cruciais para o alcance do Plano Estratégico:

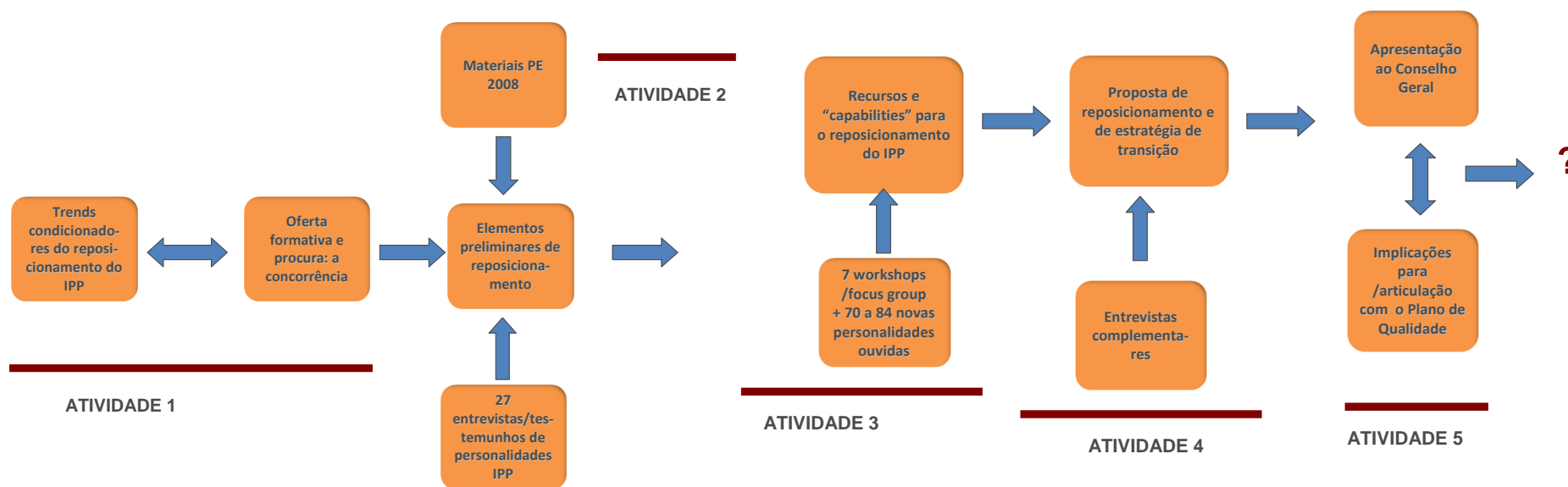
- Aproximações à nova missão que o Plano Estratégico pode ajudar a conceber para o IPP;
- Identificação dos recursos diferenciadores (ativos específicos) sobre os quais pode ser construída essa nova missão;
- Espaços de oportunidade que, estrategicamente, a instituição deve promover para concretizar o seu reposicionamento.

Como é óbvio, esta aproximação à dimensão mais estratégica do trabalho é já minimamente robusta (a ponto de termos decidido sobre a sua inclusão neste relatório), embora simultaneamente assuma ainda um carácter marcadamente preliminar, exigindo novos momentos de interação criativa com a instituição e com as diferentes sensibilidades que a povoam.

É neste espírito de aproximação sucessiva e cada vez mais informada à dimensão estratégica do trabalho que o presente relatório deve ser analisado.

Para melhor situar o presente relatório na metodologia de desenvolvimento dos trabalhos, os diagramas seguintes descrevem a sequência proposta:

UMA SEQUÊNCIA QUE SE PRETENDE VIRTUOSA



3. OFERTA FORMATIVA E PROCURA

3.1. INTRODUÇÃO

A análise da oferta e da procura de formação em cursos do ensino superior nas instituições públicas e privadas sediadas no território nacional assenta basicamente no estudo de um conjunto restrito de indicadores quantitativos e tem como principal objetivo contextualizar o posicionamento atual do Instituto Politécnico do Porto neste mercado.

Os principais objetivos da análise da oferta formativa e procura são:

- Perceber e clarificar o posicionamento do IPP, e de cada uma das suas Escolas, no contexto do mercado formativo a nível do ensino superior
- Identificar oportunidades de ação do IPP /Escolas em segmentos de mercado específicos, quer por Áreas de Educação e Formação, quer por Níveis de Formação²¹

A metodologia de análise adotada assenta nos seguintes pressupostos:

- A seleção de Áreas de Educação e Formação (AEF) - Portaria nº 256/2005 de 16 de março a analisar tem por base a atual oferta de cursos das várias unidades orgânicas / Escolas que integram o IPP - Escola Superior de Educação do Porto, Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão, Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras, Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto, Instituto Superior de Contabilidade e Administração, Instituto Superior de Engenharia do Porto, e inclui:

| Grandes grupos | Áreas de estudo | Áreas de educação e formação (AEF) |
|--|---|--|
| Educação | Formação de professores/formadores e ciências da educação | 142 Ciências da Educação 144 Formação de professores do Ensino Básico (1º e 2º ciclos) 146 Formação de professores e formadores das áreas tecnológicas |
| Artes e humanidades | Artes | 211 Belas-Artes 212 Artes do Espetáculo 213 Audio-visuais e produção dos <i>media</i> 214 Design |
| Ciências sociais, comércio e direito | Humanidades Informação e jornalismo Ciências empresariais | 223 Língua e literatura materna 322 Biblioteconomia, arquivo e documentação (BAD) 341 Comércio 342 Marketing e Publicidade 343 Finanças, Banca e Seguros 344 Contabilidade e Fiscalidade 345 Gestão e administração 346 Secretariado e trabalho administrativo 349 Ciências empresariais – programas não classificados noutra área de formação |
| Ciências, matemática e informática | Direito Informática | 380 Direito 481 Ciências informáticas 482 Informática na ótica do utilizador |
| Engenharia, indústrias transformadoras e | Engenharia e técnicas afins | 521 Metalurgia e metalomecânica 522 Eletricidade e energia 523 Eletrónica e automação |

| Grandes grupos | Áreas de estudo | Áreas de educação e formação (AEF) |
|-------------------------|--|---|
| construção | Indústrias transformadoras Arquitetura e construção | 524 Tecnologia dos processos químicos 525 Construção e reparação de veículos a motor 544 Indústrias extrativas 582 Construção civil e engenharia civil 725 Tecnologias de diagnóstico e terapêutica 726 Terapia e reabilitação 727 Ciências farmacêuticas |
| Saúde e proteção social | | 761 Serviços de apoio a crianças e jovens 762 Trabalho social e orientação |
| Serviços | Serviços pessoais | 811 Hotelaria e restauração 812 Turismo e lazer 813 Desporto |
| | Proteção do ambiente | 851 Tecnologia de proteção do ambiente 853 Serviços de saúde pública |
| | Serviços de segurança | 862 Segurança e higiene no trabalho |

Esta focagem da análise da oferta e da procura no ensino superior numa seleção prévia de AEF's poderá contudo não abranger completamente a totalidade dos cursos que concorrem no mercado com a oferta do IPP, mas inclui por certo a grande maioria.

- Em termos temporais, a análise da oferta e procura realizada concentra-se no período entre o ano letivo de 2006/2007 e o ano letivo de 2010/2011, último ano disponível nas fontes de informação utilizadas – Bases de Dados do GPEARI do Ministério da Educação e Ciência e da Direção Geral do Ensino Superior. Esta opção é justificada pelo fato de circunscrever a leitura da evolução de dados aos cursos que se encontram a funcionar no quadro do Processo de Bolonha (Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março), nos diversos níveis de formação – Licenciatura 1º ciclo e Mestrado integrado, Mestrado 2º ciclo e outros, uma vez que é no ano letivo de 2006/2007 que surgem os primeiros alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos organizados de acordo com este processo. O alargamento desta análise aos anos anteriores a 2006/2007 conduziria a uma extrema dificuldade na comparação de indicadores, pressupondo uma correspondência entre os cursos dos diferentes níveis oferecidos antes da reforma de Bolonha e os cursos oferecidos pós-Bolonha.
- Em termos territoriais a análise abrange o território nacional (Continente, Madeira e Açores). Não foi feita qualquer análise mais específica em termos de uma área territorial restrita, considerando que a mobilidade de alunos tende a crescer dentro do espaço nacional, embora essa análise dentro de uma área de mercado delimitada geograficamente (designadamente, à Área Metropolitana do Porto) possa vir a ser elaborada posteriormente.
- Também no que respeita ao sistema de ensino, não foi feita uma separação entre a oferta e procura de cursos no ensino universitário e de cursos no ensino politécnico, embora em termos das conclusões mais específicas sobre análise da concorrência se tenda a identificar separadamente os cursos que são ministrados no ensino universitário e os que o são no ensino politécnico.
- Os indicadores selecionados para a análise são os seguintes:
 - **Vagas por curso de Licenciatura 1º ciclo** (Número fixado, anualmente, por portaria do ministro da tutela, para matrícula/inscrição de novos alunos em cada curso conferente de grau, sob proposta dos órgãos legal e estatutariamente competentes dos estabelecimentos de ensino superior.);
 - **Inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos nos diversos níveis de formação** (Aluno que se inscreve pela primeira vez no primeiro ano curricular em uma ou mais disciplinas de um curso);

- **Índice de satisfação da procura no acesso ao ensino superior** (Rácio entre as preferências em 1.^a opção e as vagas iniciais, sendo que para valores + <1 o número de vagas é superior ao número de preferências em 1.^a opção, ou seja regista-se uma oferta superior à procura em 1.^a opção; para valores + =1 o número de vagas corresponde ao número de preferências em 1.^a opção; para valores + >1 o número de vagas é inferior ao número de preferências em 1.^a opção, ou seja regista-se uma oferta inferior à procura em 1.^a opção).

3.2. INDICADORES

A análise global dos indicadores referidos, de acordo com os quadros 1.2.1 e 1.2.2 apresentados de seguida, permite retirar as seguintes tendências gerais:

- O IPP tem aumentado desde 2006/2007 a oferta de vagas em curso de Licenciatura 1º ciclo, sendo que estes aumentos tiveram uma expressão particularmente significativa no ano 2007/2008, com variação de 118,4% face ao ano anterior e no ano 2009/2010, com variação de 20,8% face ao ano anterior. Estes dois anos ficaram marcados, respetivamente, pela nova oferta de Licenciaturas 1º ciclo da Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE) em 2007/2008 (149 vagas) e pela nova oferta de Licenciaturas 1º ciclo da Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto (ESTSP) em 2009/2010 (455 vagas).
- Por sua vez, para o mesmo período, a quota de mercado global do IPP em termos da oferta de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo tem igualmente uma evolução crescente, representando no ano 2006/2007 cerca de 2,6% do total de oferta de vagas neste nível de formação e em 2010/2011 cerca de 3,6% dessas vagas.
- Em termos da distribuição por unidades orgânicas/ escolas do IPP, o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) e o Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP) são as duas escolas que, em qualquer um dos anos considerados, apresentam a maior percentagem de oferta de vagas dentro da oferta total do IPP. Dentro deste mesmo período, em todas as escolas do IPP a variação anual de vagas oferecidas é positiva ou nula, à exceção do caso da Escola Superior de Educação (ESE) onde, do ano de 2009/2010 para o de 2010/2011, o número de vagas decresce ligeiramente (de 389 para 349 vagas).

Quadro 1.2.1

| Instituto Politécnico do Porto - Vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo por Unidade orgânica, de 2006/2007 a 2010/2011 ^{(1) (2) (3)} | | | | | | | | | | |
|---|---------------|--------|-----------|--------|-----------|--------|-----------|--------|-----------|--------|
| Unidade Orgânica | 2006/2007 (4) | | 2007/2008 | | 2008/2009 | | 2009/2010 | | 2010/2011 | |
| | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| Escola Superior de Educação | 25 | 2,3% | 354 | 14,7% | 389 | 15,1% | 389 | 12,5% | 349 | 10,9% |
| Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo | 0 | 0,0% | 149 | 6,2% | 149 | 5,8% | 149 | 4,8% | 189 | 5,9% |
| Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão | 280 | 25,3% | 280 | 11,6% | 310 | 12,1% | 310 | 10,0% | 310 | 9,7% |
| Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 85 | 7,7% | 675 | 28,0% | 675 | 26,3% | 690 | 22,2% | 726 | 22,7% |
| Instituto Superior de Engenharia do Porto | 570 | 51,6% | 765 | 31,7% | 805 | 31,3% | 835 | 26,9% | 855 | 26,8% |
| Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 145 | 13,1% | 190 | 7,9% | 240 | 9,3% | 275 | 8,9% | 311 | 9,7% |
| Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 455 | 14,7% | 455 | 14,2% |
| Instituto Politécnico do Porto - TOTAL | 1.105 | 100,0% | 2.413 | 100,0% | 2.568 | 100,0% | 3.103 | 100,0% | 3.195 | 100,0% |
| Variação anual | | - | | 118,4% | | 6,4% | | 20,8% | | 3,0% |
| Total nacional - Licenciaturas 1º ciclo e Mestrados Integrados | 42.478 | | 76.998 | | 86.337 | | 91.720 | | 89.640 | |
| Quota de mercado do IPP | | 2,6% | | 3,1% | | 3,0% | | 3,4% | | 3,6% |

Fonte: Vagas aprovadas pelos órgãos competentes das instituições de ensino superior, nos termos do artigo 64.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de Setembro. As vagas das instituições de ensino superior militar e policial e da Universidade Católica Portuguesa são recolhidas através de inquérito direto, MEC

Notas: (1) Vagas fixadas para os cursos de formação inicial; (2) Não inclui a Universidade Aberta; (3) A partir de 2010/11 alguns cursos sofreram alteração na área de educação e formação; (4) Início do Processo de Bolonha

- Relativamente à evolução dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, o IPP apresenta, para o mesmo período, uma evolução também positiva mas com variações anuais decrescentes, com um máximo de um acréscimo de 30,1% de 2006/2007 para 2007/2008 e um mínimo de acréscimo de 10,1% de 2009/10 para 2010/2011.
- Considerando os níveis de formação seguintes – Cursos de Especialização Tecnológica, Especialização pós-licenciatura, Especialização pós-bacharelato, Licenciatura 1º ciclo, Bacharelato+Licenciatura e Mestrado 2º ciclo, o IPP perde quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez entre 2006/2007 e 2007/2008 mas recupera posteriormente a 2007/2008, de um valor de 3, 5% para um valor de 4,3% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, em 2010/2011.
- Relativamente aos diversos níveis de formação analisados, o indicador de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez assume o seguinte comportamento:
 - No caso dos Cursos de Especialização Tecnológica, penas a funcionar na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras (ESTGF), a quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é bastante reduzida e diminui no ano de 2010/2011 para 0,3%.
 - A quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no que respeita aos cursos de Especialização pós-licenciatura é igualmente bastante reduzida mas tem um comportamento inverso aumentando, ao longo deste período, e atingindo em 2010/2011 cerca de 1,7%. O comportamento deste indicador varia bastante no período e segundo as escolas.
 - No caso dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo, a quota de mercado do IPP tem evoluído positivamente ao longo deste período, entre o valor de 4,1% em 2006/2007 e de 5,6% em 2010/2011. A evolução do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo é também positiva no período em análise, embora com variações anuais que são sucessivamente mais pequenas. Comparando a quota de mercado do IPP em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo com a quota de mercado em termos de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo, para o mesmo período, conclui-se que o posicionamento do IPP em termos de procura é ligeiramente mais favorável do que o posicionamento em termos de oferta.
 - No que respeita aos cursos de Bacharelato+Licenciatura, o seu desaparecimento com o processo de Bolonha justifica a sua evolução decrescente em termos de efetivos, número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, apesar de em termos de quota de mercado o IPP manter uma evolução positiva do seu posicionamento entre 2006/2007 e 2007/2008.
 - Relativamente aos Mestrados de 2º ciclo, verifica-se uma ligeira perda de quota de mercado no último ano, de 2010/2011, relativamente ao ano anterior (de 4,1% para 4,0%), apesar de nos anos precedentes a evolução ter sido positiva. A variação anual do número total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez teve uma variação anual positiva durante este período, embora com variações anuais decrescentes. Em 2010/2011 as escolas que mais contribuem em número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado 2º ciclo são o ISCAP e o ISEP, com respetivamente 22,3% e 40,0% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado 2º ciclo do IPP, seguidos da ESE, com 20,4% do total. A ESEIG e ESTSP tiveram comportamentos negativos em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos neste nível de formação de 2009/2010 para 2010/2011, evoluções que, em princípio, são o principal fator para a variação negativa na quota global de mercado do IPP.

Quadro 1.2.2

| Instituto Politécnico do Porto - Inscritos no 1.º ano pela 1.ª vez por Nível de formação e Unidade orgânica, de 2006/2007 a 2010/2011 | | | | | | | | | | | |
|---|--|--------------------------|--------|-----------|---------|--------------------------|--------|-----------|--------|-----------|--------|
| (1) (2) | | | | | | | | | | | |
| Nível de Formação | Unidade Orgânica | 2006/2007 ⁽³⁾ | | 2007/2008 | | 2008/2009 ⁽⁴⁾ | | 2009/2010 | | 2010/2011 | |
| | | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % | Nº | % |
| C - Curso de Especialização Tecnológica | | | | | | | | | | | |
| | Curso de Especialização Tecnológica - Total | 832 | | 16 | | 17 | | 0 | | 0 | |
| C0 - Curso de Especialização Tecnológica | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 0 | 0,0% | 59 | 1,7% | 54 | 1,4% | 75 | 1,7% | 19 | 0,3% |
| | Curso de Especialização Tecnológica - Total | 596 | | 3 531 | | 3 909 | | 4 421 | | 5 543 | |
| CF - Complemento de formação | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Educação | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% |
| | Complemento de formação - Total | 1 492 | | 807 | | 599 | | 322 | | 176 | |
| E - Especialização pós-licenciatura | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Educação | 15 | 100,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | 0,0% | 48 | 77,4% |
| | Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 13 | 100,0% | 0 | 0,0% |
| | Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | 0,0% | 14 | 22,6% |
| | Instituto Politécnico do Porto | 15 | 0,4% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 13 | 0,3% | 62 | 1,7% |
| | Instituto Politécnico do Porto - variação anual | | - | | -100,0% | | - | | - | | 376,9% |
| | Especialização pós-licenciatura - Total | 4 264 | | 3 748 | | 3 984 | | 4 033 | | 3 743 | |
| GB - Especialização pós-bacharelato | | | | | | | | | | | |
| | Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 30 | 29,1% |
| | Especialização pós-bacharelato - Total | 185 | | 57 | | 155 | | 75 | | 103 | |
| L1 - Licenciatura - 1.º ciclo | | | | | | | | | | | |
| | 3132 - Instituto Politécnico do Porto | 35 | 2,6% | 26 | 0,9% | 30 | 0,8% | 26 | 0,7% | - | - |
| | Escola Superior de Educação | 0 | 0,0% | 376 | 12,7% | 412 | 11,6% | 445 | 11,4% | 418 | 10,1% |
| | Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo | 0 | 0,0% | 145 | 4,9% | 142 | 4,0% | 136 | 3,5% | 180 | 4,4% |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão | 350 | 25,8% | 326 | 11,0% | 351 | 9,9% | 349 | 8,9% | 377 | 9,1% |
| | Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 94 | 6,9% | 860 | 29,1% | 756 | 21,2% | 849 | 21,8% | 915 | 22,2% |
| | Instituto Superior de Engenharia do Porto | 701 | 51,6% | 991 | 33,5% | 1 070 | 30,0% | 1 174 | 30,1% | 1 252 | 30,3% |
| | Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 178 | 13,1% | 235 | 7,9% | 317 | 8,9% | 405 | 10,4% | 442 | 10,7% |
| | Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 483 | 13,6% | 517 | 13,3% | 546 | 13,2% |
| | Instituto Politécnico do Porto - Total | 1 358 | 4,1% | 2 959 | 4,4% | 3 561 | 4,9% | 3 901 | 5,3% | 4 130 | 5,6% |
| | Instituto Politécnico do Porto - variação anual | | - | | 117,9% | | 20,3% | | 9,5% | | 5,9% |
| | L1 - Licenciatura - 1.º ciclo -Total | 33 127 | | 67 111 | | 72 627 | | 73 292 | | 74 389 | |
| LB - Bacharelato+Licenciatura | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Educação | 108 | 7,3% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo | 133 | 9,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 546 | 36,9% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Instituto Superior de Engenharia do Porto | 172 | 11,6% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (Vila do Conde) | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (Póvoa do Varzim) | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto | 519 | 35,1% | 510 | 100,0% | 0 | - | 0 | - | 0 | - |
| | Instituto Politécnico do Porto - Total | 1 478 | 11,6% | 510 | 13,7% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | - |
| | LB - Bacharelato+Licenciatura - Total | 12 696 | | 3 732 | | 111 | | 0 | | 0 | |
| M2 - Mestrado - 2.º ciclo | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Educação | 0 | - | 0 | 0,0% | 42 | 7,0% | 166 | 14,4% | 289 | 20,4% |
| | Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo | 0 | - | 0 | 0,0% | 42 | 7,0% | 43 | 3,7% | 50 | 3,5% |
| | Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão | 0 | - | 0 | 0,0% | 24 | 4,0% | 70 | 6,1% | 34 | 2,4% |
| | Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto | 0 | - | 14 | 6,6% | 169 | 28,2% | 165 | 14,3% | 316 | 22,3% |
| | Instituto Superior de Engenharia do Porto | 0 | - | 181 | 85,0% | 312 | 52,1% | 522 | 45,4% | 567 | 40,0% |
| | Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras | 0 | - | 18 | 8,5% | 10 | 1,7% | 7 | 0,6% | 61 | 4,3% |
| | Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto | 0 | - | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 178 | 15,5% | 102 | 7,2% |
| | Instituto Politécnico do Porto - Total | 0 | 0,0% | 213 | 1,2% | 599 | 2,8% | 1 151 | 4,1% | 1 419 | 4,0% |
| | Instituto Politécnico do Porto - variação anual | | - | | - | | 181,2% | | 92,2% | | 23,3% |
| | M2 - Mestrado - 2.º ciclo -Total | 2 395 | | 17 242 | | 21 780 | | 27 871 | | 35 788 | |
| MI - Mestrado Integrado | | | | | | | | | | | |
| | MI - Mestrado Integrado - Total | 5 105 | | 9 745 | | 10 696 | | 11 304 | | 11 813 | |
| QE - Qualificação para o exercício de outras funções educativas | | | | | | | | | | | |
| | Escola Superior de Educação | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | 0,0% | 0 | - | 0 | 0,0% |
| | QE - Qualificação para o exercício de outras funções educativas -Total | 185 | | 283 | | 25 | | 0 | | 10 | |
| Total - Instituto Politécnico do Porto | | 2 851 | 4,7% | 3 741 | 3,5% | 4 214 | 3,7% | 5 140 | 4,2% | 5 660 | 4,3% |
| Total - Instituto Politécnico do Porto: variação anual | | | - | | 31,2% | | 12,6% | | 22,0% | | 10,1% |
| TOTAL Global | | 60 877 | | 106 272 | | 113 903 | | 121 318 | | 131 565 | |

No que respeita à análise de dados quantitativos na ótica da oferta e da procura, os quadros são todos incluídos num Anexo do Relatório, para simplificação da sua leitura.

3.3. ANÁLISE NA ÓTICA DA OFERTA

O estudo do posicionamento do IPP na ótica da oferta formativa concentra-se na análise do indicador de Vagas disponibilizadas para os cursos de Licenciatura 1º ciclo em funcionamento no IPP no período entre 2006/2007 e 2011/12, comparativamente com outros cursos oferecidos por estabelecimentos de ensino superior dentro das mesmas áreas de educação e formação (AEF).

a) Dentro das AEF de Estudo de Formação de Professores/ Formadores e Ciências da Educação, a Escola Superior de Educação (ESE) do IPP oferece, desde o ano letivo 2007/2008, três cursos de licenciatura 1º ciclo, respetivamente, o curso de Educação Básica inserido na AEF 144 de Formação de Professores do Ensino Básico (1º e 2º ciclos) e os cursos de Educação Musical e de Educação Visual e Tecnológica, inseridos na AEF 146 de Formação de Professores e Formadores de Áreas Tecnológicas.

A quota de mercado ocupada pela ESE dentro da AEF 144 tem mantido o seu nível, representando em 2010/2011 cerca de 1,4% do total das vagas desta área (inferior à quota máxima atingida em 2019/2010 de 2,0%). A concorrência nesta área faz-se apenas dentro do mesmo curso de Licenciatura 1º ciclo de Ensino Básico e é exercida quer por instituições de ensino universitário, quer por instituições de ensino politécnico. As Escolas de Educação de regime privado oferecem praticamente 50% das vagas em 2010/2011. Apenas algumas instituições oferecem o curso em regime pós-laboral, designadamente, o IP de Lisboa e o IP de Santarém, enquanto que o IP de Leiria oferece o mesmo curso em regime de ensino à distância.

No que respeita aos cursos da AEF 146, a quota de mercado da ESE é bastante mais significativa, embora com uma quebra muito acentuada entre os anos de 2007/8 e 2008/9, em que atingiu cerca de 11% e os anos posteriores em que apenas representa 5,2% e 6,2%, respetivamente em 2009/10 e 2010/11. Esta quebra está relacionada com a ausência de vagas no curso de Educação Visual e Tecnológica nesses dois últimos anos.

No caso do curso de Educação Musical, para o qual a ESE mantém uma quota de mercado muito significativa (cerca de 10% das vagas oferecidas nos anos letivos de 2009/10 e 2010/11), a concorrência é marcadamente privada e geograficamente mais concentrada no centro e norte (apenas duas instituições, em Lisboa e Almada, oferecem vagas para o mesmo curso, representando apenas cerca de 28,2% do total).

b) Dentro do Grupo de Artes e Humanidades, a oferta de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo do IPP distribuem-se maioritariamente pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE), mas também, em menor escala, pela Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão (ESEIG) e pela ESE.

A maioria dos cursos de licenciatura 1º ciclo oferecidos inscrevem-se dentro da AEF 212 Artes do Espetáculo e são promovidos pela ESMAE, representando uma quota de mercado em termos de vagas disponibilizadas que atinge, no global, cerca de 11,2% nos anos letivos de 2009/10 e 2010/11 (máximo atingido em 2007/2008 de 12,5%). Estes cursos inscrevem-se em termos globais nas áreas da Música e do Teatro, com diferentes variantes em cada uma delas. As quotas de mercado do IPP em termos de vagas oferecidas, considerando a totalidade dos cursos oferecidos por instituições de ensino superior nas duas áreas da Música e do Teatro, atingem respetivamente 16,0% e 13,8% no ano letivo de 2010/11. No período em análise, entre 2006/7 e 2010/11, a ESMAE conseguiu aumentar muito ligeiramente a sua quota de mercado no caso dos cursos na área da Música, mas na área do Teatro verificou-se um ligeiro decréscimo (de 16,4% em 2007/2008 para 13,8% em 2010/11).

A concorrência ao nível das vagas oferecidas em cursos nas áreas da Música e do Teatro é exercida quer por estabelecimentos do ensino universitário, quer do ensino politécnico. A ESMAE oferece vagas em determinadas variantes da Música, como Música Antiga, Composição ou Instrumento, que ou não tem concorrência no caso da primeira ou apenas concorrem com um curso noutro estabelecimento de ensino, respetivamente, no IP de Lisboa / Escola Superior de Música e no IP de Castelo Branco / Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco. Acontece de forma similar com a oferta de cursos em determinadas variantes do Teatro, como seja Interpretação, que apenas concorre com o curso de Teatro

– Interpretação e Encenação da Escola Superior Artística do Porto. No caso do curso de Teatro - Produção e Design, o mesmo não tem diretamente concorrência no mercado.

O mesmo panorama não se mantém no caso da oferta de vagas em curso dentro da AEF 213 de Áudio-Visuais e Produção dos Media. Dentro desta área, por um lado, verifica-se uma grande variedade de cursos no âmbito do audiovisual, multimédia, imagem e digital e, por outro lado, uma enorme dispersão desta oferta por estabelecimentos de ensino universitário, de ensino politécnico, públicos ou privados. No global, a quota de mercado ocupada pelo IPP, através da ESMAE e da ESSE, é muito mais restrita, não ultrapassando os 2% nos últimos anos letivos em análise.

Igualmente reduzida é a quota de mercado que a ESEIG mantém na AEF 214 de Design e que desce de 4% em 2006/7 para 2% em 2008/9 e anos seguintes. Considerando os cursos de Licenciatura 1º ciclo em Design sem qualquer tipo de especialização, esta quota de mercado sobe ligeiramente para os 4%. Importa destacar a oferta de vagas do curso de Design da Escola Superior de Design que representa em 2010/11 uma quota de mercado de cerca de 28,3% do total dos cursos de Design e de cerca de 17,4% do total de cursos nesta AEF.

Ainda dentro deste Grupo mas na área das Humanidades, a ESE oferece vagas nos cursos de licenciatura 1º ciclo de Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa – regime normal e regime pós-laboral, que representam uma quota de mercado dentro da AEF 223 de Língua e Literatura Materna de cerca de 11%. Esta posição é contudo destacada se incidirmos a análise apenas nos cursos de Língua Gestual Portuguesa, porque neste caso a quota de mercado de oferta de vagas da ESE atinge em 2010/11 os 38%, significativamente abaixo de valor de 53% nos anos letivos de 2007/8 e 2008/9. A concorrência neste caso é feita fundamentalmente pelo IP de Setúbal /ESE, que oferece um curso igual e outro de Língua Gestual Portuguesa (em regime pós-laboral) e pela Universidade Católica Portuguesa / Instituto de Ciências da Saúde, localizado no Porto e pelo IP de Coimbra /ESE Coimbra, os quais oferecem cursos de Língua Gestual Portuguesa, com regimes diferenciados, pós-laboral e de *b-learning*.

c) Dentro do grupo das Ciências Sociais, Comércio e Direito, no que se refere à AEF 322 de Biblioteconomia, Arquivo e Documentação o IPP, através da ESEIG, mantém um posicionamento significativo traduzido pela quota de mercado que decorre das vagas oferecidas no curso de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação, com tendência crescente nos últimos anos e que atinge os 13% no ano letivo de 2010/11. A concorrência nesta área é principalmente exercida pela oferta das instituições universitárias. Dentro do ensino politécnico, apenas o IP de Portalegre oferece cursos nesta AEF.

Já no caso da AEF 341 de Comércio o posicionamento do IPP através do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) apresenta-se mais forte, embora com uma evolução ligeiramente decrescente, traduzida por uma quota de mercado de oferta de vagas que apresenta os 19% no ano letivo de 2010/11 (20% em 2007/8). Nesta área os cursos oferecidos pelo ISCAP não têm concorrência direta no mercado, mas a principal instituição concorrente em termos de quota de mercado é a Universidade Portucalense Infante D. Henrique, localizada no Porto, com um único curso na área do imobiliário, mas com uma quota de mercado em termos de vagas de cerca de 24% em 2010/11.

O ISCAP mantém, por sua vez, um posicionamento significativo dentro da AEF 342 de Marketing e Publicidade uma vez que a quota de mercado das vagas nos cursos de Marketing e de Marketing (regime pós-laboral) oferecidas por esta instituição atingem os 4% do total de vagas nesta área e educação e formação. Se analisado no seio da oferta de cursos de marketing (excluindo os cursos de áreas específicas do marketing) a posição do ISCAP em termos de quota de mercado no que respeita às vagas oferecidas atinge os 17% desde 2008/9. A concorrência no que respeita aos cursos de marketing é exercida quer por instituições universitárias, quer pelos institutos politécnicos, sendo que o maior número de vagas é oferecido pelo IPP e pelo IP de Setúbal / Escola Superior de Ciências Empresariais (80 vagas cada).

Dentro da AEF 344 de Contabilidade e Fiscalidade a posição do IPP é ocupada pela oferta de cursos de Contabilidade e Administração, em regime normal e em regime pós-laboral, pelo ISCAP e pela ESEIG, atingindo no conjunto uma quota de mercado de vagas oferecidas de cerca de 18% desde 2008/9. A concorrência ao nível dos cursos de Contabilidade e Administração é quase exclusivamente exercida por instituições de ensino politécnico. Dentro deste segmento específico de cursos de Contabilidade e

Administração, a quota de mercado do IPP atinge os 50% das vagas oferecidas, sendo o seu principal concorrente o IP de Lisboa / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa.

Finalmente, ainda dentro deste grupo e concretamente na AEF 345 de Gestão e Administração, o IPP oferece quatro cursos diferentes, dois dos quais em regime normal e em regime pós-laboral, designadamente, Gestão do Património e Ciências Empresariais, nos dois regimes e Gestão e Administração Hoteleira e Recursos Humanos, apenas no regime normal. Esta oferta é feita por diferentes unidades orgânicas, respetivamente, a ESE, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Felgueiras (ESTGF) e a ESEIG. A quota de mercado global do IPP em termos das vagas oferecidas dentro desta AEF atinge apenas os 2%.

A oferta de vagas em cursos dentro desta AEF é muitíssimo diversa, com forte participação de instituições de ensino universitário e politécnico, sendo que as oferta que o IPP apresenta não se inscreve nos segmentos de formação mais concorrentes (ou seja com maior número de cursos), como nos casos de cursos de Gestão, de Gestão de Empresas. Tal não acontece porém no caso do curso de Licenciatura 1º ciclo de Gestão de Recursos Humanos.

O curso de Gestão de Património não tem concorrência alguma dentro desta AEF. Apenas se podem identificar outros cursos relacionados com áreas artísticas e culturais, mas não especificamente no campo do Património.

No caso do curso de Gestão e Administração Hoteleira a concorrência é exercida por outras quatro instituições de ensino, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Estoril, que oferece o curso de Direção e Gestão Hoteleira, em regime normal e pós-laboral, o IP de Leiria, com o curso de Gestão Turística e Hoteleira, com os dois regimes também, o Instituto Superior de Administração e Línguas, que possui o curso de Organização e Gestão Hoteleira, os Institutos Superiores de Estudos Interculturais e Transdisciplinares, de Viseu e de Santo André, com os cursos de Gestão Hoteleira e Turismo e, finalmente, o Instituto Superior Politécnico do Oeste, com o curso de Gestão de Empresas Turísticas e Hoteleiras. Neste segmento de cursos a quota de mercado da ESEIG atinge cerca de 16% das vagas oferecidas nos últimos anos letivos.

No caso do curso de Recursos Humanos a concorrência é bastante mais forte, quer em termos de oferta de cursos por instituições universitárias, quer por instituições politécnicas.

Dentro da AEF 346 de Secretariado e Trabalho Administrativo o ISCAP oferece um curso de Assessoria e Tradução, em regime normal e pós-laboral, que não detém qualquer concorrência direta e que representa uma quota de mercado dentro desta área de educação e formação de cerca de 17% em 2010/11, sensivelmente mais baixa nos anos anteriores.

Já no que toca à AEF 349 Ciências Empresarias – Programas não classificados noutra área de formação, ainda o ISCAP mantém um posicionamento significativo, com uma quota de mercado de cerca de 30% a partir de 2008/9 e a oferta de um curso de Comunicação Empresarial, também em regime normal e pós-laboral. Neste último caso a concorrência direta, mantém-se circunscrita a três outras instituições, com destaque para o Instituto Superior de Comunicação Empresarial que ocupa cerca de 33% da quota de mercado.

Por fim, na AEF 380 de Direito a posição do IPP assumida pela ESTGF circunscreve-se ao curso de Solicitadoria, oferecendo vagas nos dois regimes, normal e pós-laboral. A quota de mercado da ESTGF em termos de vagas em curso de Licenciatura 1º ciclo no total da AEF é apenas de 2%, no entanto considerando o segmento da solicitadoria, aquela escola assume um posicionamento um pouco mais relevante, com uma quota de mercado de cerca de 6%. A concorrência neste segmento é bastante elevada e dispersa por instituições que, na sua maioria, se integram dentro do ensino politécnico, apenas surgindo oferta de vagas em cursos de Solicitadoria em quatro universidades privadas. As instituições que se apresentam com posicionamento mais forte em termos de oferta de vagas no curso de Solicitadoria são o Instituto Superior de Ciências da Administração (acima das 100 vagas) e o Instituto Superior da Maia (próximo das 100 vagas).

d) O posicionamento do IPP no Grupo das Ciências, Matemática e Informática e, especificamente, na AEF 481 de Ciências Informáticas é muito recente, dado que os cursos de Engenharia de Sistemas do Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP) e o curso de Segurança Informática em Redes de

Computadores (em regime pós-laboral) da ESTGF arrancam com vagas a partir de 2010/11. Por conseguinte, a quota de mercado detida pelo IPP através destas duas escolas atinge os 3% nesse mesmo ano letivo, numa área em que é forte a concorrência entre instituições de ensino universitário e de ensino politécnico.

Não obstante a recente entrada neste segmento de oferta de formação, a ESTGF oferece um curso sem concorrência direta no mercado, no domínio da Segurança Informática.

e) Passando agora à análise da oferta no Grupo de Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção, o IPP apresenta um posicionamento mais relevante nas AEF 521 de Metalurgia e Metalomecânica e 523 de Eletrónica e Automação, com quotas de mercado em termos de oferta de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo ligeiramente superiores a 10%.

O ISEP é a escola do IPP que assume um posicionamento mais forte dentro deste grupo de áreas de educação e formação, com presença em diversos domínios das engenharias, nalguns casos, com uma presença bastante relevante em termos da quota de mercado das vagas oferecidas.

Dentro da AEF 521 da Metalurgia e Metalomecânica, a oferta do ISEP concentra-se no curso de Engenharia Mecânica, em regime normal e em regime pós-laboral, e a posição análoga à do IP de Lisboa / Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. O ISEP em 2010/11 assume uma das quotas mais significativas, com 14% das vagas oferecidas totais dos cursos de Engenharia Mecânica, enquanto que o IP de Lisboa / ISEL atinge a quota de 17%.

No caso da AEF 523 de Eletrónica e Automação, é de novo a oferta do ISEP que permite um significativo posicionamento do IPP em termos de oferta de vagas, a que se acrescenta uma oferta menos significativa da ESTGF, neste caso apenas com o curso de Engenharia Informática (regime normal e pós-laboral). O ISEP oferece vários cursos, designadamente, Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, em regime normal e pós-laboral, Engenharia de Instrumentação e Metrologia, Engenharia Informática, em regime normal e pós-laboral e Engenharia de Computação e Instrumentação Médica. No total a oferta de cursos desta escola representa 9,5% do total da oferta de vagas dentro da AEF 523. Para além disso, se por um lado se verifica uma forte concorrência direta, por parte de universidades e de institutos politécnicos, em determinados cursos, como os casos da Engenharia Informática (a quota de mercado do ISEP mantém-se ao nível de 10%) e da Engenharia Eletrotécnica e de Computadores (a quota de mercado do ISEP atinge o nível de 40%), por outro lado, nos outros dois cursos que o ISEP oferece a concorrência direta é praticamente nula - o IP de Setúbal oferece um curso de Engenharia de Automação, Controlo e Instrumentação e não existe oferta de formações específicas na área médica que concorram com o curso de Engenharia de Computação e Instrumentação Médica.

Na AEF 522 de Eletricidade e Energia o posicionamento do IPP através do ISEP é relativamente mais moderado, com uma quota de mercado de oferta de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo ao nível dos 5% ou 6%, mas ligeiramente superior se considerarmos a sua quota dentro do segmento de cursos de Engenharia Eletrotécnica, que atinge os 10% em 2010/11. Apesar da crescente oferta de cursos no mercado de ensino superior nas áreas da energia, o IPP não se posiciona por enquanto nesse segmento de oferta de educação e formação.

As posições do IPP são idênticas nas AEF 524 de Tecnologia de Processos Químicos, AEF 525 de Construção e Reparação de Veículos e AEF 582 de Construção Civil e Engenharia Civil, com quotas globais dentro destas áreas respetivamente de 8%, 9% (perdendo a quota de 15% atingida em 2006/7), de 7% em 2010/11 no segundo caso e 8% no último caso.

No primeiro caso, na área de Tecnologia de Processos Químicos, a oferta de vagas distribui-se entre o curso de Engenharia Química do ISEP, com cerca de 60 vagas nos últimos anos letivos e o curso de Engenharia Biomédica da ESEIG, que oferece cerca de 25 vagas. No primeiro caso a quota de mercado de vagas oferecidas pelo curso do ISEP representa cerca de 40% das vagas em cursos iguais e no segundo caso, a quota de mercado de vagas oferecidas pelo curso da ESEIG representa apenas 10% das vagas oferecidas em cursos iguais. A concorrência, neste último caso, é repartida de forma muito equilibrada entre instituições universitárias e politécnicas.

Ainda dentro deste grupo, o posicionamento do ISEP na AEF de Construção e Reparação de Veículos a Motor é recente, uma vez que o curso de Engenharia Mecânica Automóvel funciona desde 2009/2010.

Trata-se de um curso sem concorrência direta a não ser o caso do curso do IP de Leiria, de Engenharia Automóvel, que oferece um número de vagas relativamente superior (40 vagas para as 25 oferecidas em 2010/11 pelo curso do ISEP).

No caso da oferta de vagas no curso de Engenharia Civil, em regime normal e em regime pós-laboral, o ISEP mantém uma quota de 10% dentro da oferta de vagas em cursos diretamente concorrentes. A concorrência é exercida, quer por instituições universitárias, quer politécnicas, mas o ISEP situa-se dentro do grupo de quatro instituições de ensino que oferecem um volume de vagas anual superior a 100. Estas instituições são o IP de Lisboa, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e o Instituto superior Autónomo de Estudos Politécnicos (neste caso a partir de 2009/10), para além do ISEP.

Destaca-se por fim o posicionamento do ISEP na AEF das Industrias Extrativas, com o curso de Engenharia Geotécnica e Geoambiente, que mantém uma quota de mercado de oferta de vagas da ordem dos 40% (43% em 2010/11). O curso não tem uma concorrência direta e as únicas instituições que mantêm oferta nesta AEF são, para além do ISEP, a Universidade Técnica de Lisboa e a Universidade do Porto.

Dentro desta análise da concorrência na ótica da oferta de cursos é fundamental evidenciar a importância que assume a oferta de cursos de Mestrado integrado pelas universidades, em particular nas áreas das engenharias. Esta oferta exerce uma concorrência bastante forte dentro do segmento mais específico de mercado do ISEP, designadamente, nos cursos de Engenharia Mecânica, de Engenharia Eletrotécnica e de computadores, da Engenharia Química, da Engenharia Biomédica e da Engenharia Civil. Na maioria destes cursos é de realçar a importante quota de mercado que a Universidade do Porto /Faculdade de Engenharia detém.

f) Dentro do grupo de áreas de educação de formação da Saúde e Proteção Social o IPP através da Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto (ESTSP) mantém uma presença relevante ao nível da oferta de cursos, com um total de 12 cursos e 410 vagas em 2010/11. Esses cursos distribuem-se pelas AEF 725 de Tecnologia de Diagnóstico e Terapêutica, AEF 726 de Terapia e Reabilitação e AEF 727 de Ciências Farmacêuticas. Este posicionamento, relativamente recente, representa uma quota de oferta de vagas no conjunto das três áreas de educação e formação de cerca de 8,5% (no ano de 2010/11), situação que se verifica apenas a partir de 2009/10.

Os cursos oferecidos pela ESTSP dentro da AEF de Tecnologias de Diagnóstico iniciam-se na totalidade em 2019/10 e representam uma quota de mercado de 10% das vagas oferecidas nesta área de educação e formação nesse ano. São os cursos de Cardiopneumologia, de Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica, de Audiologia, de Neurofisiologia, de Medicina Nuclear, de Radioterapia, de Análises Clínicas e de Saúde Pública e de Radiologia. A principal concorrência direta na generalidade destes cursos estabelece-se ao nível de instituições de ensino politécnico (institutos politécnicos e escolas superiores). Nos casos dos cursos de Licenciatura 1º ciclo de Neurofisiologia, de Medicina Nuclear e de Radioterapia a concorrência direta é exercida apenas pelo IP de Lisboa / Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, nos dois últimos casos, e pelo Instituto Politécnico de Saúde do Norte / Escola Superior de Saúde do Vale do Ave, no caso do primeiro curso. Nos dois últimos casos os cursos concorrentes aparecem nos mesmos anos letivos, com um número de vagas no entanto superior (20 da ESTSP e 35 na de Lisboa), enquanto no primeiro caso o curso na Escola Superior de Saúde do Vale do Ave surge um ano antes ao doa ESTSP e com um número superior de vagas (50 em 2008/9).

Quanto aos cursos que a ESTSP oferece na AEF de Terapia e Reabilitação, cursos de Terapia Ocupacional, de Fisioterapia e de Terapia da Fala, a sua quota de mercado em termos de vagas oferecidas em iguais cursos é respetivamente, de 19%, 6% e 10%, no ano letivo de 2010/11. Nestes cursos a concorrência é em geral mais alargada e partilhada por instituições de ensino politécnico e de ensino universitário.

Por fim, no caso do curso de Farmácia, que se inscreve na AEF de Ciências Farmacêuticas, o posicionamento da ESTSP é relativamente significativo, atingindo os 12% em 2010/11 e representa nos anos de 2009/10 e 2010/11 a instituição que oferece um número maior de vagas em cursos dentro desta área (total de 60 vagas). A concorrência faz-se sobretudo ao nível das instituições de ensino politécnico, com exceção do caso da Universidade do Algarve e da Universidade de Coimbra, mas neste último caso com a oferta de um curso de Farmácia Biomédica, único no mercado.

g) Finalmente no grupo de áreas de educação e formação dos Serviços destaca-se o posicionamento do IPP na AEF 853 de Serviços de Saúde Pública e do curso de Saúde Ambiental, através da ESTSP e na AEF de Segurança e Higiene no Trabalho, através da ESTGF no curso de Segurança e Qualidade no Trabalho, em regime normal e pós-laboral. A quota de mercado na oferta de vagas nestas duas AEF que o IPP, através destas Escolas, atinge é respetivamente de 33% e de 11%, para o ano letivo de 2010/11.

No caso do curso da Saúde Ambiental da ESTSP, a concorrência direta é exercida pelos IP de Beja, IP de Coimbra e IP de Lisboa, para além da Escola Superior de Saúde de Jean Piaget / Nordeste, mas a ESTSP no ano 2010/11 oferece o número mais elevado de vagas (45 vagas).

Por outro lado, a ESTGF não tem concorrência direta no que se refere ao seu curso de Segurança e Qualidade no Trabalho e o número de vagas cresceu ligeiramente de 2008/9 para 2009/10 (passou de 50 para 55 no total dos dois regimes).

A presença do IPP nas outras AEF do grupo de serviços é bastante menos relevante. No caso da AEF 812 de Turismo e Lazer o ISCAP lança em 2010/11 em regime pós-laboral o curso de gestão de atividades Turísticas, com 36 vagas. A quota de mercado adquirida é de apenas 2% do total de vagas oferecidas nesta área de educação e formação e de 7% no conjunto de cursos de gestão dentro da área do Turismo.

No caso do curso de Ciências do Desporto oferecido pela ESE dentro da AEF 813 de Desporto, a quota de mercado não ultrapassa os 1%. Dentro da concorrência direta de cursos de Ciências de Desporto, a Universidade Técnica de Lisboa e a Universidade do Porto detêm posicionamentos muito fortes, com um número de vagas por ano superior a 100, se comparado com as 20 vagas que a ESE oferece.

A análise do **Índice de Satisfação da Procura (ISP)** no Acesso ao ensino superior, para os anos letivos de 2010/11 a 2012/13, traduzindo a relação entre o número de vagas oferecidas e a procura de vagas por candidatos na sua 1ª opção, na 1ª fase de acesso ao ensino superior, vem completar a análise na ótica da oferta e fazer uma transição para a análise na ótica da procura. O indicador agora considerado está apenas disponível para o segmento do mercado público de cursos de educação e formação no ensino superior.

a) Grupo de AEF da Educação

O curso de Ensino Básico da ESE tem um ISP de 3,15 em 2010/11 e 1,65 em 2011/12, representado dos cursos que mantém um ISP mais elevados dentro do mercado público, apenas ultrapassado pela Universidade da Madeira. Em 2012/13 o ISP para este curso sobe de novo para os 2,46.

No caso do curso de Educação Musical a posição pelo contrário é muito menos favorável, com um ISP de 0,65 em 2010/11, e que não varia muito ao longo dos últimos anos.

b) Grupo das AEF de Artes e Humanidades

Neste grupo os cursos promovidos pela ESMAE e ESE nas áreas de Artes do Espetáculo e de Áudio-Visuais e Produção dos Media apresentam, para os anos letivos 2010/11 e 2011/12, ISP sempre superiores a 1, particularmente os cursos de Tecnologia da Comunicação Audiovisual e Tecnologia da Comunicação Multimédia da ESMAE, respetivamente com ISP de 4,25 e de 2,64 em 2010/11 e 2011/12 e com ISP de 2,1 e 2,64 respetivamente para os mesmo anos. O nível dos ISP para estes cursos mantém-se ainda com valores elevados no ano de 2012/13.

Dentro da oferta na área do Audiovisual e Multimédia os cursos da ESMAE têm um posicionamento em termos de ISP bastante favorável e concorrem principalmente com os cursos do IP de Lisboa / Escola Superior de Comunicação Social e da Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes.

No caso do curso de Artes Visuais e Artísticas, da ESSE, o ISP passa de 1,65 em 2010/11 para 1,28 no ano letivo seguinte. Comportamento similar tem o curso de Design da ESEIG que apresenta um ISP de 1,39 em 2010/11 e de 1,02 em 2011/12. No caso do primeiro curso, no ano letivo de 2012/13 o ISP desce abaixo de 1, situando-se nos 0,96, mas no caso do Design mantém-se em 1,09.

No caso do Design o posicionamento da ESEIG é menos favorável e existe uma forte concorrência de instituições universitárias – Universidade Técnica de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura (ISP 2,39 e 2,65 respetivamente em 2010/11 e 2011/12), Universidade da Madeira e Universidade de Aveiro, com curso de Design com ISP ligeiramente abaixo de 2.

No caso dos cursos dentro da AEF de Língua e Literatura Materna que a ESE oferece os ISP são menores do que 1 e não variam significativamente entre o primeiro e o segundo ano considerado – o ISP do curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa recupera ligeiramente a posição, passando de 0,4 em 2010/11 para 0,64 em 2011/12.

Não estão, no entanto, disponíveis os ISP para os cursos de Música e de Teatro oferecidos pela ESMAE.

c) Grupo das AEF de Ciências Sociais, Comércio e Direito

O curso de Gestão e Administração Hoteleira da ESEIG é o que atinge o ISP mais elevado dentro deste grupo de AEF, 2,98 em 2010/11, 3,51 em 2011/12 e 2,73 em 2012/13. A concorrência mais direta, conforme referido é exercida pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, com o curso de Direção e Gestão Hoteleira (com ISP de respetivamente 2,98 e 3 para os primeiros anos letivos referidos). No caso do curso da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, em regime pós-laboral, o ISP é já muito mais baixo, até inferior a 1 no ano letivo de 2011/12.

Apenas mais dois cursos oferecidos pelo IPP mantém nos anos considerado uma boa performance no que respeita a este indicador (superior a 1) e dentro desta AEF.

Trata-se do curso de Recursos Humanos da ESEIG, que mantém o índice superior a 1 nos três anos, 2010/11 a 2012/13, respetivamente 1,32, 1,40 e 1,09. A concorrência mais direta neste caso é do curso de Gestão de Recursos Humanos do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com ISP de 3,7 e 3,3 para os anos 2010/11 e 2011/12.

Em segundo lugar, trata-se do curso de Marketing do ISCAP, com índices crescentes de 1,44, 1,51 e 1,58 respetivamente em 2010/11, 2011/12 e 2012/13. A concorrência, neste caso, é mais alargada e é exercida por parte da Universidade do Minho (curso em regime pós-laboral) e da Universidade de Aveiro / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro, no primeiro caso com valores do ISP superiores (2,31 em 2010/11 e 2,17 em 2011/12) e no segundo caso ligeiramente inferiores aos do ISCAP. Ainda no domínio do marketing, mas em cursos mais específicos, a concorrência surge por parte do IP de Lisboa / Escola Superior de Comunicação Social (curso de Publicidade e Marketing) e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (curso de Gestão de Marketing).

O curso de Ciências Empresariais da ESTGF apresenta um ISP superior a 1,2 em 2010/11. A grande concorrência, ainda que de forma indireta, é exercida pelos cursos de Gestão (sem qualquer especialização), realçando-se o facto de se verificar que existe um número elevado destes cursos com ISP superiores a 1 (13 cursos em 2010/11 e 11 cursos em 2011/12).

O curso de Comunicação Empresarial do ISCAP teve o mesmo comportamento relevante, com ISP superior a 1 nos anos letivos de 2010/11 e 2012/13, respetivamente 1,31 e 1,4. A concorrência é inexistente no setor público de oferta de ensino superior e apenas se exerce dentro do ensino politécnico privado. Situação semelhante passa-se com o curso de Assessoria e Tradução, também do ISCAP, que nos anos 2011/12 e 2012/13 apresenta ISP superiores a 1 (respetivamente 1,05 e 1,08) e que praticamente não sofre de concorrência direta no mercado.

Os restantes cursos dentro deste grupo de áreas de educação e formação – Contabilidade e Administração do ISCAP e da ESEIG, Comércio Internacional do ISCAP, Ciências e Tecnologias de Documentação e Informação da ESEIG, Gestão do Património da ESE, Ciências Empresariais (pós-laboral) da ESTGF, Comunicação Empresarial (pós-laboral) do ISCAP apresentam ISP nos anos letivos de 2010/11 e 2011/12 com valores inferiores a 1, manifestando menor procura no mercado. No ano letivo de 2012/13 todos estes cursos referidos, à exceção dos de Contabilidade e Administração e do de Comércio Internacional do ISCAP, mantêm o ISP inferior a 1. Para os cursos de Contabilidade e Administração e de Comércio Internacional do ISCAP o ISP é de 1,06 e 1,2.

Por fim no caso dos cursos de Solicitadoria (regime normal e regime pós-laboral) da ESTGF o comportamento é diferente. O curso de regime normal mantém ISP superiores a 1 nos três anos letivos, recuperando em 2012/13 o seu valor (1,53) face a um ligeiro decréscimo em 2011/12 (de 1,2). A forte concorrência é exercida pelas ofertas dos cursos do IP do Cávado e do Ave/ Escola Superior de Gestão e do IP de Lisboa / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, com valores do ISP superiores, nos dois anos consecutivos, mas apenas no caso da primeira instituição.

d) Grupo das AEF de Ciências, Matemática e Informática

A performance dos cursos do IPP neste grupo de áreas de educação e formação é relativamente fraca, apesar de uma evolução positiva do curso de Engenharia de Sistema do ISEP em 2012/13, que atinge um ISP de 1,76 e portanto superior a 1.

A forte concorrência é exercida pelas universidades – Universidade Nova de Lisboa ou ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com cursos que não são exatamente coincidentes, ou seja, cursos de Licenciatura 1º ciclo de Sistemas e Tecnologias de Informação, de Gestão de Informação ou de Informática e Gestão de Empresas.

e) Grupo das AEF de Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção

Dentro dos cursos das engenharias, o ISEP apresenta uma boa performance em termos deste indicador, na medida em que dos 10 cursos oferecidos, metade tem um ISP superior a 1 em 2010/11 e cerca de 40% dos cursos do ISEP tem um ISP superior a 1 em 2011/12. A situação mostra no entanto sinais de uma tendência de deterioração na medida em que, para o ano letivo de 2012/13, os ISP dos cursos que anteriormente apresentavam valores superiores a 1 baixaram na sua totalidade para valores inferiores a 1.

Os cursos de Engenharia Mecânica de Automóvel, de Engenharia Informática (em regime normal e em regime pós-laboral), de Engenharia Mecânica e de Engenharia Eletrotécnica – Sistemas Elétricos de Energia do ISEP apresentam valores superiores a 1 para o ISP em 2010/11, mas destes apenas os cursos de Engenharia Informática (regime normal), de Engenharia Mecânica Automóvel e de Engenharia Mecânica mantém os ISP superiores a 1 em 2011/12.

Entretanto o curso de Engenharia Mecânica da ESEIG adquire em 2011/12 um ISP superior a 1, mas o valor deste índice baixa acentuadamente em 2012/13, para 0,14.

Ao nível da concorrência, principalmente na área das Engenharias de Informática em 2011/12, a oferta de cursos que atingem valores do ISP superiores a 1 é fundamentalmente feita por instituições universitárias. No ano de 2010/11 são igualmente as instituições universitárias que oferecem maior número de cursos em diversas áreas da engenharia que atingem valores do ISP superiores a 1 – Universidades do Porto, Universidade Técnica de Lisboa, Universidade de Aveiro, Universidade Nova de Lisboa e Universidade do Minho.

Os restantes cursos nas áreas das engenharias que as escolas do IPP – ESEIG, ESTGF mas também o ISEP, oferecem têm apresentado valores dos ISP nos últimos anos, 2010/11 e 2011/12, inferiores a 1, significando uma oferta de vagas não preenchida por candidatos na sua 1ª opção. No ano de 2012/2013 esta tendência, como se referiu, ainda tende a acentuar-se.

f) Grupo das AEF de Saúde e Proteção social

No que respeita aos cursos deste grupo de áreas de educação e formação, a tendência da oferta da ESTSP é muito favorável, uma vez que quase a totalidade dos cursos oferecidos mantém no período de 2010/11 a 2012/13 valores do ISP superiores à unidade.

Trata-se dos cursos de Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica, Medicina Nuclear, Cardiopneumologia, Análise Clínicas e Saúde Pública, Farmácia, Neurofisiologia, Terapia da Fala e Radioterapia, sendo que se destacam neste grupo, relativamente aos valores do ISP, os cursos de Fisioterapia (valores entre os 2,75 e os 3,23, neste caso em 2012/13) e de Terapia da Fala (valores de 2,13 e 2,1 respetivamente em 2010/11 e 2011/12, mas claramente abaixo em 2012/13 com 1,13).

A concorrência no caso dos cursos de Fisioterapia é bastante forte, maioritariamente por institutos politécnicos, mas também por instituições universitárias, que oferecem cursos que atingem igualmente ISP elevados e superiores a 1. Em certos cursos com uma concorrência mais fraca, como Cardiopneumologia, Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica ou Análise Clínicas e Saúde Pública, o posicionamento da ESTSP é bom na medida em que o ISP dos seus cursos é superior ao dos cursos oferecidos pelos concorrentes diretos.

Os cursos de Radioterapia, Radiologia e Audiologia têm apresentado, senão em todos, pelo menos na maioria dos anos analisados, valores do ISP inferiores a 1.

g) Grupo das AEF de Serviços

Neste último grupo destaca-se pela sua posição relevante no que respeita ao valor assumido pelo ISP o curso de Ciências do Desporto oferecido pela ESE, que no período em análise mantém valores entre 1,92 e 1,44.

Por sua vez, o curso de Gestão de Atividades Turísticas, em regime pós-laboral, do ISCAP tem demonstrado uma evolução muito positiva com uma relação procura em 1ª opção crescente face às vagas oferecidas, uma vez que o valor do ISP variou entre 1,31 em 2010/11, 0,64 em 2011/12 e 3,67 em 2012/13, ano em que o curso deixa de ser em regime pós-laboral.

No caso do curso de Segurança e Qualidade no Trabalho da ESTGF a performance tem vindo a piorar, com valores cada vez mais baixos dos ISP, quer para o curso em regime normal (apenas em 2010/11 teve um valor para o ISP de 1), quer para o curso em regime pós-laboral.

O curso de Saúde Ambiental da ESTSP mantém também uma performance positiva com valores para o ISP sempre superiores a 1 nos três anos em análise.

3.4. ANÁLISE NA ÓTICA DA PROCURA

A análise da procura incide fundamentalmente no indicador de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos segundo os diferentes níveis de ensino, permitindo alargar a abordagem para além dos cursos de Licenciatura 1º ciclo, aos cursos de Mestrado 2º ciclo, de Especialização pós-licenciatura (E), tratando-se de cursos dirigidos a detentores do grau de licenciado ou equivalente, conferente de diploma, mas não de grau académico e, finalmente, cursos de Qualificações para o exercício de outras funções educativas (QE), ou seja, cursos destinados à obtenção do grau académico de licenciado por bacharéis através da qualificação para outras funções educativas.

A análise desenvolvida no âmbito do presente estudo é, de forma similar, elaborada por grupos de áreas de educação e formação, identificando os cursos e as escolas do IPP que os ministram. Pretende-se com esta análise da procura identificar, principalmente, as tendências de evolução no período desde 2006/2007 (sendo que em muitos casos os cursos neste primeiro ano ainda não detinham o formato decorrente do Processo de Bolonha) e as questões mais acentuadas de concorrência.

3.4.1. MESTRADOS 2º CICLO

a) Dentro do Grupo de Educação, a ESE dispõe de cinco Mestrados de 2º ciclo nas AEF de Formação de Professores do Ensino Básico e de Formação de Professores e Formadores de Áreas Tecnológicas, que se iniciam uns no ano de 2008/9 e outros nos anos seguintes e que ocupam quotas de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez na ordem de entre 4% e 8% do total de alunos inscritos em cursos de Mestrado 2º ciclo na respetiva área de educação e formação.

No caso da AEF de Formação de Professores do Ensino Básico, os cursos de Mestrado 2º ciclo são de Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico, Ensino Experimental das Ciências no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino de Inglês e Francês/Espanhol no Ensino Básico, apresentando cada um deles 21 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em 2010/11.

Quanto à AEF de Formação de Professores e Formadores de Áreas Tecnológicas, os cursos de Mestrado 2º ciclo de Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico e de Ensino de Educação Musical no Ensino Básico iniciaram o seu funcionamento em 2008/9 e mantém um volume de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez relativamente constante.

b) Dentro do Grupo de Artes e Humanidades, a procura de cursos de Mestrado 2º ciclo centra-se nos cursos oferecidos pela ESMAE nas AEF de Artes do Espetáculo e de Áudio-visuais e Produção de Media.

A quota de mercado tem decrescido no caso dos Mestrados 2º ciclo de Artes do Espetáculo, entre 13,7% em 2008/9 e 4,9% em 2010/11. Durante o período de funcionamento dos Mestrados de 2º ciclo que a ESMAE oferece, de Teatro, de Composição e Teoria Musical e de Música – Interpretação Artística, a escola teve um total de 105 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, cerca de 7,9% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado 2º ciclo nesta área de educação e formação.

No caso do Mestrado 2º ciclo de Teatro, a grande concorrente é a Escola de Teatro e Cinema do IP Lisboa, que detém 136 alunos nos quatro últimos anos, contra os 19 nos anos de 2008/9 e 2009/10 da ESMAE. O Mestrado 2º ciclo de Teatro do ESMAE totalizou nos dois anos em que teve alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez (2008/9 e 2009/10) cerca de 19 alunos, cerca de 8,8% do total de 264 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em Mestrados 2º ciclo de Teatro e Estudos de Teatro, no total do período considerado.

No caso da música os Mestrados 2º ciclo com mais procura são o curso de Música da Universidade de Aveiro (134 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos 4 últimos anos registados), o curso de Música do IP Lisboa (97 alunos nos dois últimos anos), o curso de Música da Universidade de Évora (88 alunos entre 2008/7 e 2009/10), o curso de Música – Interpretação Artística da ESMAE (78 alunos nos três últimos anos) e, por fim, o curso de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa (71 alunos nos 4 últimos anos registados). Considerando as áreas específicas dos mestrados de música da ESMAE, não existe uma concorrência direta no mercado.

Relativamente à procura de cursos de Mestrado 2º ciclo nas áreas do audiovisual e multimédia, a grande concorrência é feita por Universidade do Porto/ Faculdade de Engenharia, pela Universidade Católica Portuguesa / Escola das Artes, pelo IP Lisboa / Escola Superior de Comunicação Social, pela Universidade de Aveiro e pela Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com cursos que abriram todos em 2007/2008 e que tem um número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, nestes últimos 4 anos (de 2007/8 a 2010/11), muito próximo de 100 ou superior e muito superior a 100.

A quota de mercado de procura em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dos cursos de Mestrado de 2º ciclo de Comunicação Audiovisual, seja da ESMAE ou da ESEIG, é baixa e apenas funcionaram as inscrições num ano neste período, respetivamente, 2010/11 e 2008/9. Estes dois cursos de Mestrado 2º ciclo de Comunicação Audiovisual totalizaram neste período 54 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, o que representa apenas cerca de 2,5% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado 2º ciclo nesta área de educação e formação.

Na área de educação e formação de Design o IPP não teve alunos inscritos em Mestrado 2º ciclo no período em análise. A procura de cursos de Mestrado 2º ciclo de Design no período diz respeito ao curso de Design e Cultura Visual da Escola Superior de Design, com 473 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cinco anos, seguida dos cursos de Design de Moda da Universidade da Beira Interior, com 79 alunos, de Design da Universidade de Aveiro, com 76 alunos (de 2007/8 a 2010/11) e de Design e Multimédia na Universidade de Coimbra/ Faculdade de Ciências e Tecnologia, com 70 alunos (de 2008/9 a 2010/11).

No caso dos Mestrados 2º ciclo da AEF 223 - Língua e Literatura Materna, a ESE apresenta uma quota de mercado em termos de alunos inscrito no 1º ano pela 1ª vez de cerca de 8,2% em 2010/11,

correspondente ao Mestrado 2º ciclo de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, com inscrições de 24 alunos no 1º ano pela 1ª vez neste mesmo ano.

Os Mestrados 2º ciclo com mais procura, fora da área da tradução e interpretação, são principalmente os cursos de Estudos Portugueses Multidisciplinares e de Língua e Cultura Portuguesa (Língua Estrangeira/Língua Segunda), com início em 2007/8 e com volumes de inscritos no 1º ano pela 1ª vez, nos 4 anos analisados, próximos ou superiores a 100, respetivamente da Universidade Aberta e da Universidade de Lisboa.

c) Dentro do Grupo de Ciências Sociais e Comércio, o IPP não dispunha no período em análise de cursos de Mestrado 2º ciclo nas áreas de educação e formação de Biblioteconomia, Arquivo e Documentação, nem de Comércio.

No caso da área de educação e formação de Marketing e Publicidade, o ISCAP em 2010/11 apresentou um número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 34 alunos, para um curso de Mestrado 2º ciclo que se iniciou nesse ano e que não possui uma concorrência direta no mercado.

A procura de cursos dentro desta área tem-se centrado fundamentalmente nos cursos de Mestrado 2º ciclo de Marketing do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com um total de 178 alunos desde 2007/8 e de Marketing e Gestão Estratégica da Universidade do Minho, com um total de 202 alunos desde aquele mesmo ano. Ainda com números totais de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, neste período em análise, superiores a 100 incluem-se os cursos de Gestão e Marketing do Instituto Português de Administração de Marketing de Lisboa e do Instituto Português de Administração de Marketing de Matosinhos, o curso de Ciências da Comunicação, Marketing e Publicidade da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, os cursos de Gestão Estratégica das Relações Públicas e de Publicidade e Marketing do IP de Lisboa / Escola Superior de Comunicação Social e os cursos de Marketing da Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade do Porto / Faculdade de Economia e da Universidade da Beira Interior.

Na área das Finanças, Banca e Seguros o Mestrado 2º ciclo da ESEIG, com alunos inscritos a partir de 2009/10, mantém um posicionamento no mercado bastante interessante, embora com uma quota de mercado que decresceu entre 2009/10 (cerca de 11,6%) e 2010/11 (cerca de 5,2%). Dentro da procura de cursos de Mestrado de 2º ciclo em Finanças Empresariais, incluindo para além do ESEIG os cursos do IP de Leiria, do IP de Viseu e o da Universidade do Algarve / Faculdade de Economia, em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, o curso da ESEIG detém cerca de 42,6% desse total de inscritos no 1º ano pela 1ª vez.

No que respeita aos cursos de Mestrado 2º ciclo desta área de educação e formação que apresentam mais procura em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, destacam-se os cursos de Finanças da Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Economia, da Universidade do Minho, da Universidade do Porto / Faculdade de Economia e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, qualquer um deles com efetivos totais superiores a 100 neste período de análise.

O posicionamento do ISCAP na área de Contabilidade e Fiscalidade é bastante significativo no que respeita à procura de cursos de Mestrado de 2º ciclo. Os dois Mestrados 2º ciclo lançados em 2008/9 são de Auditoria e de Contabilidade e Finanças, com respetivamente, totais de 256 e 198 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período em análise.

No caso do curso de Auditoria, o ISCAP concorre diretamente com os cursos do IP do Cávado e Ave/ Escola Superior de Gestão, do IP de Lisboa / ISCAP de Lisboa e da Universidade Católica Portuguesa / Faculdade de Economia e Gestão, neste caso com o curso de Mestrado de 2º ciclo de Auditoria e Fiscalidade. O total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso de Mestrado 2º ciclo de Auditoria do ISCAP, no total deste período de análise, representa cerca de 54,9% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos cursos referidos.

No caso dos cursos de Mestrado 2º ciclo de Contabilidade e Finanças, o peso dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso do ISCAP é ligeiramente inferior, representando cerca de 41, 4% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, nos anos de 2006/7 a 2010/11, num conjunto de 7 cursos de Mestrado 2º ciclo de Contabilidade e Finanças existentes nas Universidade de Coimbra/ Faculdade de

Economia, IP do Cávado e Ave/ Escola Superior de Gestão, IP de Bragança /Escola Superior de Tecnologia e de Gestão de Bragança, IP de Santarém/ Escola Superior de Gestão e Tecnologia de Santarém, IP de Setúbal / Escola Superior de Ciências Empresariais e IP de Viana do Castelo/ Escola Superior de Tecnologia e Gestão.

Os Mestrados 2º ciclo na AEF de Gestão e Administração a funcionar no ISCAP, no ISEP, na ESE e na ESTSP, os quais, na maioria, iniciaram o seu funcionamento em 2010/11, totalizam os 315 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez e representam nos últimos anos, de 2009/10 e 2010/11, uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez respetivamente de 4,5% e de 5%. Os cursos de Administração de Organizações Educativas da ESE e de Empreendedorismo e Internacionalização do ISCAP não apresentam concorrência direta de outros cursos dentro desta AEF. No caso do curso de Logística do ISCAP, a concorrência é exercida por um curso similar do IP de Viana do Castelo/ Escola Superior de Ciências Empresariais, partilhando cada um deles cerca de 50% da quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez. No caso dos cursos de Gestão das Organizações do ISCAP e da ESTSP, sendo que o curso desta segunda escola apresenta um volume de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez muito superior, de qualquer modo, os dois cursos apenas representam cerca de 17,6% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cursos de Gestão das Organizações atualmente a funcionar no mercado. Por fim, no caso do curso de Gestão de Processos e Operações do ISEP, existe o curso de Gestão de Operações da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão, mas a diferença ao nível do efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é bastante diversa, respetivamente 107 e 30 alunos.

Ainda dentro desta AEF os cursos de Mestrado 2º ciclo que apresentam maiores efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez são os cursos de Gestão da Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Economia, da Universidade Católica Portuguesa /Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (com um total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período em análise, respetivamente, de 551, 501 e 324) e os cursos de Gestão de Empresas da Universidade de Évora e do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (com um total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período em análise, respetivamente, de 370 e 318 alunos).

O ISCAP mantém ainda um curso de Mestrado 2º ciclo de Assessoria de Administração na AEF de Secretariado e Trabalho Administrativo, que não tem uma concorrência direta no mercado e que representa cerca de 80% da quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em 2010/11 e cerca de 40% do efetivo total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em mestrados de 2º ciclo desta área de educação e formação, durante o período em análise.

No caso da EAF de Direito, o IPP não apresenta qualquer oferta de Mestrados 2º ciclo, sendo que no caso da solicitadoria, no período em análise, existem três cursos de Mestrado de 2º ciclo no mercado, na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, no Instituto Politécnico do Cávado e Ave / Escola Superior de Gestão e no Instituto Superior de Ciências da Administração, que totalizam 108 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez.

d) Dentro do Grupo das Ciências, Matemática e Informática, o ISEP mantém o curso de Mestrado 2º ciclo de Computação e Instrumentação Médica, único curso do IPP nesta AEF, que mantém uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez crescente, de 3,8% e 4,2% respetivamente em 2009/10 e 2010/11. Dentro desta área específica da informática relacionada com a medicina, apenas a Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências mantém o curso de Mestrado 2º ciclo de Tecnologias de Informação Aplicadas às Ciências Biomédicas e Médicas, mas com um efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, no conjunto dos 5 anos letivos analisados, de praticamente metade dos efetivos equivalentes no curso do ISEP.

e) Dentro do Grupo da Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção o IPP mantém uma presença ao nível dos cursos de Mestrado 2º ciclo que não abrange todas as AEF consideradas. As escolas que dispõem destes cursos são o ISEP, a ESEIG e a ESTSP.

No caso do ISEP o curso de Mestrado 2º ciclo de Construções Mecânicas representa uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de cerca de 185 no ano de 2010/11, superior ao ano letivo anterior e não sofre de concorrência direta no mercado. Os cursos de Mestrado 2º ciclo de Engenharia Eletrotécnica: Sistemas Elétricos e Energia e de Energias Sustentáveis representam uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de cerca de 13,2% no ano

2010/11, quota esta superior à dos anos anteriores. Dentro do segmento da energia, o mercado dispõe de uma diversidade significativa de cursos de mestrado 2º ciclo e o efetivo em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez do curso do ISEP representa, no total do período em análise, cerca de 12,1% do total. O curso com maior efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é o de Energia e Bioenergia da Universidade Nova de Lisboa /Faculdade de Ciências e Tecnologia. No caso dos cursos de Eletrotécnica, o efetivo em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez do curso do ISEP é muito significativo, representando cerca de 50,2% do total.

O ISEP e a ESEIG dispõem de alguns cursos de Mestrado 2º ciclo integrados na AEF de Eletrónica e Automação que lhe conferem uma quota de mercado em termos de número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de aproximadamente 18% desde o ano de 2008/2009. Os cursos do ISEP de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores e Engenharia Informática estão entre o conjunto de cursos de Mestrado 2º ciclo nesta AEF que mantém números mais elevados de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, superiores a 300 alunos no conjunto dos 5 anos analisados. Os outros cursos com um desempenho equivalente são os de Engenharia Informática e de Computadores da Universidade Técnica de Lisboa/ Instituto Superior Técnico e Instituto Superior Técnico (instalações do Tagus Park), que no conjunto totalizam 905 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período, e o curso de Engenharia Informática, da Universidade de Lisboa / Faculdade de Ciências.

Na AEF de Tecnologia e Processos Químicos o curso de Mestrado 2º ciclo de Engenharia Química do ISEP apresenta o volume mais elevado de efetivos em alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dentro desta área de educação e formação, com 192 alunos no total de 5 anos considerados, representando cerca de 70% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de mestrado 2º ciclo de Engenharia Química neste período. O curso de Mestrado 2º ciclo de Tecnologia Bioquímica em Saúde da ESTSP, embora com um peso bastante mais reduzido em termos de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, mantém um posicionamento interessante porque não tem concorrência direta no mercado. Nesta AEF a quota de mercado do IPP no que respeita aos cursos no nível de formação de Mestrado 2º ciclo é menos representativa, da ordem dos 3,4% em 2010/11.

Dentro da AEF de Industrias Extrativas o posicionamento do ISEP em matéria de formação de Mestrados 2º ciclo é muito representativo, na medida em que o curso de Engenharia Geotécnica e Geoambiente mantém uma quota de mercado de 46,7% em 2010/11, embora significativamente inferior aos anos anteriores. Em termos de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, nos 5 anos considerados, este curso representa 60,5% do total de alunos em mestrados 2º ciclo desta área.

Por fim, na AEF da Construção Civil e Engenharia Civil, o posicionamento do ISEP com o curso de Mestrado 2º ciclo de Tecnologia e Gestão das Construções é também bastante representativo. A quota de mercado em termos de número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é de 14,6% no ano de 2010/11, superior ao ano anterior (primeiro ano de funcionamento do curso). Quanto aos efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos cinco anos, é dos mais elevados, igual a 144, apenas ultrapassado pelos 242 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, para o mesmo período, no curso de Mestrado 2º ciclo de Engenharia Civil do IP de Lisboa / Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

f) Passando ao Grupo da Saúde e Proteção Social, os cursos de Mestrado 2º ciclo que o IPP dispõe integram a oferta da ESTSP e da ESE.

No primeiro caso, tratam-se dos cursos de Mestrado 2º ciclo de Fisioterapia e de Terapia Ocupacional, que representam uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez na AEF de Terapia e Reabilitação de cerca de 14,2%, no ano de 2010/11, e do curso de Aconselhamento e Informação em Farmácia, que funcionou em 2009/10, com uma quota de mercado na AEF de Ciências Farmacêuticas de 11,7%. Estes cursos, lecionados na ESTSP, mantêm nos dois primeiros casos alguma concorrência no mercado. Nos dois casos, os cursos da ESTSP são os que mantêm mais efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dentro dos 5 anos analisados, respetivamente 35,1% e 74,6% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em curso similares. A procura concorrente no caso do curso de Fisioterapia é distribuída pelos cursos do IP de Coimbra / Escola Superior de Tecnologia de Saúde de Coimbra, do IP de Lisboa / Escola Superior de Tecnologia de Saúde de Lisboa, da Universidade Fernando Pessoa / Escola Superior de Saúde, do IP de Setúbal /Escola Superior de Saúde e da Escola Superior de Saúde do Alcoitão. No caso do curso de Terapia Ocupacional, a procura no mercado é partilhada com o curso da Escola Superior de Saúde do Alcoitão.

Por sua vez a ESE dispõe do curso de Mestrado 2º ciclo de Educação e Intervenção Social, que teve início no ano 2010/11, com efetivos de 29 alunos, representando uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 7,9% na AEF de Trabalho Social e Orientação. Dentro desta área de educação e formação os cursos de Mestrado 2º ciclo que têm mais efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, durante o período em análise, são os cursos de Serviços Social da Universidade Lusíada e dos ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

g) Por fim, dentro do Grupo de Serviços o IPP apenas apresenta dois cursos de Mestrado 2º ciclo, um de Gestão Integrada da Qualidade, Ambiente e Segurança, o funcionar na ESTGF, inserido na AEF de Tecnologia de Proteção do Ambiente, que em 2010/11 representou uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 12% e outro, de Ambiente, Higiene e Segurança no Meio Escolar, a funcionar na ESTSP, integrado na AEF de Segurança e Higiene no Trabalho e que apresenta em 2010/11 uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 4%.

O posicionamento do IPP neste período nas AEF de Turismo e Lazer, de Desporto e de Serviços de Saúde Pública é limitado à formação de 1º ciclo.

3.4.2. LICENCIATURAS 1º CICLO

A análise da procura no segmento e Licenciaturas 1º ciclo com base neste mesmo indicador dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez procura destacar o posicionamento das escolas do IPP em termos de quotas de mercado e no conjunto de instituições de ensino superior e de cursos que detêm maior volume de efetivos no total do período de cinco anos letivos analisados.

A Licenciatura 1º ciclo de Ensino Básico da ESE representa uma quota de mercado de cerca de 4,6% em 2010/11, que se mantém relativamente inalterada no período analisado. O efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste mesmo período representa cerca de 3,8% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em curso de Licenciatura 1º ciclo de Ensino Básico. O curso da ESE insere-se no grupo de 13 cursos de Licenciatura 1º ciclo de Ensino Básico com volumes de efetivos de alunos no conjunto dos 5 anos mais elevados, superiores a 300.

Os cursos de Licenciaturas 1º ciclo de Educação Musical e de Educação Visual e Tecnológica da ESE representam uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 18% e 18,9%, respetivamente em 2009/10 e 2010/11. Estes dois cursos apresentam números de efetivos dos mais elevados para o período em análise dentro de cada um dos segmentos de mercado respetivos.

Na AEF de Artes do Espetáculo, os 8 cursos de Licenciatura 1º ciclo que funcionam na ESMAE representam uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de cerca de 10,4%, ligeiramente abaixo da quota dos anos anteriores. O curso de Licenciatura 1º ciclo de Música, Variante instrumento mantém um número de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, no período de anos entre 2006/7 e 2010/11, muito próximo de 200, situando-se dentro do grupo de 14 cursos desta AEF que mantém um número de alunos inscritos no 1º ano pelas 1ª vez para o conjunto dos 5 anos superior a 100. Os restantes cursos apresentam quotas de procura em termos deste indicador bastante mais reduzidas, inferiores a 100 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos 5 anos.

Já relativamente aos cursos de Licenciatura 1º ciclo que o IPP mantém na AEF de Áudio-visuais e Produção dos Media, a quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é inferior à referente à AEF anterior, não ultrapassando neste período em análise os 3,5% (valor para o ano de 2009/10). O curso de Licenciatura 1º ciclo de Tecnologia de Comunicação Audiovisual, atualmente lecionado na ESMAE, mantém um número de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos 5 anos superior de 142, mas são inúmeros os cursos de Licenciatura 1º ciclo que dentro da mesma AEF mantêm um número de efetivos total para este mesmo período superior ao deste curso.

No que respeita ao curso de Licenciatura 1º ciclo de Design da ESEIG a quota de mercado na AEF de Design em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez situa-se também, de forma idêntica, próxima ou igual aos 3%. Este curso tem um número de efetivos total para os 5 anos em termos

de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez de 228, mas representa uma percentagem de apenas 5,7% do total de efetivos para os 5 anos nos cursos de Design (sem qualquer especialização). Neste segmento de mercado, o curso de Design da Escola Superior de Design atinge um número de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o mesmo período de 1324 alunos, representando cerca de 33,1% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos 5 anos em curso de Licenciatura 1º ciclo de Design.

Os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa da ESE, em regime normal e pós-laboral, inseridos na AEF de Língua e Literatura Materna, atingem uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez que representa 7,1% no ano de 2010/11, ligeiramente mais baixa dos que nos anos anteriores. Os efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez durante os cinco anos em análise representam cerca de 78,2% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em curso de Licenciatura 1º ciclo de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portugueses.

Dentro do grupo de áreas de educação e formação de Ciências Sociais, Comércio e Direito, destaca-se o posicionamento do IPP nas AEF de Comércio, de Contabilidade e Fiscalidade, de Secretariado e Trabalho Administrativo e de Ciências Empresariais no que se refere às quotas de mercado de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo, respetivamente 37,4%, 24%, 24,3% e 58,1% para o ano letivo de 2010/11. Nas restantes AEF em que o IPP dispõe de cursos de Licenciatura 1º ciclo dentro deste grupo, as percentagens de quota de mercado, no mesmo ano letivo, são significativamente mais baixas, incluindo 13,9% na AEF de Biblioteconomia, Arquivo e Documentação, 6,5% na AEF de Marketing e Publicidade, 3,4% na AEF de Gestão e Administração e 3,4% na AEF de Direito.

No caso da Licenciatura 1º ciclo de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação da ESEIG, o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cinco anos analisados é de 150 alunos, ultrapassado pelos cursos de Ciências da Informação e da Documentação da Universidade Aberta, com 730 efetivos para o mesmo período, de Ciência da Informação da Universidade do Porto / Faculdade de Letras, com 198 efetivos e de Ciência da Informação, Arquivística e Biblioteconomia da Universidade de Coimbra /Faculdade de Letras, com 158 efetivos.

O curso de Licenciatura 1º ciclo de Comércio Internacional do ISCAP, em regime normal e pós-laboral, atinge no conjunto 267 efetivos em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período entre 2006/7 e 2010/11, número bastante superior ao número de efetivos do curso de Licenciatura de Relações Comerciais Internacionais do Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo, que totaliza, nesse período, apenas 35 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez.

Dentro da AEF de Marketing e Publicidade, o curso de Licenciatura 1º ciclo de Marketing do ISCAP, em regime normal e pós-laboral, atinge para o período de 5 anos em análise um total de 571 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez. Dentro do segmento de cursos de Licenciatura 1º ciclo de Marketing (sem qualquer especialização), o curso do ISCAP é o que apresenta maior número de efetivos em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste mesmo período, representando cerca de 19% do total.

Já no que respeita à AEF de Contabilidade e Fiscalidade, os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Contabilidade e Administração do ISCAP e do IP de Lisboa/ ISCAL são os únicos que apresentam níveis de procura mais elevados, com efetivos em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez entre 2006/7 e 2010/11 superiores a um milhar, respetivamente 1196 e 1178 alunos. Considerando o total de cursos de Licenciatura 1º ciclo de Contabilidade e Administração do ISCAP e da ESEIG, em regime normal e pós-laboral, o número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o mesmo conjunto de anos letivos ascende a 1904, cerca de 41% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste cinco anos letivos em cursos de Licenciatura 1º ciclo de Contabilidade e Administração.

No caso dos cursos de Licenciatura 1º ciclo integrado na AEF de Gestão e Administração que o IPP dispõe, o nível de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o período e 5 anos em análise é relativamente moderado, não ultrapassando em qualquer um destes cursos o intervalo entre 200 e 400 alunos. O mais representativo é o curso de Licenciatura 1º ciclo de Ciências Empresariais da ESTGF que, no total dos cursos em regime normal e pós-laboral, atinge os 371 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período considerado. O menos representativo é o curso de Gestão do Património da ESE que, também nos dois regimes, atinge apenas 203 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos mesmos 5 anos.

O curso de Licenciatura 1º ciclo de Assessoria e Tradução do ISCAP, em regime normal e pós-laboral, apresenta um volume total de 349 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no conjunto dos 5 anos letivos analisados, representando o curso de Licenciatura 1º ciclo que dentro da AEF Secretariado e Trabalho Administrativo atinge o maior efetivo total de procura. Situação semelhante é verificada com o curso de Licenciatura 1º ciclo de Comunicação Empresarial também do ISCAP, e também em regime normal e pós-laboral, que totaliza 447 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período de 5 anos considerado e representa o curso com mais efetivos de procura na AEF de Ciências Empresariais.

No caso do curso de Licenciatura 1º ciclo de Solicitadoria da ESTGF, regime normal e pós-laboral, o número total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o período de 5 anos analisado é dos mais elevados dentro do segmento de cursos de solicitadoria, situando-se entre os 5 cursos com efetivos de alunos total no período superiores a 500 alunos – cursos de Licenciatura 1º ciclo de Solicitadoria do Instituto Politécnico do Cávado e Ave /Escolas Superior de Gestão, em regime normal e pós-laboral, do IP de Leiria, em regime normal e pós-laboral, do Instituto Superior de Ciências da Administração, só em regime normal e curso de Licenciatura 1º ciclo de Solicitadoria e Administração do IP de Coimbra / ISCAC.

O posicionamento do IPP na AEF de Ciências Informáticas é relativamente diminuto considerando o número total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nas duas Licenciaturas 1º ciclo que se iniciaram no ano de 2010/11, Engenharia de Sistemas do ISEP e Segurança Informática em Redes de Computadores (regime pós-laboral) da ESTGF, que não ultrapassa os 37 alunos.

Relativamente ao grupo de áreas de educação e formação de Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção as quotas de mercado que o IPP apresenta em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo, para o ano 2010/11, variavam entre um mínimo de 7,5% nas AEF de Eletricidade e Energia e de Tecnologia dos Processos Químicos e um máximo de 13,3% na AEF de Metalurgia e Metalomecânica. No caso das AEF de Eletrónica e Automação, de Construção e Reparação de Veículos a Motor e de Construção Civil e Engenharia Civil, a quota de mercado em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o mesmo ano letivo era, respetivamente de 11,9%, de 9,3% e de 8,4%.

Os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Mecânica da ESEIG e do ISEP, neste último caso em regime normal e pós-laboral, totalizam, no período de 2006/7 a 2010/11, 1139 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, o que representa cerca de 24,9% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Mecânica e 15% se no total se incluírem ainda o número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cursos de Mestrado integrado de Engenharia Mecânica. Durante este mesmo período, o curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Mecânica do ISEP, no conjunto dos dois regimes, ultrapassou em número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez o curso correspondente do IP de Lisboa / Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, também com dois regimes normal e pós-laboral (com respetivamente 973 e 958 alunos) e ultrapassou igualmente o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cursos de Mestrado Integrado de Engenharia Mecânica da Universidade Técnica de Lisboa / Instituto Superior Técnico e da Universidade do Porto /Faculdade de Engenharia (que totalizaram no período em análise, respetivamente, 937 e 721 alunos).

O curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Eletrotécnica – Sistemas Elétricos de Energia do ISEP atingiu o total de 324 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total deste período em análise, embora com um efetivo pouco representativo na relação com outros cursos de Licenciatura 1º ciclo dentro da mesma AEF.

No caso da AEF de Eletrónica e Automação o desempenho do IPP em matéria de procura, baseado no indicador dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, é relativamente significativo para os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores do ISEP e de Engenharia Informática do ISEP e da ESEIG, sendo que os três cursos mantêm regime normal e regime pós-laboral desde 2008/2009.

O curso de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, nos dois regimes, totalizou um efetivo de 958 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, o que representa cerca de 49,6% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total de cursos similares para o mesmo período e 16,9% se considerarmos nesse total os alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dos cursos de Mestrado integrado de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores. Apenas dois destes cursos de Mestrado integrado têm um número total de alunos

inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período de análise superior ao total dos efetivos do curso do ISEP, respetivamente o curso da Universidade Técnica de Lisboa /Instituto superior Técnico e da Universidade do Porto / Faculdade de Engenharia (com respetivamente 1102 e 1204 alunos).

Relativamente aos cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Informática do ISEP e da ESEIG, apresentam para o mesmo período um efetivo de 1600 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, sendo que destes 77,1% pertencem ao curso do ISEP. Em termos relativos com outros cursos de Engenharia Informática existentes no mercado, os efetivos nos dois cursos do IPP representam cerca de 14,8% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez e o curso do ISEP representa 11,4% desse total. O curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Informática do ISEP apresenta o valor mais elevado de total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período de cinco anos letivos, seguido imediatamente pelo curso da Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências e Tecnologia.

No caso da AEF de Tecnologia de Processos Químicos, os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Química do ISEP e de Engenharia Biomédica da ESEIG mantêm também desempenhos ao nível da procura neste segmento de mercado significativos. Cerca de 72,3% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Química são alunos do curso do ISEP e, se considerado o total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado Integrado de Engenharia Química para o mesmo período, essa percentagem mantém-se ainda nos 20,5%. O efetivo de 334 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Química do ISEP entre 2006/7 e 2010/11 é ultrapassado apenas pelos efetivos correspondentes dos cursos de Mestrado Integrado de Engenharia Química da Universidade Técnica de Lisboa /Instituto Superior Técnico e da Universidade do Porto / Faculdade de Engenharia (com respetivamente 354 e 375 alunos).

No caso do curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Biomédica da ESEIG, o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos 5 anos considerados representa uma percentagem de 12,5% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Biomédica nesse mesmo período e cerca de 10,1% se incluir os efetivos correspondentes dos cursos de Mestrado integrado de Engenharia Biomédica.

O ISEP dispõe de um curso de Licenciatura 1º ciclo em Engenharia Mecânica Automóvel, iniciado em 2009/10, que apresenta um efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total de anos entre 2006/7 e 2010/11 de 76 alunos. Dentro do segmento automóvel o curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Automóvel do IP de Leiria /Escola Superior de Tecnologia e Gestão ultrapassa bastante esse valor de efetivos, atingindo para o mesmo período 217 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez.

No caso da AEF das Industrias Extrativas, o curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Geotécnica e Geoambiente do ISEP é o curso com maior número de efetivos em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período de 5 anos, isto é, 157 alunos que representam cerca 45,6% do total na AEF em curso de Licenciatura 1º ciclo.

Quanto ao curso de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Civil do ISEP, este atinge nos dois regimes, normal e pós-laboral, um efetivo total de 816 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez, que representa cerca de 11,2% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Civil no período entre 1006/7 e 2010/11 e 7,6% se acrescentarmos a esses os efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos de Mestrado integrado de Engenharia Civil. Em termos dos efetivos por curso, só nos três cursos de Licenciatura 1º ciclo de Engenharia Civil do IP de Lisboa /ISEL e de Mestrado integrado de Engenharia Civil da Universidade Técnica de Lisboa /Instituto Superior Técnico e da Universidade do Porto / Faculdade de Engenharia é que o total de efetivos para este período é superior ao total do curso do ISEP (respetivamente, 1281 alunos nos dois regimes, normal e pós-laboral, 1087 e 1008 alunos).

Nas AEF do Grupo de Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção, como se descreveu atrás, a grande concorrência aos cursos do ISEP na ótica da procura é exercida pelos cursos de Licenciatura 1º ciclo do IP de Lisboa/ ISEL e pelos cursos de Mestrado integrado da Universidade Técnica de Lisboa /Instituto Superior Técnico e da Universidade do Porto / Faculdade de Engenharia.

Dentro do Grupo da Saúde e Proteção Social as quotas de mercado em termos dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dos cursos de Licenciatura 1º ciclo do IPP são variáveis. Do total de 13 cursos do IPP, 12 funcionam na ESTSP e o curso de Educação Social, em regime normal e pós-laboral, funciona na

ESE. A quota máxima na AEF de Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica preenchida pelos cursos de Licenciatura 1º ciclo da ESTSP é de 20,6%, seguida na AEF de Terapia e Reabilitação por uma quota de mercado de 8,5%, também dos cursos de Licenciatura 1º ciclo da ESTSP, na AEF de Trabalho Social e Orientação por uma quota de mercado de 5,4%, nesse caso com o curso de Licenciatura 1º ciclo da ESE e, por fim, na AEF de Ciências Farmacêuticas, por uma quota de mercado de 4,3%, dos cursos de Licenciatura 1º ciclo da ESTSP, em qualquer um dos casos para o ano letivo de 2010/11.

Dentro dos cursos de Licenciatura 1º ciclo da ESTSP na AEF de Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica, os que mantêm um número total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o total do período de 5 anos analisados mais significativo são os de Radiologia, de Análises Clínicas e de Saúde Pública, de Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica e de Cardiopneumologia, qualquer um deles com número superior à centena. Em cada um destes domínios de formação, o peso do total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para os 5 anos do curso da ESTSP no total de efetivos dos cursos similares é, respetivamente, 15,1%, 8,9%, 26,2% e 18,5% do total. No caso dos cursos de Licenciatura 1º ciclo de Radiologia, o curso da ESTSP é o que apresenta níveis de procura, em termos do total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período, mais representativo no respetivo segmento de mercado.

Já nos cursos de Licenciatura 1º ciclo da ESTSP dentro da AEF de Terapia e Reabilitação, o total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para o total do período de 5 anos analisados são respetivamente 155, 223 e 102. Nos diferentes segmentos considerados, o peso do total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez para os 5 anos do curso da ESTSP no total de efetivos dos cursos similares é, respetivamente, de 33,6%, de 7,6% e de 14,8%. No caso dos cursos de Licenciatura 1º ciclo de Terapia Ocupacional e de Terapia da Fala, os cursos da ESTSP são os que apresentam níveis de procura, em termos do total de efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período, mais representativos no respetivo segmento de mercado.

Ainda dentro deste grupo na AEF de Ciências Farmacêuticas, o curso de Licenciatura 1º ciclo de Farmácia, da ESTSP, apresenta um desempenho significativo em termos de procura. O valor total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste curso, entre 2006/7 e 2010/11, é 205, representando 17,5% do total de efetivos para os cursos de Licenciatura 1º ciclo de Farmácia. Dentro deste segmento, o curso da ESTSP é o que atinge um valor mais elevado de efetivos no mesmo período.

Por fim, no curso de Licenciatura 1º ciclo de Educação Social da ESE, dentro da AEF de Trabalho Social e Orientação, no conjunto dos dois regimes, normal e pós-laboral, acumula um total de 459 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez entre 2006/7 e 2010/11. Dentro do segmento de cursos de Licenciatura 1º ciclo de Educação Social, o total de efetivos do curso da ESE representa cerca de 16,5% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no conjunto de cursos similares no mesmo período. Em termos do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no mesmo período por curso, o curso da ESE apenas é ultrapassado pelo curso similar do IP de Bragança / Escola Superior de Educação de Bragança.

Analisando por fim a procura nos cursos de Licenciatura 1º ciclo do Grupo de AEF de Serviços, a performance do IPP é bastante mais reduzida. No caso da AEF de Serviços de Saúde Pública a quota de mercado em termos do número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez do curso de Saúde Ambiental da ESTSP é de 35,3% em 2010/11. Por sua vez, na AEF de Segurança e Higiene no Trabalho, a quota de mercado equivalente dos cursos de Segurança e Qualidade no Trabalho, no conjunto dos regimes normal e pós-laboral, é de 25,4%, enquanto que na AEF de Turismo e Lazer a quota de mercado equivalente do curso de Gestão das Atividades Turísticas do ISCAP, no conjunto de regimes normal e pós-laboral, é de 2,3% e na AEF de Desporto a quota de mercado equivalente do curso de Desporto da ESE é de 1,1%.

Nestes cursos de Licenciatura 1º ciclo os efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total de 5 anos considerados situa-se sempre entre uma e duas centenas de alunos, com exceção do caso do efetivo de alunos no curso de Gestão das Atividades Turísticas, que apenas totaliza 42 alunos no período considerado.

3.4.3. CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO, DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA E DE QUALIFICAÇÃO¹

O posicionamento do IPP neste segmento de mercado é relativamente moderado, apenas com presença em certas AEF e sem uma presença sistemática durante o período de anos letivos analisados, ou seja, entre 2006/7 e 2010/11.

O curso de Especialização pós-licenciatura (adiante designado de Especialização) de Desenvolvimento de Produtos Multimédia da ESTGF manteve nos três anos letivos de 2007/8 a 2009/10 uma quota de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez dos cursos de Especialização na AEF de Áudio-Visuais e Produção dos Media entre 5,3% e 9,2%. A procura traduzida no número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no total dos anos entre 2006/7 e 2010/11 é significativa, sobretudo nos cursos de Especialização similares do Instituto Superior da Maia, do IP de Leiria e do IP do Cávado e do Ave / Escola Superior de Tecnologia.

O curso de Especialização de Marketing Digital do ISCAP só apresenta alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no ano letivo de 2009/10, num total de 13 alunos, com uma quota de mercado que atinge os 5,4% do total nesse ano na AEF de Marketing e Publicidade. Apesar da falta de concorrência neste segmento, o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez é bastante reduzido.

Situação semelhante se passa com o curso de Especialização Tecnológica de Banca e Seguros da ESTGF, com 20 alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no ano letivo de 2009/10. No entanto neste caso, a concorrência é representativa, na medida em que o mercado oferece diversos cursos similares e o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso da ESTGF apenas representa 4,9% do total de alunos inscrito no 1º ano pela 1ª vez neste segmento.

A ESEIG no ano 2009/10 apresenta alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nos cursos de Especialização de Direção Hoteleira e de Informação Empresarial e a ESTGF, nesse mesmo ano, apresenta alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso de Especialização de Integração de Sistemas de Gestão. Esta mesma ESTGF apresenta ainda, nos anos letivos entre 2007/8 e 2009/10, alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso de Especialização Tecnológica de Aplicações Informáticas de Gestão. Nos três primeiros casos, dos cursos de Especialização, os efetivos de alunos são relativamente reduzidos, mas os cursos não têm concorrência direta de outros cursos similares. No caso do curso de Especialização Tecnológica da ESTGF o efetivo de alunos é relativamente superior, mas sofre concorrência direta de um número significativo de cursos similares.

Dentro da AEF de Ciências Informáticas, a ESTGF apresenta efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez durante o período de 5 anos, entre 2006/7 e 2010/11, em dois cursos de Especialização Tecnológica, curso de Instalação e Manutenção de Redes e Sistemas Informáticos e curso de Gestão de Redes e Sistemas Informáticos. No primeiro caso, o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez neste período é diminuto e a concorrência de cursos similares é muito diversa no mercado. No segundo caso, o efetivo de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez nesse mesmo período é muito mais significativa, representando cerca de 41,9% do total de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos similares, para além do que o curso da ESTGF, com alunos nos anos letivos de 2009/10 e 2010/11, é o que tem um total de efetivos para os cinco anos considerados mais elevado.

Em todas as restantes AEF analisadas, as Escolas do IPP não têm alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez em cursos dentro destes níveis de formação.

¹ Especialização pós-licenciatura e Qualificações para o exercício de outras funções educativas

4. O IPP FACE AOS GRANDES TRENDS CONDICIONADORES DO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO

4.1. ALGUMAS NOTAS SOBRE A TIPOLOGIA CONSIDERADA

A tipologia de *trends* de evolução considerada na abordagem QP resulta de uma leitura da empresa sobre o contexto que condiciona e impacta a atividade das instituições de ensino superior, constituindo uma tipologia possível entre outras que poderiam ser mobilizadas para o efeito. Um exercício desta natureza conduzido de modo mais “*bottom-up*” no interior da instituição certamente que conduziria a uma outra formalização. Daí que se admite que a reunião a realizar com o Grupo de Acompanhamento do Plano Estratégico em 6 de Dezembro de 2012 e os workshops/focus group a realizar em cada uma das 7 Escolas do IPP possa conduzir a algum afinamento da tipologia proposta. As 27 entrevistas já realizadas no interior da instituição sugeriram que a tipologia é operacional, não tendo suscitado nenhuma alteração substancial desta tipologia.

A abordagem QP a este problema integra como seria inevitável os contributos mais relevantes da literatura.

A OCDE tem-se distinguido nos tempos mais recentes pelo esforço continuado de mobilização do conhecimento científico e político mais pertinente para orientar as políticas educativas aos mais variados níveis. Os *trends* que a OCDE² considera que mais transversalmente condicionam os projetos educativos não se afastam muito da nossa tipologia:

- Dinâmicas de globalização;
- Novos desafios sociais;
- Transformações do mundo do trabalho;
- Transformações da infância e juventude;
- A próxima geração de TIC.

A tabela seguinte desenvolve segundo a já referida publicação da OCDE esses *trends* e declina-os com alguns desenvolvimentos.

É bom recordar que a análise da OCDE incide sobre todo o sistema educativo quando a nossa abordagem exige uma focagem sobre o ensino superior e sobre o tipo de formações que o IPP ministra.

O que queremos dizer com esta nota é que a tipologia considerada na abordagem QP tem cobertura nas abordagens que analisam prospetivamente o contexto da educação superior.

² OCDE (2010), Trends Shaping Education, Paris

| FATORES | DESENVOLVIMENTOS |
|---------------------------------------|---|
| Dinâmicas da globalização | Urbanização |
| | Crescente mobilidade de populações |
| | Desafios ambientais globais |
| | Desigualdades |
| | Economia global |
| | Novos poderes e transformação radical da geografia económica |
| Novos desafios sociais | Peso decrescente de jovens, peso crescente de velhos e queda da relação “população em idade ativa /população em idade de reforma” |
| | Padrões de despesa social em mutação |
| | Desigualdade crescente |
| | Novas formas de participação comunitária |
| | Índices crescentes de satisfação com a vida |
| Transformações no mundo do trabalho | Ciclos de vida em mutação com alteração de períodos de entrada na vida ativa, duração do desemprego e de reforma |
| | Diferentes padrões de flexibilidade |
| | Economias mais intensivas em conhecimento |
| | Massificação e internacionalização da educação superior |
| | Peso crescente de mulheres qualificadas |
| Transformação de infância e juventude | Vida em ambiente multifamiliar |
| | Famílias mais pequenas, pais mais velhos |
| | Obesidade crescente de jovens |
| | Condições de pobreza a condicionar padrões de qualificação de jovens |
| | Expectativas diversificadas relativamente à educação de jovens: trabalhar mais com mais imaginação |
| Nova geração de TIC | Em rota para o acesso universal |
| | Utilização crescente de computadores na escola e em casa |
| | Web em evolução para uma <i>Web</i> mundial |
| | Crescente participação <i>on line</i> |
| | O mundo no bolso de cada um |

A tipologia elaborada pela QP constrói-se a partir de “entradas” na investigação relevante sobre tendências impactantes da evolução do ensino superior politécnico, entendidos pela equipa técnica como “drivers” da evolução futura da instituição, passíveis de enquadrar e até de formatar. Trabalhámos, assim, sobre algumas linhas de força da pesquisa disponível, que podem considerar-se regularidades da investigação disponível. Alguns destes *drivers* estão já presentes nas diferentes estratégias de reatividade da instituição, outros poderão ter um reconhecimento mais difuso. De qualquer modo, estes fatores tenderão a impactar o ensino superior politécnico pelo que o reposicionamento do IPP dificilmente os poderá ignorar.

A tipologia proposta para este exercício integra as seguintes entradas:

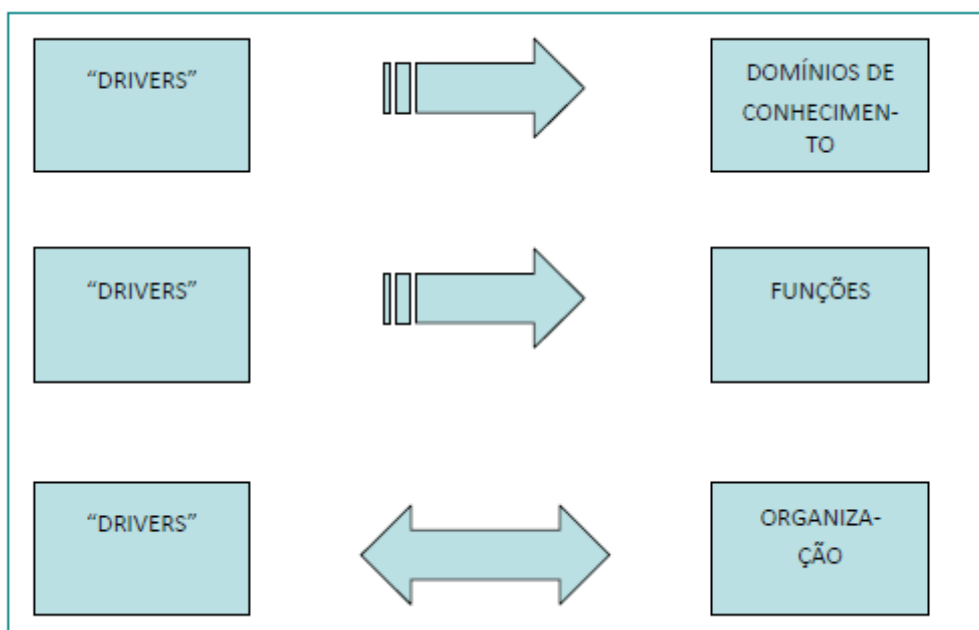
- Transformações nos processos e nos mercados de trabalho;
- Novos empregos, novas necessidades sociais, novas procuras;
- Tendências demográficas e territoriais;
- Aprendizagem ao longo da vida;
- Evolução das TIC;

- Criatividade, inovação e formação;
- Economia nacional e regional e programação 2020
- Sustentabilidade
- Investigação científica e sistemas (nacional e regional) de inovação
- Inovação e desenvolvimento social
- Organização do ensino superior

A metodologia proposta opera segundo a seguinte sequência:

- Declinação da tendência;
- Avaliação dos impactos na instituição de natureza transversal;
- Impactos na oferta formativa e investigação por Escola.

A figura seguinte ilustra o alcance da metodologia proposta. Em última instância, os drivers identificados impactarão a instituição IPP através de 3 vias: a dos domínios de conhecimento (com influência sobretudo na oferta formativa e investigação), nas funções (educação, investigação, formação e articulação com o meio, naturalmente por Escola) e interagirão por fim com o próprio modelo organizacional.



4.2. TRANSFORMAÇÕES NOS PROCESSOS E NO MERCADO DE TRABALHO

4.2.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

A caixa seguinte ventila os principais elementos que diferenciam este *driver*:

- Complexidade de formas de organização (autonomia, trabalho em rede, trabalho em equipa, enriquecimento de funções, polivalência funcional, trabalho *free lancer*, trabalho pontual)
- As universidades oferecem qualificações, as organizações procuram competências
- Cada vez mais um contexto global de oportunidades
- Relevância crescente da componente tecnológica
- Importância das competências transversais (comunicação, relacionamento, adaptabilidade, saber-agir e saber-estar, ...)
- Atividades e ocupações versus empregos: “precarização” e “atipicidade” das relações contratuais
- Balanço contínuo de competências e navegação profissional: capacidade de aprender com a experiência
- Necessidades de formação “*in company*” cada vez mais insistentes
- Trabalho à distância: o mundo estará mesmo a ficar “plano” (Friedman, 2005)?
- Multiplicação dos saberes - fazer necessários e relevância do saber - agir em contexto de trabalho e da criatividade
- Sérias dificuldades experimentadas pela generalidade das PME para internalizarem estruturas capazes de assegurar a gestão de recursos humanos e de formação compatíveis com estes desafios

A crise atual amplifica a incidência das dimensões de impacto em que este driver pode ser declinado. Ressalta sobretudo a sobreposição das duas dimensões de base: não há só alterações dos processos de trabalho, elas sobrepõem-se com o agravamento radical das condições do mercado de trabalho, com regresso a uma dimensão estrutural do desemprego, incremento da taxa de desemprego e subida acentuada das taxas de desemprego juvenil. Assiste-se, por outro lado, à confirmação das trajetórias atípicas e irregulares de passagem pelo mercado de trabalho e ao não reconhecimento pelo mercado do incremento das qualificações.

Se pretendermos sintetizar a incidência deste driver poderíamos fazê-lo usando a seguinte máxima:

SAVOIR Y FAIRE para um mercado de trabalho cada vez mais flexível, atípico e globalizado.

4.2.2 IMPACTOS

4.2.2.1. Nas funções exercidas

Este *driver* tem sobretudo impactos transversais na instituição como um todo, que suplantam claramente os que se produzem em cada uma das Escolas do IPP:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>Complementaridade necessária com competências transversais e “<i>soft skills</i>”</p> <p>Bases curriculares mais flexíveis e com menor rigidez de conteúdos</p> <p>Disciplinas transversais de projeto ministradas como espaços de aplicação e integração de conhecimentos adquiridos nos cursos: projetos de formação e de vida</p> <p>Incentivo à utilização de TIC</p> <p>Articulação curricular com experiências e estágios em posto de trabalho</p> <p>Fórmulas mais assistidas e tutoriais de processos e momentos de autoformação</p> <p>Necessidade/oportunidade de criação de ambientes pedagógicos suscetíveis de afirmar contextos favoráveis ao SAVOIR Y FAIRE</p> <p>Espaço para formações de licenciatura e mestrado com contratualização empresarial</p> <p>Componente de educação para o mercado global claramente reforçada</p> |
| Investigação | <p>Com exceção do domínio da gestão de recursos humanos, a instituição não tem propriamente áreas de investigação - chave suscetíveis de trabalhar em profundidade os desenvolvimentos analíticos deste driver; as ciências empresariais e as ciências da educação podem aspirar a alguns desenvolvimentos</p> |
| Formação contínua | <p>O IPP tem na formação contínua o espaço de maior oportunidade para explorar as oportunidades associadas a este <i>driver</i> de evolução; espaço preferencial para processos de formação articulados com processos de balanço de competências individuais e reorientações de navegação profissional; trabalhar o conceito de navegação profissional</p> <p>Formação contínua à medida “<i>in company</i>” com grande potencial de desenvolvimento na instituição e instrumento preferencial de articulação com o meio empresarial</p> <p>Incremento da procura de formações de reciclagem e reorientação de vida profissional para profissões mais atingidas pelo desemprego estrutural (professores, por exemplo)</p> |
| Articulação com o meio | <p>As considerações produzidas a propósito da formação contínua constituem simultaneamente uma oportunidade para que a resposta a este driver de evolução constitua um fator poderoso de fortalecimento da articulação do IPP com o meio</p> <p>Espaço também para que a internacionalização de algumas Escolas possa transformar-se em fator de marca pedagógica: formar com referenciais da economia global</p> <p>Condições para um novo ciclo de relacionamento do IPP com os seus ex-diplomados, operacionalizando o conceito de navegação profissional do ponto de vista de instituição presente nos processos de formação associados</p> |

As principais implicações deste driver de evolução são organizacionais ao nível da instituição. Funções transversais como a formação contínua e a articulação com o meio são desafiadas. Práticas pedagógicas, igualmente. Estamos perante um espaço preferencial de reforço da transversalidade no interior do IPP assumindo as fórmulas organizacionais mais adequadas.

4.2.2.2. Nas áreas de ensino e investigação /Escolas

Tal como foi anteriormente referido, não são propriamente os impactos por Escola que interessa relevar neste *driver* de evolução, mas antes as implicações para a transversalidade que apresentam um maior potencial. De qualquer modo, apresentam-se na tabela seguinte alguns dos impactos /oportunidades por Escola do IPP, com ênfase nos domínios da oferta formativa e da investigação.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|--|
| ESE | A construção de plataformas pedagógicas para o SAVOIR Y FAIRE e a operacionalização das implicações formativas (formação contínua) da navegação profissional constituem domínios de investigação com relevo para a ESE |
| ESEIG | Considerando que a gestão de recursos humanos pode constituir um dos focos do posicionamento da ESEIG e que a questão dos recursos humanos é das mais impactadas por este <i>driver</i> de evolução, parece-nos ser por esta via que a Escola pode tirar melhor partido dos desafios/oportunidades associados a este <i>trend</i> . |
| ESMAE | A ESMAE é provavelmente a Escola que lida há mais tempo com algumas das realidades suscitadas por este <i>trend</i> de evolução dada a precariedade habitual com que as profissões artísticas se confrontam praticamente desde sempre. Para além disso, as condições pedagógicas da ESMAE são congenitamente de SAVOIR Y FAIRE e o contexto pedagógico e de funcionamento da Escola são estruturalmente diferenciadores |
| ESTGF | Será em torno da sua privilegiada inserção no meio empresarial local que a ESTGF pode capitalizar melhor os desafios deste <i>trend</i> . Quanto mais “ <i>embedded</i> ” for a atividade da Escola mais provável é a possibilidade de solicitações de formação contínua “ <i>in company</i> ” serem concretizadas, sob o ambiente de confiança (trust) que o capital social da proximidade pode assegurar. |
| ESTSP | Um dos focos diferenciadores da oferta formativa da ESTSP reside no contexto de equipamentos e de praticamente simulação de condições de trabalho em que parte da oferta formativa é concretizada; neste aspeto, tem condições para uma oferta formativa dominada por um ambiente de SAVOIR Y FAIRE . |
| ISCAP | Pelo menos no domínio da contabilidade, o ISCAP dispõe há longo de experiência de oferta formativa com práticas pedagógicas ajustadas ao SAVOIR Y FAIRE através dos processos de simulação empresarial; tem portanto capital de experiência que pode estender e generalizar para outros domínios de oferta formativa |
| ISEP | Não se trata de um <i>driver</i> com particulares consequências para o âmbito de afirmação do ISEP; a articulação com os domínios de oferta formativa e de investigação do ISEP faz-se de modo genérico pelas implicações que o <i>trend</i> acarreta em termos do paradigma tecnológico e o que isso representa em termos de potencial de formação “ <i>in company</i> ” que o ISEP apresenta. |

4.3. NOVOS EMPREGOS, NOVAS NECESSIDADES SOCIAIS, NOVAS PROCURAS

4.3.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Este *driver* tem fortes ligações com o anterior, podendo mesmo registar-se alguma sobreposição.

A sua abordagem em separado justifica-se pelo facto da crise atual da economia mundial poder ocultar uma eventual transição para um novo ciclo longo do capitalismo, do qual os contornos principais, os setores motores e os “inputs-chave” não são ainda conhecidos. Por conseguinte, estamos perante *trends* de evolução ainda não estruturados, sobre os quais é difícil definir a sua importância relativa futura. Para além disso, levanta-se o problema de saber como a economia portuguesa interagirá com a eventual transformação do ciclo longo da economia mundial e do capitalismo em geral. Daí a interação existente entre este *trend* e o da evolução macro da economia nacional e regional (ver secção própria).

- Sociedade do e para o conhecimento ela própria em profunda mutação
- Domínios promissores: nanotecnologias e suas relações com a medicina inovadora por via do desenvolvimento da biotecnologia, energia, ambiente/eco-inovação; economia e empregos verdes; economia de baixo carbono; empreendedorismo de base tecnológica; gestão internacional e domínio das diferentes frentes de internacionalização das empresas; gestores da “navegação profissional”; modelos de agricultura ambientalmente “amigáveis”; geriatria
- Domínios reequilibradores: artes, ciências sociais e humanas (Martha Nussbaum, *Not for profit – why democracy needs the humanities*, 2010)
- Novos empregos e serviços de proximidade: saúde e cuidados primários; saúde comunitária; mobilidade de proximidade; regimes ambulatoriais de assistência a idosos isolados
- Competências cruzadas com formações mais matriciais
- Empreendedorismo social e voluntariado
- Empregos para a multiculturalidade
- Relevo crescente dos empregos no setor cultural e criativo

As incidências deste *driver* são mais ricas do que as do anterior, já que combina impactos transversais em termos de grandes opções para o posicionamento da instituição, com desafios e oportunidades em matéria de ofertas formativas e até de prioridades de investigação que podem influenciar significativamente o foco de cada uma das Escolas.

Trata-se ainda de uma tendência de evolução que pode conduzir a opções de maior transversalidade na conceção e operacionalização de ofertas formativas, assegurando um aproveitamento mais integrado dos recursos de conhecimento existentes na instituição.

4.3.2 IMPACTOS

4.3.2.1. Nas funções exercidas

Praticamente todas as funções envolvidas na atividade do IPP são impactadas por este *driver*, embora possamos dizer que são as ofertas formativas e a investigação as que suscitam maiores desafios/oportunidades.

A tabela seguinte procura diferenciar esses impactos pelas quatro funções consideradas no modelo analítico proposto:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>O facto do IPP integrar no seu seio uma Escola de Engenharia com o alcance do ISEP e uma Escola na área da saúde como a ESTSP, devidamente articuladas com formações na área das ciências sociais (particularmente ESMAE, ESE, interculturalidade no ISCAP e alguns domínios de oferta formativa na ESTGF e na ESEIG), coloca o IPP em situação favorável para conceber e operacionalizar ofertas formativas suscetíveis de responder a novas necessidades e novas procuras suscitadas no âmbito deste <i>trend</i></p> <p>O diálogo entre formações tecnológicas puras e duras e os domínios reequilibradores das artes e das ciências sociais e humanas (Nussbaum, 2010) não está ao alcance de uma qualquer instituição de ensino superior e o IPP está nessa posição favorável, acaso consiga promover internamente esse diálogo</p> <p>O potencial da ESTSP para os diferentes domínios da saúde comunitária e da reabilitação social deve ser destacado, ocupando um espaço do qual a Faculdade de Medicina e o próprio ICBAS se estão progressivamente a afastar, embora este último tivesse essa prioridade na sua constituição inicial</p> |
| Investigação | <p>Espaço de oportunidade para que a interação oferta formativa – investigação possa organizar a resposta da instituição às oportunidades suscitadas em matéria de novas necessidades - novas procuras; ou seja, existem recursos de investigação para que essa resposta a dar na base de novas ofertas formativas possa ser concretizada com suporte consistente de investigação</p> |
| Formação contínua | <p>O espaço de oportunidade para a instituição está na capacidade de fornecer ao mercado domínios de formação contínua nos temas suscitados por este <i>driver</i>, formação essa destinada a licenciados e técnicos intermédios interessados em minimizar as suas carências de formação face às novas procuras</p> <p>Espaço relevante de oportunidade de formação para a reorientação profissional de professores sem perspetivas de colocação no mercado de trabalho da profissão</p> |
| Articulação com o meio | <p>Estamos perante os domínios de futuro na articulação do IPP com o meio, já que às novas necessidades e novas procuras de qualificações corresponderá a emergência de novas instituições da sociedade civil e de uma nova geração de políticas públicas</p> <p>O IPP pode mesmo ser elemento motor dessa inovação institucional, catalizando energias nesse sentido e participando pioneiramente nessa dinâmica institucional</p> |

Uma leitura cruzada dos elementos analíticos anteriores permite concluir que a resposta da instituição aos desafios/oportunidades enunciados constituirá um dos eixos mais promissores de reposicionamento da instituição com repercussões significativas na sua oferta formativa futura e nas prioridades da sua investigação.

4.3.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

Vejamos agora como é que estes espaços de oportunidade podem ser declinados por Escola, explorando sobretudo a sua projeção nas ofertas formativas e na investigação.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|--|
| ESE | <p>O empreendedorismo social e voluntariado continuam carenciados de ofertas formativas (preferencialmente de 2º ciclo) dotadas de investigação consistente que possam responder a uma necessidade que o contexto atual e futuro da sociedade portuguesa irá tender a acentuar</p> <p>Há no IPP um espaço de cooperação de recursos, envolvendo o contributo da ESE mas também o da ESTSP e ISCAP (psicologia), ISCAP; ESEIG e ESTGF (ciências empresariais) e também o de uma possível Escola de Empreendedorismo no IPP para a construção de uma formação de 2º ciclo nesta matéria com reduzida oferta concorrencial no mercado</p> |
| ESEIG | Focagem nas formações de 1º e 2º ciclos na área dos recursos humanos do perfil profissional “gestor da navegação profissional” |
| ESMAE | <p>Papel central da ESMAE na criação de uma dimensão criativa em toda a atividade formativa do IPP, dialogando com a componente tecnológica e “<i>for profit</i>” das ofertas formativas</p> <p>Formações de resposta ao relevo crescente dos empregos no setor cultural e criativo</p> |
| ESTGF | Gestão internacional e domínio das diferentes frentes de internacionalização das empresas: focagem acrescida nas formações em ciências empresariais |
| ESTSP | Papel central na promoção de novas ofertas formativas alimentadas por investigação relevante nas áreas dos novos empregos e serviços de proximidade: saúde e cuidados primários; saúde comunitária; mobilidade de proximidade; regimes ambulatoriais de assistência a idosos isolados |
| ISCAP | <p>Gestão internacional e domínio das diferentes frentes de internacionalização das empresas: focagem acrescida nas formações em ciências empresariais, em línguas com reforço de capacidade de resposta ajustadas à progressiva influência das economias emergentes e em marketing intercultural</p> <p>Papel crucial do Centro de Estudos Interculturais no suporte de investigação para a formatação de ofertas formativas ajustadas aos novos empregos da multi e interculturalidade</p> |
| ISEP | <p>É no ISEP que está concentrada a massa crítica mais relevante para a formatação de ofertas formativas nas áreas tecnológicas que anunciam novos paradigmas e novos inputs-chave para o crescimento económico a longo prazo: nano e biotecnologias; energia e sustentabilidade; empreendedorismo de base tecnológica; economia do mar</p> <p>Ver articulação com o driver da evolução da macro- economia nacional e regional</p> |

O que ressalta dos elementos analíticos anteriores é que os espaços de oportunidade envolvem predominantemente a mobilização de recursos de conhecimento para além do campo de influência de uma Escola em particular, exigindo a cooperação entre recursos de diferentes Escolas (de novo o apelo da transversalidade).

4.4. TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS E TERRITORIAIS

4.4.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

A relevância deste *driver* advém essencialmente de duas razões:

- A transição demográfica em que a sociedade portuguesa se encontra, com descida prolongada da taxa de fertilidade, progressos na esperança de vida à nascença e consequente envelhecimento progressivo da população, está já a impactar a procura de formação superior em Portugal, mesmo admitindo que, percentualmente, os jovens entre os 18 e os 24 anos possam frequentar mais o ensino superior; a crise prolongada em que a economia e sociedade portuguesas estarão mergulhadas no futuro próximo tende a agravar esse cenário demográfico;
- O IPP tem uma estratégia de inserção territorial clara e afirmativa; é, por isso, sensível às tendências de reorganização territorial esperadas, seja na perspetiva dos impactos espaciais da geografia da crise, seja na sequência do próprio cenário demográfico.

O facto do IPP estar localizado numa das aglomerações territoriais em que o diferimento temporal desses impactos é mais significativo não significa que tenha de se posicionar para este problema.

De acordo com a nossa visão deste *trend*, os seus traços analíticos fundamentais são os seguintes:

- Contexto progressivamente dual: fortalecimento dos espaços metropolitanos e uma nova geração de factores críticos na baixa densidade, com progressiva relevância dos temas da sustentabilidade
- Manutenção, durante pelo menos duas décadas, dos padrões de baixa fertilidade com a consequente emergência de novos padrões familiares
- Contexto de procura do ensino superior em progressiva desaceleração
- Crescente participação da mulher na procura de ensino superior nos três ciclos de Bolonha
- Fenómenos cada vez mais complexos de isolamento urbano e rural
- Competitividade acrescida entre os territórios mais densos para atrair recursos humanos mais qualificados e entre os territórios de baixa densidade para atrair reformados precoces qualificados e de alto e médio rendimento
- O envelhecimento como fenómeno transversal a toda a sociedade, urbana ou rural, exigindo conhecimento e serviços de suporte ao fenómeno do envelhecimento ativo e às ciências centradas no tema da geriatria
- Imigração, diversidade étnica e desafios de inclusão, com emergência de novos serviços adequados às realidades sociais decorrentes
- Tendência para o prolongamento da vida activa combinada com fenómenos paradoxais de reformas antecipadas e de desvinculação precoce de quadros qualificados, gerando novas procuras e novos públicos para a educação/formação
- Clareza dos domínios de aposta regional – global: universidades regionais não deixam de ter por isso inserção global; proliferação de casos de articulação exemplar “universidade-território”

Estamos perante um *trend* de evolução particularmente ilustrativo da relação “ameaças – oportunidades” que se colocam ao ensino superior politécnico e ao IPP em particular.

Por um lado, antecipa alguma desaceleração da procura, com as consequentes implicações em matéria de financiamento público e com base em receitas próprias e de sustentabilidade de toda a oferta formativa. Por outro lado, abre possibilidades de novas interações (transversal às quatro funções) de interação com os fenómenos associados ao cenário demográfico projetado.

4.4.2 IMPACTOS

4.4.2.1. Nas funções exercidas

São essencialmente a oferta formativa (ameaça e oportunidade) e a investigação (oportunidade) que tendem a ser impactadas:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | Como já foi referido, para além do impacto na procura de formações de 1º e 2º ciclos que o cenário demográfico, apesar da inserção territorial favorável, tenderá a provocar, as ofertas formativas relacionadas com os temas do envelhecimento (ativo, geriatria, patologias) constituirão um espaço de desafio/oportunidade |
| Investigação | O espaço oportunidade está no fortalecimento da produção de conhecimento em torno dos temas do envelhecimento anteriormente referidos e envolvendo fundamentalmente a relação psicologia e ciências da saúde. |
| Formação contínua | Ofertas pontuais e complementares destinadas a compensar as carências de qualificações nestes domínios que as ofertas formativas mais tradicionais e mais longínquas no tempo apresentam |
| Articulação com o meio | A estratégia de inserção territorial do IPP é claramente a de uma instituição de ensino superior vocacionada para o diálogo e interação com um dos territórios que tem melhor resistido ao cenário de declínio demográfico. A sua inserção privilegiada na aglomeração metropolitana do Porto e a sua presença no território do Sousa-Tâmega (não coberto por instituições ou pólos de ensino superior) assegura-lhe algum efeito de amortecimento dos efeitos de desaceleração da procura de formação superior. Isto não significa que a instituição não possa focar alguma intervenção possível em territórios de mais baixa densidade, mobilizando para o efeito não os recursos de uma dada Escola em particular, mas uma <i>pool</i> integrada de recursos construídos a partir dos ativos diferenciadores de cada uma das Escolas. |

Do ponto de vista estratégico, a consolidação da inserção territorial do IPP no seu território, intensificando os seus níveis de “*embeddedness*” com o capital institucional e social desse território, combinada com o reforço da sua internacionalização constituem o suporte de um posicionamento da instituição capaz de minimizar os impactos bastante desfavoráveis do cenário demográfico sobre a procura do ensino superior politécnico.

E, o que é mais relevante, este trend de evolução não suscita apenas ameaças e desafios. Há um espaço de oportunidade de conceção e operacionalização de ofertas formativas suscetíveis de integrar algumas das problemáticas sociais que decorrem do mesmo cenário.

4.4.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

De acordo com a nossa visão dos efeitos associados a este trend projetados na situação concreta das 7 Escolas do IPP, parece-nos ser a ESTSP a Escola potencialmente motora do aproveitamento de oportunidades de novas ofertas formativas de 1º e 2º ciclos. A ESEIG e a ESTGF têm aqui um papel relevante na extensão da inserção territorial do IPP para além do núcleo central da aglomeração metropolitana.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | <p>Potencial de reflexão/investigação em torno da “feminização” crescente da procura e frequência do ensino superior e suas consequências em termos de produção de conteúdos e de práticas pedagógicas (didática do género?)</p> <p>Formação na área da reabilitação como elemento de um campo mais vasto de ofertas formativas de nova geração para o envelhecimento e seus contornos</p> |
| ESEIG | Instrumento de consolidação do modelo de inserção territorial do IPP, embora à custa de uma focagem de atividade que fica aquém do que seria de desejar |
| ESMAE | <p>Salvo melhor avaliação, inexistência de fatores relevantes de impacto</p> <p>Destaca-se, entretanto, a exceção do elevado potencial que a Escola apresenta para atração de migrantes qualificados, por exemplo na área da música</p> |
| ESTGF | <p>Instrumento de consolidação do modelo de inserção territorial do IPP, não só pela sua proximidade a territórios que vão resistindo ao declínio demográfico, mas sobretudo pelo nível de integração da atividade da Escola com a base produtiva local e respetivo meio empresarial</p> <p>Forte relevância da dimensão organização e desenvolvimento local, para a qual a oferta formativa concorrencial é muito escassa</p> <p>O projeto “Madeiras” pode contribuir para uma ainda mais efetiva interação territorial com o Sousa-Tâmega</p> |
| ESTSP | <p>Trata-se do core da intervenção possível do IPP em matéria de ofertas formativas e de investigação focadas em diferentes problemáticas conexas com o envelhecimento, do mais ativo ao mais penalizante da qualidade de vida</p> <p>Forte potencial de oferta formativa- “<i>research-based</i>”</p> |
| ISCAP | <p>Para além do seu contributo, por via da oferta formativa, para a integração da instituição IPP com o meio empresarial, os impactos deste driver na Escola não são especificamente diferenciados dos que se abatem sobre a procura do ensino superior politécnico em geral.</p> <p>O Centro de Estudos Interculturais e a proficiência da Escola nas dimensões de tradução/interpretação colocam-na em excelente posição para as ofertas formativas de atração/captação de migrantes qualificados e para a interculturalidade associada</p> |
| ISEP | <p>A inserção territorial de uma instituição de ensino superior não resulta apenas da sua geo-estratégia de implantação. Depende também fortemente da sua capacidade de produção conhecimento e da sua utilidade para os tecidos produtivos e empresariais.</p> <p>Projetando no Norte de Portugal, alguma operacionalização de um modelo de especialização inteligente (Europa 2020), o ISEP é seguramente o instrumento avançado do IPP para ganhar espaço nessa rede de interações.</p> |

Em síntese, a ESTSP representa o core do aproveitamento possível em termos de novas gerações de ofertas formativas apetrechadas para lidar proativamente com o envelhecimento. A integração com o meio empresarial constituirá o outro grande fator de inserção territorial, sendo de acompanhar com atenção a eventual criação de um modelo de programação para a especialização inteligente da região Norte, no qual o ISEP poderá ter um papel relevante.

4.5. APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

4.5.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Este *trend* tem manifestas interseções com os da atipicidade das relações de trabalho e dos novos empregos, novas necessidades e procura. Analisamo-lo em separado essencialmente por duas razões:

- Porque representa a confirmação de um novo paradigma de relacionamento dos indivíduos com a formação, com profundas repercussões na diversificação de modalidades e de ofertas formativas;
- Porque continua a representar uma prioridade da programação das políticas públicas, designadamente as que podem envolver o cofinanciamento do Fundo Social Europeu.

Lógicas incrementais e modulares e diversificação das ofertas formativas

Flexibilidade dos sistemas e correspondência entre diferentes lógicas de progressão

Alargamento da base de procura do ensino superior a novos públicos (não públicos, antecipar as ruturas), designadamente a reformados precoces e a quadros precocemente desvinculados da vida ativa

Balanços e saltos de aprendizagem em estreita articulação com a “navegação profissional”

Validação e certificação de competências a nível superior: balanços de competências e experiências de vida e trabalho como matéria de problematização da formação

Segundo a nossa interpretação dos efeitos deste *trend*, ele constitui sobretudo um espaço de oportunidade para as instituições de ensino superior compensarem, parcialmente, os efeitos do declínio demográfico sobre a procura futura. Um espaço de oportunidade para atrair à formação superior novos públicos e seguramente um estímulo à não rigidez de ofertas formativas.

4.5.2 IMPACTOS

4.5.2.1. Nas funções exercidas

Consideramos este *trend* como um dos mais poderosos *drivers* para que a instituição IPP possa estruturar um serviço transversal de engenharia da formação, ajustado às diversificadas procura de aprendizagem ao longo da vida

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|---|
| Educação | <p>O principal desafio que a ALV coloca às ofertas formativas é a do combate à sua rigidez e o convite à sua flexibilização modular, gerando contextos em que a oferta tradicional se movimenta com muito pouco à vontade. Interessa avaliar se o regulador A3ES está sensível a esta necessidade da flexibilidade modular.</p> <p>Não é comum nas ofertas formativas de 1º e 2º ciclos, as disciplinas poderem ser entendidas como unidades de formação que possam responder a novos públicos não necessariamente interessados no curso/grau em que essa unidade está inserida. Interessa ainda avaliar em que medida tais modalidades podem colidir com as fórmulas utilizadas de financiamento do ensino superior politécnico</p> <p>A ESE pode constituir o elemento motor de produção de conhecimento (pedagógico, de organização e administração) necessário para transformar este espaço de oportunidade numa alavanca do reposicionamento do IPP</p> |
| Investigação | <p>Didática da aprendizagem ao longo da vida como área de investigação a explorar, sobretudo em termos de fornecimento de modelos pedagógicos a utilizar por toda a instituição</p> |
| Formação contínua | <p>Como já foi anteriormente referido, este <i>trend</i> deve ser entendido como um <i>driver</i> decisivo para alicerçar a formação contínua como um serviço transversal a toda a instituição IPP, cuja concretização em ações e modalidades formativas pode envolver quer Escolas específicas, quer equipas integradas mobilizando recursos de diferentes Escolas.</p> <p>Três tipologias de temáticas formativas, pelo menos, podem ser identificadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reciclagem de situações profissionais acompanhando os efeitos da longevidade nos ciclos de navegação profissional; • Formação sénior de simples entretenimento e fruição cultural (veja-se a popularidade de formações sénior na área da história, por exemplo); • Formação de suporte a processos /projetos de mudanças de vida, envolvendo sobretudo a procura potencial associada aos precocemente desvinculados da vida ativa, seja por negociação, seja por despedimento, buscando uma nova trajetória, combinadas por vezes com projetos de deslocalização residencial para fora das aglomerações metropolitanas <p>Esta última modalidade é extremamente apelativa já que a oferta existente neste campo é praticamente nula</p> |
| Articulação com o meio | <p>A ALV constitui um novo campo preferencial de articulação com o meio, através da fidelização de uma procura individual.</p> <p>A existência de um serviço transversal e de uma marca de formação contínua favorecem a fidelização dessa procura</p> |

4.5.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

A ventilação dos impactos identificados por Escola não tem neste *trend* especial vantagem ou significado. O diálogo consistirá sobretudo entre os aspetos pedagógicos e didáticos que podem ser associados à ALV, com um *core* de incidência na ESE e os diferentes domínios científicos e disciplinares em que o potencial de ALV vão acabar por concretizar-se. O mesmo se diga em relação à engenharia da formação que vai ser necessário mobilizar para conceber e organizar um serviço de formação contínua transversal direcionado para as diferentes modalidades de ALV.

Para além disso, os desafios da flexibilização modular das ofertas formativas são transversais a todas as Escolas do IPP, embora possam existir situações diferenciadas em matéria de distância a uma situação desejável.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | Papel motor em matéria de investigação e organização de ofertas formativas ajustadas às novas procuras da ALV O mesmo em relação ao conhecimento de engenharia da formação que será necessário mobilizar para conceber e organizar um serviço transversal de formação contínua |
| ESEIG | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV |
| ESMAE | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV Conceção e construção de artefactos de e-learning ajustados a processos de ALV |
| ESTGF | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV |
| ESTSP | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV |
| ISCAP | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV |
| ISEP | Implicações de flexibilização modular de ofertas formativas e de contributos para a mobilização de recursos para a formação contínua ALV. Contributos possíveis para a construção de artefactos de e-learning ajustados a processos de ALV |

Associamos a este *trend* um forte contributo potencial para a afirmação de espaços de transversalidade na instituição IPP, com atribuição à ESE de um papel motor na produção de conhecimento para conceber e operacionalizar plataformas didáticas presenciais e de e-learning ajustadas à ALV. As ofertas formativas de suporte a projetos de mudança de vida constituem um campo preferencial de aposta e experimentação.

4.6. EVOLUÇÃO DAS TIC

4.6.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Este *trend* apresenta o maior grau de dificuldade de sistematização de traços fundamentais de manifestação, já que lhe corresponde a bibliografia mais vasta. Para além disso, quando se fala de evolução das TIC está em causa um paradigma técnico-económico (no sentido que Chris Freeman e o evolucionismo económico lhe atribuem) que tem alimentado o crescimento económico mundial nas últimas décadas (com início na de 70) e que parece dar sinais de esgotamento.

Os traços de seguida apresentados são necessariamente uma abordagem imperfeita, mas que o conhecimento tecnológico existente na instituição pode ajudar a enriquecer:

- Tendência generalizada para a universalidade de acesso (OECD, 2010b)
- Diversidade praticamente ilimitada de conteúdos
- Forte impacto nos modelos organizacionais das empresas e das organizações em geral, com uma dupla consequência no mercado de trabalho: supressão de empregos nas modalidades de produção em *outsourcing* e abertura a novos empregos mais intensivos em conhecimento
- Centralidade acrescida dos projetos e atividades de *e-learning*
- Competências de identificação e mobilização do conhecimento pertinente cada vez mais necessárias em contexto de acesso praticamente ilimitado à informação
- Revolução das condições bibliográficas de acesso à investigação
- Revolução potencial das condições de inovação pedagógica
- Transformação do conceito de mercado global e das formas de acesso, pelo menos para atividades exportadoras menos carenciadas de relações “*face to face*” entre empresas e clientes/fornecedores
- TIC e função tutorial das condições de aprendizagem universitária, com necessidades acrescidas de regulação/supervisão da qualidade dessa aprendizagem por parte dos alunos, contrariando o “*síndrome do copy-paste*”
- Imaterialização da gestão (sistemas de informação e logística), com incremento de duas áreas relevantes onde o preenchimento de competências necessárias é cada vez mais crucial: sistemas de informação de suporte à gestão e “*supply chain*”
- Progressiva relevância dos conceitos de propriedade intelectual e de protecção da mesma, com problemas jurídicos associados;
- Emergência de novas formas de criação artística impulsionadas e suportadas por TIC;
- Emergência de novos processos de debate de ideias no plano científico complementares das revistas científicas e obras, designadamente no âmbito dos chamados “grupos de discussão *on line*” e *blogs* especializados: o exemplo atual da ciência económica.

A complexidade da discussão deste *trend* aumenta quando ela incide numa instituição como o IPP em que a existência de uma Escola relevante de Engenharia como o ISEP introduz na mesma a seguinte dualidade: produção de conhecimento em diferentes áreas de TIC (robótica e sistemas de informação, por exemplo) versus potencial instrumental das TIC nas práticas pedagógicas e de aprendizagem.

A gestão desta dualidade não é fácil, podendo os dois mundos não se tocar, dada a profunda especialização da produção científica nestas áreas. Se associarmos o primeiro membro da dualidade ao

ISEP e a investigação no segundo à ESE, teremos um diálogo interessante a explorar, com algumas Escolas a poder intrometer-se nessa discussão (ESTGF, por exemplo, com a sua área de engenharia informática).

4.6.2 IMPACTOS

4.6.2.1. Nas funções exercidas

Consideramos este *trend* como um dos mais poderosos *drivers* para que a instituição IPP possa estruturar um serviço transversal de engenharia da formação, ajustado às diversificadas procura de aprendizagem ao longo da vida

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>Os impactos são, como já foi referido, de dois tipos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Um de natureza mais transversal praticamente a todas as ofertas formativas e que consiste na utilização das TIC como instrumentos de revolução da aprendizagem e das práticas pedagógicas, com relevo crescente da auto-formação, da simulação de problemas e situações de trabalho e de suporte a um ensino mais tutorial; a esta tipologia de impactos poderia acrescentar-se a componente também transversal do e e do b-learning Um outro de natureza específica relacionado com o potencial de oferta formativa que essencialmente vem associado ao papel do ISEP e ao seu potencial de geração de ofertas formativas em domínios suportados por investigação em certas áreas de desenvolvimento tecnológico (por exemplo, a relação entre a robótica e o papel possível do ISEP no desenvolvimento do cluster do mar |
| Investigação | <p>Em termos similares ao que foi ventilado na célula anterior, o potencial de investigação associado a este <i>trend</i> é também de dupla natureza:</p> <ul style="list-style-type: none"> Instrumental, na medida em que a investigação sobre as alterações das práticas pedagógicas e de aprendizagem induzidas pelas TIC pode ser considerada um input-chave de uma marca possível de diferenciação do IPP - as TIC e o ambiente de formação e aprendizagem Substancial, na medida em que certos domínios de desenvolvimento do paradigma das TIC estarão ao alcance do potencial de investigação existente na instituição, designadamente do ISEP, articulando-se esta dimensão com o papel que o IPP pode assumir na transferência de mais e melhor conhecimento para o tecido empresarial do Norte de Portugal. |
| Formação contínua | <p>Se a oferta formativa do IPP pode, como vimos anteriormente, ser diferenciada pelas plataformas e processos didáticos e de aprendizagem enriquecidos pelas TIC, também a formação contínua o pode ser.</p> <p>A relevância da formação contínua em contextos de simulação de contextos de trabalho e de resolução de problemas concretos adquire num modelo de SAVOIR Y FAIRE (melhor combinação entre qualificações e competências) uma redobrada importância. Conquistar um espaço nessa diferenciação equivale a gerir um poderoso instrumento de reposicionamento</p> |
| Articulação com o meio | <p>O reconhecimento que o ISEP assume já hoje em matéria tecnológica constitui um elemento valioso de interação com o meio e de reconhecimento pelo mesmo do seu potencial de parceiro nesses domínios e dá à instituição um potencial de presença nos processos de qualificação do perfil de especialização da Região</p> <p>Os ambientes pedagógicos de simulação empresarial em que o ISCAP trabalha já há longo tempo, hoje também presentes na ESTGF, constituíram desde sempre um fator muito particular de reconhecimento pelo meio da oferta formativa nas áreas da contabilidade, mostrando que há espaço de diferenciação a explorar por esta via.</p> |

A ambivalência que as TIC podem assumir no reposicionamento da instituição evidenciam bem a relevância de existir na instituição uma Escola de Engenharia, combinada com experiências já existentes e bem sucedidas de ambientes TIC de formação.

4.6.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

Embora dominados por um possível diálogo ESE versus ISEP, vale a pena avaliar em que medida outras Escolas podem intrometer-se nesse diálogo, transformando essa interação numa aposta de instituição e não apenas de algumas Escolas.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|--|
| ESE | Papel central e motor na investigação e conceção de práticas pedagógicas e de aprendizagem em diferentes ambientes /plataformas de TIC, enriquecendo e diferenciando ofertas formativas de 1º e 2º ciclos e produtos de formação contínua |
| ESEIG | Desafios de integração de uma maior presença de ambientes TIC nas ofertas formativas |
| ESMAE | Elevado potencial na área do multimédia, em primeiro lugar, para no interior da própria Escola dar profundidade e expressão à relação teatro-música-imagem Extensão desse potencial para transformar o IPP numa instituição produtora de multimédia com inputs endógenos (<i>e-learning</i> , por exemplo) e/ou trabalhando conhecimento produzido no exterior da instituição IPP proporcionando-lhe maior visibilidade e disseminação |
| ESTGF | A experiência da simulação empresarial como base de exploração de outros ambientes de formação TIC, por exemplo a conceção e operacionalização de casos de estudo e de resolução de problemas (casoteca IPP) de aplicação transversal a todas as ofertas formativas |
| ESTSP | Desafios à formalização de ambientes de simulação de contextos de trabalho |
| ISCAP | A experiência da simulação empresarial como base de exploração de outros ambientes de formação TIC, por exemplo a conceção e operacionalização de casos de estudo e de resolução de problemas (casoteca IPP) de aplicação transversal a todas as ofertas formativas |
| ISEP | Papel motor na afirmação do IPP como produtor de conhecimento (tecnologia) relevante para um modelo de especialização mais inteligente na Região. |

XX.

4.7. CRIATIVIDADE, INOVAÇÃO E FORMAÇÃO

4.7.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

O isolamento deste *trend* tem de ser entendido no contexto histórico de crise e de mudança de paradigmas económicos e sociais que caracteriza hoje a sociedade portuguesa, entendida como elemento tributário de tendências de mais larga escala que se impõem a um país de pequena dimensão, por mais resiliente que se apresente.

De acordo com a nossa perspetiva de análise, há que distinguir neste tema duas dimensões, ambas com influência possível no reposicionamento do IPP:

- A dimensão das artes, da cultura e das “indústrias culturais e criativas” como domínio específico de atividade, envolvendo ofertas formativas, investigação, formação contínua e projeção no meio;
- A criatividade como algo de mais transversal (“*Creativity is not limited to any single aspect or activity in human existence*” –Irving Singer, 2011), passível de se transformar numa característica de ADN da instituição, envolvendo sobretudo a disseminação no interior da mesma de práticas, comportamentos, dinâmicas, modelos organizacionais, incentivos.

O IPP dispõe de recursos inequívocos para explorar a primeira dimensão e pode ambicionar o estabelecimento de pontes entre essa dimensão e a da inovação tecnológica. A segunda dimensão é de maior exigência e ambição, pois aponta para um novo paradigma de cultura organizacional.

A reflexão realizada foi conduzida com base nos seguintes elementos analíticos:

- Em situações de crise, de indeterminação e incerteza e de mudança de paradigmas económicos e sociais, a criatividade emerge como um “*driver*” que se aplica e atravessa toda a sociedade, do económico ao social;
- Emergência de organizações criativas, não só no plano económico, com fortes repercussões na inovação tecnológica e de mercado e nos modelos organizacionais, mas também no plano cultural e mais recentemente ainda na lógica da intervenção social
- Crescente integração da criatividade, das artes e da cultura nas abordagens às problemáticas do desenvolvimento, da competitividade e inovação e das políticas públicas
- Tendência para que os sistemas educativos e de formação, e de aprendizagem em geral, sejam questionados do ponto de vista do que podem aportar ao estímulo e promoção de competências criativas
- Emergência de metodologias de estruturação e acompanhamento de processos criativos nas organizações e a nível pessoal com impacto e disseminação na gestão de recursos humanos e das organizações
- A criatividade reforça as ciências da organização em detrimento do *management*;
- *Links* possíveis entre a criatividade e a inovação tecnológica

Dos elementos analíticos considerados, resultam três grandes implicações para o reposicionamento do IPP:

- Consolidação do papel das artes no reconhecimento público do IPP;
- A criatividade como desafio transversal da diferenciação possível da relação “ofertas formativas-práticas pedagógicas e de aprendizagem” no IPP;
- A criatividade como cultura organizacional.

4.7.2 IMPACTOS

4.7.2.1. Nas funções exercidas

Trata-se de um dos *trends* com mais impactos mais transversais aos diferentes domínios de intervenção do IPP:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>O reconhecimento da oferta formativa do IPP (ESMAE) na tríade teatro-música-imagem constitui um ponto de partida que não está ao alcance de nenhuma outra instituição de ensino superior na Região; a possibilidade (algo remota para as condições atuais de financiamento) da dança nestas valências constituiria um elemento pujante de fortalecimento deste capital inicial</p> <p>Se o SAVOIR Y FAIRE pode representar um dos fatores de diferenciação da oferta formativa do IPP, a disseminação da criatividade como traço fundamental dos ambientes pedagógicos e de aprendizagem constituiria o traço complementar fundamental para diferenciar irreversivelmente os ambientes formativos do IPP</p> <p>Espaço para o reforço da componente dos estudos organizacionais nas ciências empresariais</p> <p>Espaço para uma maior interação entre os estudos sobre a interculturalidade e as ciências empresariais, designadamente o marketing</p> |
| Investigação | <p>A consagração da criatividade como elemento diferenciador da oferta formativa abre linhas de investigação relevante, com incidência particular nos domínios científicos cobertos pela ESE</p> <p>Mas também a relação entre as artes e a tecnologia pode suscitar um amplo programa de investigação. A presença e a credibilidade das áreas da imagem na ESMAE facilita essa aproximação, mas era fundamental assegurar a cooperação com outros domínios de investigação científica e tecnológica, a partilhar com o ISEP ou exteriormente à instituição com por exemplo o INESC Porto</p> |
| Formação contínua | <p>A dimensão mais restrita das artes afigura-se a via mais promissora, com de novo a oferta da ESMAE a diferenciar-se</p> |
| Articulação com o meio | <p>O reconhecimento que a ESMAE tem na Região e no país é mais que proporcional às tímidas incursões regionais no âmbito do ainda praticamente inexistente <i>cluster</i> das indústrias culturais e criativas; com a massa de recursos existentes na Região, esse cluster não existirá sem a participação ativa da ESMAE</p> <p>A avaliação inicial realizada confirma existirem algumas reservas por parte da ESMAE a assumir esse papel, talvez por descrença em relação ao próprio conceito</p> <p>A localização atual da ESMAE impede-a a nosso ver de proporcionar ao IPP uma missão crucial que seria a de animar cultural e criativamente o pólo de ensino superior da Asprela; aliás, há duas opções estratégicas que devem ser discutidas no âmbito dos trabalhos do Plano Estratégico já que não são conciliáveis: a missão de animar o pólo da Asprela ou em alternativa a de ter um papel mais ativo na animação da baixa portuense (ESMAE versus RIVOLI)</p> |

Do ponto de vista do reposicionamento, a resposta a este *trend* suscita uma estratégia a 3 tempos:

- Primeiro, a consolidação do reconhecimento da oferta já existente;
- Segundo, a realização de passos concretos para que a criatividade se transforme num traço diferenciador dos ambientes formativos do IPP;
- Terceiro, a ambição de transformar o IPP por esta via num catalizador de animação urbana.

4.7.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

A ESMAE tem nestes processos um papel motor, colocando-se-lhe um enorme desafio: como será possível, sem perder a especificidade do seu próprio ambiente formativo, disseminar algum do seu potencial transversalmente a toda a instituição?

A interação entre o papel motor da ESMAE e os potenciais de investigação da ESE e do ISEP constituirá o elemento fulcral de uma maior transversalidade nestes domínios.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | Essencialmente a partir do projeto em curso de cooperação ESE /ESMAE na didática das artes, abre-se um enorme potencial de investigação centrado na disseminação da criatividade em ambientes formativos, quaisquer que sejam os temas envolvidos |
| ESEIG | Exige melhor avaliação dos recursos internos que suportam a licenciatura em Design |
| ESMAE | <p>Amplo espaço para consolidação de ofertas formativas: a dança como grande prioridade a médio prazo</p> <p>Interação da imagem com a música e teatro não plenamente desenvolvida</p> <p>O papel motor da Escola nesta matéria é inequívoco, parecendo-nos mais líquido a consolidação do seu papel de catalizador na Região do que propriamente a extensão da sua ação a iniciativas internas transversais que impliquem todas as Escolas do IPP</p> <p>Um desafio fundamental: como transformar um ambiente de criatividade artística em instrumento de criatividade organizacional?</p> |
| ESTGF | Sem implicações particulares |
| ESTSP | Sem implicações particulares |
| ISCAP | Sem implicações particulares |
| ISEP | <p>Situa-se no ISEP a massa de recursos de conhecimento tecnológico que pode interagir com as componentes das artes performativas e da imagem que a ESMAE oferece</p> <p>Embora a abordagem na Região ao <i>cluster</i> das indústrias culturais e criativas seja incipiente, a interação ESMAE-ISEP tenderá a constituir a via para que o IPP possa ter uma presença e uma palavra nesse projeto.</p> |

4.8. ECONOMIA REGIONAL E NACIONAL E PROGRAMAÇÃO 2020

4.8.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Nas condições atuais da economia do país e do Norte de Portugal, é particularmente difícil projetar este *trend* de evolução no posicionamento futuro do IPP, dada a incerteza que paira sobre aquela. Pressupondo, entretanto, que a programação 2020 terá algum impacto nos rumos da política pública, designadamente no sentido de consolidar algumas apostas que foram realizadas no período de programação QREN 2007-2013, destacam-se os seguintes elementos analíticos:

- Declínio, assumido e imposto pela desalavancagem do sistema bancário associado ao resgate financeiro da economia portuguesa e pela consolidação abrupta das contas públicas, do universo de produção de não transacionáveis (construção civil, imobiliário, infraestruturas e serviços não internacionalizados)
- Progressiva aposta nas componentes da internacionalização e da produção de bens e serviços transacionáveis (*inward* – IDE e *outward* – exportação e comercialização no exterior)
- Crise económica e impacto do ajustamento à globalização com euro sobrevalorizado fortemente territorializados na região Norte e também na aglomeração metropolitana, com forte incidência dos problemas associados ao desemprego
- Níveis de coesão social bastante baixos na aglomeração metropolitana comparativamente no plano nacional
- Forte resiliência da capacidade exportadora regional o que sugere a manifestação ainda não totalmente explícita de mudanças estruturais significativas no tecido produtivo mais tradicional da região, particularmente no setor têxtil e calçado
- Emergência na região de territórios mais dinâmicos sobretudo em matéria de indicadores de competitividade, com saliência particular para o território do Cávado, a que não é estranha a presença e influência de uma Universidade do Minho ressurgida e simultaneamente internacionalizada e fortemente articulada com o seu entorno territorial
- Tendência para a aglomeração metropolitana do Porto integrar um espaço mais alargado que engloba o já referido território do Cávado, o Ave, parte do distrito de Viana do Castelo, o vale do Sousa e o Entre-Douro-e-Vouga, este último já em flagrante interação com a cidade e universidade de Aveiro
- Forte desenvolvimento na última meia década, e isso por influência decisiva do apoio dos apoios comunitários nacionais e regionais, de infraestruturas de base tecnológica nas áreas das tecnologias de produção, nanotecnologias, biomedicina e biomateriais, saúde, predominantemente por instituições com origem nas universidades do Porto e do Minho;
- Forte concentração universitária nas componentes formação e investigação, pública e privada, na aglomeração metropolitana do Porto que só a dinâmica Universidade do Minho consegue contrariar
- Emergência dos propósitos de reindustrialização no discurso da política pública de atração de IDE
- *Clusters* do mar e do turismo com potencial de emergência na Região
- Espaço para um modelo de especialização inteligente na Região Norte induzido pela programação 2020 com forte protagonismo dos interfaces conhecimento -empresa

Estes desenvolvimentos esperados desafiam o posicionamento do IPP essencialmente em duas frentes:

- Lançamento de novas ofertas formativas alinhadas com os *trends* esperados para a mudança estrutural do perfil de especialização, designadamente como suporte a um novo ciclo de atração de IDE à Região (componente *inward* do processo de internacionalização);
- Maior protagonismo do IPP e de algumas das suas Escolas no processo de transferência (translação) de conhecimento para as empresas da Região, seja das que protagonizam a resiliência das suas exportações mais tradicionais, seja das que animam a modernização do perfil de especialização, em associação a uma intervenção mais vigorosa da instituição em matéria de empreendedorismo.

4.8.2 IMPACTOS

4.8.2.1. Nas funções exercidas

As ofertas formativas e a investigação configuram as áreas de maior exploração dos espaços de oportunidade oferecidos por este trend:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>Espaço para novas ofertas formativas: o <i>cluster</i> do mar.</p> <p>Espaço para a focagem de ofertas formativas já existentes: o <i>cluster</i> do turismo</p> <p>Espaço para o afinamento de ofertas formativas já existentes nas áreas da gestão e das ciências empresariais em função dos padrões de mudança da estrutura produtiva da Região</p> <p>Projeto em curso de nova licenciatura no setor das madeiras</p> |
| Investigação | <p>O ISEP, como Escola de Engenharia, concentra o mais significativo potencial de investigação para um maior protagonismo do IPP na emergência de novos <i>clusters</i> produtivos na Região (economia do mar, sobretudo) e na consolidação dos recursos científicos e tecnológicos que o QREN 2007-2013 apoiou, fortemente protagonizados por instituições como o INESC Porto, o INEGI, o IBBB, o INEB e o IBMC e as universidades do Minho e do Porto</p> <p>Uma maior participação do IPP nos desenvolvimentos do cluster da Saúde exigirá uma avaliação mais aprofundada do potencial de investigação da ESTSP e do que significa em termos de recursos de investigação a presença da Engenharia Biomédica na ESEIG</p> <p>Em termos mais remotos e incertos, convirá esperar os desenvolvimentos do dossier especialização inteligente que a programação 2020 trará à Região para nesse contexto dimensionar a ambição de um maior protagonismo para o IPP nesse processo</p> |
| Formação contínua | <p>Tal como projetamos este <i>trend</i>, a formação contínua pode representar um recurso estratégico na atração de IDE, inserida na dinamização estratégica dos clusters anteriormente referidos</p> |
| Articulação com o meio | <p>Todas as respostas preconizadas a este <i>trend</i> de evolução configuram uma maior ambição de interação do IPP com a Região</p> <p>Potencial para o IPP participar mais ativamente nos trabalhos de estruturação do cluster do mar: o pólo do Mar do Parque de Ciência e Tecnologia da UP, projetado para as instalações a norte do porto de Leixões, não alberga nenhum espaço de localização de empresas de I&D que queiram beneficiar da proximidade física à produção de conhecimento; limita-se a espaços para start-up's.</p> |

4.8.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

Nesta perspetiva de análise, é sobretudo a ação do ISEP, combinada com a das Escolas com ofertas formativas nas ciências empresariais, designadamente com a componente da internacionalização considerada (ESTGF e ISCAP, por exemplo), que será mais desafiada. A intervenção da ESTSP e da ESEIG (Engenharia Biomédica) exigirá uma avaliação mais aprofundada do ponto de vista da sua interação com os trabalhos do *cluster* da saúde.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | Sem implicações particulares |
| ESEIG | Afinamento de ofertas formativas nas componentes da internacionalização empresarial Reavaliação do potencial de recursos associados à Engenharia Biomédica Focagem possível numa oferta formativa integrada destinada ao cluster do turismo |
| ESMAE | Sem implicações particulares, com a exceção de uma eventual progressão dos trabalhos de estruturação de um <i>cluster</i> de indústrias culturais e criativas na Região |
| ESTGF | Afinamento de ofertas formativas nas componentes da internacionalização empresarial Extensão dos recursos que suportam a dimensão “organização e desenvolvimento local” |
| ESTSP | Potencial de investigação e de formação contínua inseridos numa lógica de participação mais ativa na dinâmica (?) do cluster da saúde: exige avaliação mais aprofundada |
| ISCAP | Afinamento de ofertas formativas nas componentes da internacionalização empresarial Interculturalidade e marketing no negócio internacional |
| ISEP | Core de todo o protagonismo tecnológico possível do IPP na estruturação dos novos clusters identificados e na eventual programação de um modelo de especialização inteligente na Região Práticas já estabelecidas de consórcios de investigação com interfaces Universidade-empresa com grande protagonismo regional |

4.9. SUSTENTABILIDADE

4.9.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Há várias dimensões e perspetivas segundo as quais o tema da sustentabilidade pode ser invocado como *trend* de evolução suscetível de impactar o reposicionamento do IPP. Desde o *Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future*, 1987 (<http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>), também designado por *Brundtland Report*, a operacionalização do conceito de sustentabilidade ou de desenvolvimento sustentável tem sido objeto de uma vasta controvérsia. Do conceito alargado de desenvolvimento sustentável que ensaia a complexa triangulação das dimensões económica, social e ambiental da sustentabilidade até às versões mais operativas da busca de uma economia (sociedade) de mais baixo carbono. Esta discussão tem-se diversificado segundo uma outra baseada sobretudo na questão de saber se existirá uma “*sustainability science*”, unitária e integrada ou se, pelo contrário, a questão da sustentabilidade terá necessariamente de evoluir em função de contributos parcelares de domínios científicos bem delimitados.

Sem que este trabalho possa dedicar a este tema o tempo e espaço que ele merece, optaremos por admitir que a dimensão ambiental do conceito de desenvolvimento sustentável tem vindo a ganhar alguma dianteira, designadamente por força da maior atenção dedicada ao tema das mudanças climáticas e dos temas associados da pegada de carbono, da eficiência energética e das energias alternativas.

Com base neste compromisso de análise, trabalharemos com os seguintes traços fundamentais deste *trend* de evolução:

- Dificuldades notórias de consolidar um corpo de políticas públicas capazes de operacionalizar o conceito mais integrado de desenvolvimento sustentável, triangulando as dimensões económica, social e ambiental do conceito;
- Emergência de novos temas ambientais induzidos pela dimensão do problema das mudanças climáticas e aquecimento do planeta (mesmo reconhecendo a existência de controvérsia científica na estabilização das suas evidências), tais como a economia de baixo carbono, a pegada de carbono, as energias alternativas, a eficiência energética, a arquitetura e construção sustentáveis;
- Forte impacto dos temas da sustentabilidade na sua dimensão mais ambiental e de redução da pegada de carbono no planeamento territorial (modelos de crescimento e organização das cidades, padrões de ordenamento do território, corredores ecológicos, etc) e nas ciências do ambiente e sociais por eles invocadas;
- Progressivo relevo dos temas da sustentabilidade na estratégia da União Europeia, com significado especial na programação 2020, não só pela existência de um eixo de crescimento (desenvolvimento) sustentável, mas também pelas suas profundas e desejadas interações com o crescimento inteligente (*smart growth*);
- Grande visibilidade do tema energias alternativas /renováveis no estado atual da sociedade portuguesa, dada a controvérsia emergente sobre a “*cost-effectiveness*” dos apoios públicos neste domínio, os seus impactos nos custos para o consumidor e a complexa e ainda obscura controvérsia das rendas apropriadas por grandes grupos empresariais

O tema da sustentabilidade não suscita da parte da oferta formativa e da investigação atualmente realizada nas diferentes Escolas do IPP um foco integrado de atenção sobre a sua dimensão mais global. A iniciativa do Plano de Ação para o Desenvolvimento Sustentável (PASUS) lançada pelo ISEP em 2010 constitui uma exceção de relevo, sendo o ISEP a Escola que evidencia uma atenção mais estruturada ao tema. Na restante instituição, o tema não está ausente, mas apresenta-se muito fragmentado. É, por isso, difícil antever margens de reposicionamento da instituição em torno deste

tema, pois a fragmentação da abordagem ao tema impedirá sempre um protagonismo de espectro largo da instituição IPP. Mas, de qualquer modo, o domínio da sustentabilidade não está ausente da instituição, devendo por isso ser trabalhado.

4.9.2 IMPACTOS

4.9.2.1. Nas funções exercidas

As ofertas formativas e a investigação configuram as áreas de maior exploração dos espaços de oportunidade oferecidos por este *trend*:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | <p>O domínio da energia, particularmente das energias sustentáveis, em termos de oferta formativa (2º ciclo) e de investigação constituem a entrada mais relevante na instituição para os temas da sustentabilidade (ISEP), tirando partido da existência de uma Escola de Engenharia com a dimensão e projeção como o ISEP</p> <p>A focagem na oferta formativa capaz de servir a consolidação do cluster turismo na Região constitui uma via de entrada dos temas da sustentabilidade (turismo sustentável e sua monitorização)</p> <p>Importa avaliar mais em profundidade em que medida os recursos existentes no IPP (ESTSP) em matéria de ambiente-saúde podem constituir uma base de suporte para um potencial de desenvolvimento desses recursos já existentes</p> <p>O tema da sustentabilidade nas organizações aparentemente não tem suscitado muita atenção entre as ofertas formativas das ciências empresariais</p> <p>Idem sobre os temas da educação para a sustentabilidade nas ofertas formativas das ciências da educação</p> |
| Investigação | <p>É sobretudo o potencial de investigação existente nas energias sustentáveis, particularmente no GECAD que mostra mais capacidade para poder representar um ativo diferenciador da instituição</p> |
| Formação contínua | <p>A equipa técnica não recolheu informação suficientemente diferenciadora sobre este tema</p> |
| Articulação com o meio | <p>É o sobretudo a natureza do Plano de Ação para a Sustentabilidade (PASUS) promovido pelo ISEP que pode configurar o vetor de maior articulação com o meio: "O PASUS entra agora numa fase em que privilegiará esta filosofia de intervenção, chamando a atenção da comunidade para oportunidades de contribuir para um mundo melhor, dentro e fora do nosso campus, centrado naquele que é o objetivo maior desta iniciativa "a criação de uma estirpe diferente de graduados em ciências da engenharia, que tenham no seu ADN formativo e comportamental a consideração pelos princípios e práticas de sustentabilidade" (http://www.isep.ipp.pt/)</p> |

Parece inequívoco que são as energias sustentáveis as que configuram o espaço de oportunidade mais promissor para que o tema da sustentabilidade possa enriquecer o reposicionamento da instituição IPP.

4.9.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

A primeira avaliação realizada sugere ser apenas o ISEP a Escola que evidencia ter uma abordagem proativa à sustentabilidade, de natureza mais transversal do que propriamente em termos de ofertas formativas específicas.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | O tema da sustentabilidade como preocupação transversal a todas as ofertas formativas do IPP pode constituir um desafio essencialmente de investigação para a ESSE, embora a avaliação já concretizada nesta fase do trabalho não seja totalmente explícita sobre a verosimilhança dessa aposta |
| ESEIG | <p>Os clusters do turismo e da economia do mar são domínios de atividade na economia regional em que a problemática da sustentabilidade pode ser diferenciadora. Refira-se, entretanto, que o potencial científico existente na Região para abordar os temas da sustentabilidade na economia do mar, designadamente nos recursos da pesca, estão essencialmente concentrados no CIMAR, base científica do futuro Pólo do Mar da UPTEC no molhe sul do porto de Leixões junto ao novo terminal de cruzeiros. Já a questão da sustentabilidade nas embarcações o ISEP pode constituir o centro de recursos no IPP para o fazer.</p> <p>A eventual focagem da ESEIG no cluster do turismo, oferecendo uma oferta formativa de natureza integrada para este conjunto de atividades, poderá constituir uma entrada nos temas da sustentabilidade, embora seja necessário agregar a pool necessária de recursos de conhecimento para o fazer.</p> |
| ESMAE | Neutralidade |
| ESTGF | Como já foi anteriormente referido, o tema das organizações (empresas) sustentáveis pode ser a entrada pertinente para este tema. A abordagem à questão ambiental suscitada pela forte concentração das empresas do setor do calçado na área de influência da Escola, associada à questão dos resíduos do setor, é relevante mas aparentemente não existem recursos científicos para a assumir. |
| ESTSP | O núcleo de investigação existente na Escola nos domínios do ambiente e saúde requer uma avaliação adicional no sentido de saber se pode constituir um ativo para aspirar a uma entrada mais estruturada nos temas da sustentabilidade |
| ISCAP | O tema das organizações (empresas) sustentáveis pode ser a entrada pertinente para este tema. A avaliação inicial já realizada não permitiu colher elementos relevantes sobre a verosimilhança dessa aposta |
| ISEP | Como já foi referido, a haver uma opção de maior protagonismo do IPP nesta matéria, é no ISEP que está o elemento motor dessa aposta, sobretudo em torno do PASUS, no âmbito do qual a sustentabilidade é vista como uma marca possível dos diplomados. |

4.10. INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E SISTEMAS (NACIONAL E REGIONAL) DE INOVAÇÃO

4.10.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Este *trend* de evolução é sobretudo marcado por duas evidências com largo impacto na vida do ensino superior politécnico:

- O significativo incremento que a política pública e com cofinanciamento comunitário de apoio à investigação científica e à formação de recursos humanos avançados em Portugal experimentou na última década, particularmente na segunda metade da mesma, com expectativas não necessariamente similares para o futuro;
- O peso crescente que essa componente passou a assumir seja na regulação do ensino superior em Portugal, com significativo contágio aos algoritmos de desempenho de docentes e investigadores, com claríssima desvalorização de funções letivas e de relacionamento com os estudantes.

A incerteza que pesa sobre o *trend* é muito significativa, derivada sobretudo da relativa atipicidade que o sistema nacional de inovação (mais propriamente de Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia) apresenta em Portugal: trata-se de um sistema até aqui essencialmente “*science-based*”, o que é claramente atípico num país em *catching-up* tecnológico. Um fator acrescido de incerteza resulta do facto da ação reguladora da A3ES continuar a privilegiar a componente de “*science-based*” e de ranking de publicações sem dedicar a atenção devida à transferência de conhecimento para as empresas e base produtiva como fator de avaliação da investigação realizada.

Neste contexto, os elementos analíticos que consideramos relevantes para a definição do reposicionamento do IPP são os seguintes:

- Internacionalização e redes de conhecimento mundiais
- Concentração de recursos e procura de massa crítica
- Forte interação entre massas críticas de processos de doutoramento e investigação científica realizada, com clara penalização para os Politécnicos
- Tendência para a hierarquização em função de indicadores de reconhecimento internacional
- Factor de incerteza: evolução estrutural para um SNI em “*catching-up*” estrutural com as grandes tendências europeias? Transição para um outro modelo de financiamento? Sistemas Regionais de Inovação (SRI's)? Potencial para as empresas inovadoras ocuparem um lugar mais relevante no core dos sistemas?
- Manutenção das características de liderança por parte do sistema científico universitário?
- O envolvimento com a procura empresarial e com a indução da mesma vai ser fator de diferenciação?
- Predominarão opções de consolidação dos apoios proporcionados pelo QREN 2007-2013?
- Intensificação do processo de regulação A3ES e ausência de sensibilidade e apoios para trajetórias de minimização de constrangimentos de instituições com massas críticas reduzidas de investigadores

Conforme decorre dos elementos analíticos anteriormente sistematizados, os traços de incerteza predominam sobre os elementos com dinâmica de concretização já mais avançada. Trata-se, por isso, de um “*driver*” contraditório.

4.10.2 IMPACTOS

4.10.2.1. Nas funções exercidas

As ofertas formativas e a investigação configuram as áreas de maior exploração dos espaços de oportunidade oferecidos por este *trend*:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | As ofertas formativas são essencialmente impactadas por via da acreditação em sede de entidade reguladora A3ES pelas suas exigências de massa de doutorados e de investigação de suporte; trata-se por isso de matéria a ter em conta no lançamento de novas ofertas formativas, entendendo-a como constrangimento a superar |
| Investigação | Trata-se de um driver que impacta sobretudo a gestão a nível dos serviços centrais do IPP (Vice-Presidência com ação específica sobre esta matéria), sobretudo do ponto de vista de saber como é que será possível intensificar a nível de instituição (e com que meios) a função investigação nos termos que estão a orientar presentemente o sistema científico. O desequilíbrio hoje existente no interior da instituição entre o potencial de investigação de uma Escola como o ISEP e o de outras Escolas ainda praticamente a estruturar as formas institucionais para o fazer (ISCAP, por exemplo), constitui o principal constrangimento do tratamento deste problema a nível de instituição. A impossibilidade legal de concessão de doutoramentos penaliza fortemente a criação no IPP e nas suas Escolas de ambientes mais vivos de investigação e com maiores massas críticas de investigadores. |
| Formação contínua | Neutral |
| Articulação com o meio | Relacionados com o reforço necessário da função investigação, perfilam-se dois domínios preferenciais de estratégias proativas de articulação com o meio: (i) os consórcios e os protocolos de investigação com Universidades e centros de investigação exteriores ao IPP; (ii) a utilização das redes internacionais de cooperação em que o IPP está envolvido ao serviço de |

A abordagem à função investigação como aposta de natureza transversal a toda a instituição IPP é, seguramente, a principal implicação estratégica que resulta deste *driver*. Numa instituição em que a posição do IPP (graças sobretudo ao potencial de investigação do ISEP) é bastante relevante no quadro dos politécnicos e obviamente muito limitada face às Universidades e onde ainda existe globalmente uma ausência de cultura de I&D orientada para os indicadores de publicação, compreende-se que este domínio se transforme numa opção estratégica crucial do reposicionamento da instituição.

Independentemente desta matéria ser objeto de tratamento aprofundado no próximo relatório, regista-se desde já que estão em curso alguns apoios à publicação em revistas de prestígio internacionalmente reconhecido e cotadas nos rankings mais significativos, em cuja segunda edição (2011-12) se observou a emergência de 135 candidaturas, com forte representatividade do potencial de I&D associado ao ISEP.

4.10.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

A situação é claramente marcada pela dualidade ISEP versus restantes Escolas, embora nestas últimas se observe algumas iniciativas de carácter institucional orientadas para a organização de atividades de investigação.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|--|
| ESE | A ESE disputa com a ESTSP o estatuto de Escola com maior intensidade de investigação relevante a seguir à supremacia do ISEP. O CIPEM – Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical protagoniza essencialmente esse estatuto, estimando-se que existe potencial de interação com a atividade da ESMAE ainda não plenamente concretizado |
| ESEIG | Trata-se de uma Escola em que a investigação está em progressão, destacando-se duas unidades: o CIEFGEI (Centro de Investigação em Economia, Finanças, Engenharia e Gestão Industrial) que apresenta a particularidade promissora de articular as questões da economia e gestão com as da tecnologia e o <i>Knowledge Management, Interactive and Learning Technologies Research Group</i> centrado na área científica da informática. A avaliação mais em profundidade do potencial de investigação acolhido pela ESEIG será desenvolvida na atividade 3 do nosso trabalho |
| ESMAE | O potencial de I&D acolhido pela ESMAE requer avaliação em profundidade posterior, destacando-se nesta primeira avaliação o domínio da acústica (LAM – Laboratório de Acústica Musical) |
| ESTGF | Tal como na ESEIG, também aqui se optou por aglutinar num centro de investigação as duas áreas essenciais da Escola – ciências empresariais e informática. O CIICESI (Centro de Inovação e Investigação em Ciências Empresariais e Sistemas de Informação) protagoniza essa política, com uma vasta diversidade de linhas de atuação, refletindo a sua composição inicial e os domínios científicos de aposta dos seus recursos humanos mais avançados |
| ESTSP | Os três centros de investigação existentes na Escola – CEMAH (movimento humano), CISA (saúde e ambiente) e LRP (Laboratório de Reabilitação Psicossocial) – representam abordagens diferentes em matéria de organização e aposta. Os dois primeiros estruturam-se com base em pequenas equipas de investigação centradas nos respetivos responsáveis e o terceiro aposta pelo contrário numa lógica de consórcio de investigação com a UP (Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação). Nesta primeira avaliação, é na nossa perspetiva a segunda Escola mais representativa do IPP em matéria de I&D. |
| ISCAP | É claramente a Escola em que a I&D está menos estruturada, não sendo claro se constitui aposta da sua consolidação futura. A anunciada criação do CICEJ (Centro de Investigação em Ciências Empresariais e Jurídicas) sugere um momento de viragem, mas esta ideia requer avaliação mais em profundidade |
| ISEP | É inequivocamente a Escola com maior potencial de investigação instalado, com relevo essencial para os centros: CIDEM (Centro de Investigação e Desenvolvimento em Engenharia mecânica); CISTER (Sistemas de Computação, associado do INESC TEC); LSA (Laboratório de Sistemas Autónomos); GECAD (Sistemas de apoio à tomada de decisão, no qual a componente de investigação em energia eólica está representada); GRAC (Grupo de Reação de Análises Químicas). |

Embora este tema exija aprofundamentos nas atividades 3 e 4 do trabalho em curso, há desde já algumas regularidades que emergem com alguma clareza. Assim, por exemplo, não nos parece ser uma boa opção a existência de três centros (2 efetivos – ESEIG e ESTGF e outro anunciado – ISCAP) no domínio das ciências empresariais, sendo os dois primeiros desenhados para desenvolver alguma interação entre as ciências empresariais, a tecnologia e os sistemas de informação. Parece-nos ser a interação com a tecnologia e os sistemas de informação uma marca diferenciadora da aposta nas ciências empresariais, mas fazê-lo sem integrar a massa crítica de I&D existente nesses dois domínios no ISEP equivale a uma perda enorme de interação. Em nosso entender, existe campo para um único centro de investigação nas ciências empresariais no IPP, envolvendo a ESEIG, a ESTGF e o ISCAP mas tirando partido da massa de I&D nas áreas da tecnologia e dos sistemas de informação que existem no ISEP.

4.11. INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

4.11.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

A complexidade da problemática social na fase atual das economias e sociedades contemporâneas e os desafios/ameaças com que o Estado Social /Protetor se debate nas economias europeias e a sua inexistência/debilidade nas economias emergentes têm suscitado crescentemente a abordagem “inovação” a esses problemas.

Nas condições atuais e futuras (projetadas em função do conhecimento hoje existente) da sociedade portuguesa, seja por força dos cenários demográficos já aqui analisados, seja ainda devido ao processo de empobrecimento abrupto que o resgate financeiro está a determinar, as condições sociais serão matéria de preocupação generalizada e foco de procura de novas necessidades de intervenção e conhecimento-ação.

O Programa de Iniciativa Comunitária (PIC) EQUAL deixou em Portugal um rasto de inovação e de refrescamento de ideias no modo como combinou abordagens e estimulou projetos da sociedade civil organizada em que as questões da inovação, do parceria, do *empowerment* e do empreendedorismo social trouxeram novas ideias e perspetivas à intervenção social.

A rigidez e conservadorismo dos serviços da administração pública em regra envolvidos nas políticas sociais explicam a dificuldade de disseminar estes padrões de inovação que a abordagem EQUAL deixou em Portugal em matéria de intervenção social. No entanto, as necessidades e o espaço para essa disseminação mais intensa não desapareceram, tanto mais que o contexto é de rarefação de fundos e escolhas dolorosas nos domínios da intervenção social. A componente de inovação não se concretiza apenas nos modelos de abordagem, mas também pela tipologia de atores sociais envolvidos, envolvendo processos de cooperação e parceria cuja coordenação e governança exigem inovação.

Os seguintes elementos de evolução podem ser identificados:

- Fenómenos de exclusão social permanentes, polifacetados e dinâmicos exigindo novas formas de abordagem aos problemas associados
- Tecido institucional no sector social muito diversificado, ainda com forte predomínio de instituições direta ou indiretamente ligadas à Igreja e da presença dos próprios municípios que animam e coordenam redes de intervenção social
- Tecido institucional fortemente “*embedded*” no território, refletindo essencialmente os padrões e intensidade de capital social acumulado nos territórios e por isso claramente diferenciado segundo os territórios, designadamente em correlação com a densidade urbana e de capacidade de empreendimento (*private and social entrepreneurship*)
- Incremento considerável na última década, sobretudo na segunda metade da mesma, dos níveis de qualificação dos agentes sociais de terreno, reforçando a capacidade de interlocução que emerge do terreno
- Economia social ainda não suficientemente desenvolvida, sobretudo na sequência de alguma quebra de dinamismo do setor cooperativo de base regional e local
- Experiências relevantes e promissoras de articulação entre instituições operando no meio artístico (caso paradigmático da Casa da Música e do seu serviço educativo) e intervenções na área social
- Experiência e legado pioneiros, generalizadamente reconhecidos na União Europeia, gerados pelo Programa de Iniciativa Comunitária EQUAL, com experiências relevantes de inovação social, ainda longe de estar repercutidos na intervenção social em Portugal
- Projetos de inovação social largamente penalizados em Portugal pelo exclusivismo tecnológico que a problemática da inovação apresenta em Portugal

O reposicionamento procurado para o IPP é impactado sobretudo pelas repercussões que estes trends provocam no espaço natural de inserção territorial do IPP e das suas Escolas. A problemática social estará lá a exigir conhecimento-inovação para gerar as modalidades de intervenção mais eficazes e mais de acordo com os recursos públicos e que a sociedade poderá libertar para as financiar.

O espectro de áreas científicas que integram o potencial de produção de conhecimento do IPP não é muito rico para integrar plenamente os desafios/oportunidades em matéria de inovação social. Para além disso, o seu leque de ofertas formativas é também muito limitado nesta área, pelo que face à primeira evidência não será também muito fácil diversificar essa oferta formativa e adaptá-la.

A oferta formativa da ESE no domínio da educação social e a investigação existente na área da psicologia da reabilitação psicossocial surgem nesta primeira avaliação como as entradas possíveis para uma maior projeção possível do tema inovação e desenvolvimento social no reposicionamento do IPP.

4.11.2 IMPACTOS

4.11.2.1. Nas funções exercidas

Os impactos são nestas condições compreensivelmente limitados:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| Educação | A oferta formativa em educação social constitui a única entrada existente no IPP para integrar as repercussões deste <i>trend</i> de evolução e transformá-las em eventual fator de reposicionamento da instituição, o que se afigura bastante insuficiente para fazer infletir a posição da instituição |
| Investigação | A existência de uma simples unidade de apoio à Escola inclusiva na ESSE e o Laboratório em Reabilitação Psicossocial constituem as âncoras possíveis para uma maior intensidade de produção de conhecimento no domínio científico da inovação social |
| Formação contínua | Não há recursos internos que justifiquem a projeção de impactos relevantes neste domínio |
| Articulação com o meio | A articulação com o tecido institucional que poderá protagonizar na Região Norte uma abordagem inovadora às questões sociais é penalizada pelas entradas limitadas que a instituição pode desde já ambicionar neste domínio de intervenção. Uma intervenção possível nos domínios do empreendedorismo social (um dos veículos mais promissores da inovação social) exigiria uma mais efetiva cooperação com os recursos existentes na área das ciências empresariais. |

4.11.2.2. Nas áreas de ensino e investigação / Escolas

A ESE, a ESTSP e as Escolas com recursos no domínio das ciências empresariais protagonizam os principais desafios para uma eventual (difícil e ariscada) aposta do IPP nestas áreas.

| ESCOLAS /DOMÍNIOS | DESENVOLVIMENTOS EM TORNO DOS IMPACTOS |
|-------------------|---|
| ESE | Ofertas formativas na área da educação social e alguma investigação de suporte à Escola inclusiva constituem as âncoras possíveis para desenvolvimentos possíveis neste domínio |
| ESEIG | Ciências empresariais para o empreendedorismo social |
| ESMAE | As artes ao serviço de projetos de inclusão social: uma orquestra de jovens em rota de exclusão? |
| ESTGF | Ciências empresariais para o empreendedorismo social numa lógica de articulação com o desenvolvimento local |
| ESTSP | Reabilitação psicossocial como área de investigação da relação saúde-inovação social |
| ISCAP | Ciências empresariais para o empreendedorismo social |
| ISEP | Neutral |

4.12. ORGANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR

4.12.1 TRAÇOS FUNDAMENTAIS

Este *trend* tem experimentado nos tempos mais recentes uma forte aceleração determinada quer pelos impactos da globalização da investigação científica na internacionalização das universidades, quer pela deterioração das condições de financiamento público do ensino superior. Esta segunda dimensão de efeitos tem compreensivelmente uma incidência mais intensa no caso do ensino superior português. Os impactos no ensino superior politécnico relevam do mesmo enquadramento, cujos traços analíticos fundamentais são, na nossa leitura, os seguintes:

- A significativa alteração dos modelos de financiamento público do ensino superior, anterior aos processos de consolidação abrupta das contas públicas e posteriormente reforçada com as restrições associadas a estes processos, têm vindo a gerar na organização das instituições de ensino superior profundas mudanças;
- Mesmo que o ensino superior português esteja em contraciclo com algumas das tendências de reorganização, designadamente com a queda de importância relativa do ensino superior privado, as condições impostas pelo resgate financeiro da economia portuguesa tendem a acelerar esses processos;
- O tema da empregabilidade dos diplomados pelas diferentes instituições, ainda imperfeitamente conceptualizado e mais imperfeitamente medido, tem emergido como um dos principais desafios de reorientação de políticas das instituições do ensino superior;
- A emergência da economia global como espaço de captação de talentos e de procura para ofertas formativas passa a fazer parte dos referenciais estratégicos e de ação de muitas das instituições do ensino superior, particularmente das que pela sua dimensão e notoriedade podem aspirar a estratégias agressivas nesse domínio;
- A pressão reguladora da A3ES tem vindo a intensificar-se com as consequências de apetrechamento de recursos e de mobilização de tempos internos que a resposta fundamentada a essa regulamentação exige;
- A dimensão das políticas de garantia de qualidade começa a fazer o seu caminho nas instituições de ensino superior (papel pioneiro da Universidade do Minho nesta matéria);
- A procura do reconhecimento internacional e das condições de financiamento associadas fortemente baseada no ranking da investigação científica produzida tende a introduzir nas instituições do ensino superior uma forte tensão entre as atividades letivas, de formação e de relação com o meio, por um lado e com a investigação de notoriedade, por outro, atravessando transversalmente todas as instituições de ensino superior;
- A aplicação *sui generis* de Bolonha no ensino superior em Portugal levou muitas Universidades a invadir o terreno da formação profissionalizante até aí dominado pelos Politécnicos, estes últimos a atravessar uma significativa crise de identidade;
- Carreiras e áreas temáticas em vez de Faculdades e Departamentos: organização para a transversalidade (Joan Cortadellas e Alberto Jorge, *La Mejor Universidad del Mundo*, 2012)
- Exemplos pioneiros de gestão universitária em torno de modelos de negócio centrados na formação de competências e no “*problem solving*”
- Significativa alteração em Portugal dos indicadores de qualificação do corpo docente das instituições de ensino superior

- Tendência para que as universidades participem ou sejam inclusivamente motoras de projetos de competitividade territorial de cidades e regiões, seja pela produção de conhecimento (knowledge competitiveness), seja pela atração de recursos humanos qualificados

Este *trend* de evolução acabou por se transformar num elemento transversal do reposicionamento do IPP. A explicação para que isso acontecesse prende-se com o momento particular de alguma crise de identidade que o ensino superior politécnico presentemente atravessa. Essa coincidência determinou que este *trend* de evolução se tenha sobreposto a todos os outros marcando indelevelmente a procura de novos espaços de reposicionamento da instituição. A implicação que daqui resulta é este tema ser abordado duas vezes, neste capítulo e posteriormente na reavaliação da missão do IPP.

Há neste tema da reorganização do ensino superior várias tendências que se confundem.

Uma dimensão de evolução é a que se processa ao nível mais macroglobal das Universidades estarem hoje profundamente hierarquizadas e segmentadas em ligas de competição que aspiram a áreas de influência muito diferenciadas na economia global. A esta dimensão associam-se fenómenos como a emergência de Universidades “*research-based*”, a guerra aberta pela atração de talentos a nível mundial, a complexidade das relações com os conglomerados mundiais de I&D e com empresas globais, a relação de proximidade com cidades e aglomerações metropolitanas do topo do ranking mundial.

Outra dimensão é a da reorganização ditada pela alteração das condições de financiamento público do ensino superior, designadamente nos países sujeitos a cortes drásticos e a processos de consolidação abrupta das contas públicas, com todos os mecanismos conhecidos de progressiva atenção nos custos/aluno por áreas e cursos de formação, número de diplomados, receitas próprias de formação, investigação e fornecimento de serviços.

Outra dimensão ainda é a da reorganização puramente ditada por inovação nos ambientes formativos e de aprendizagem, como por exemplo os processos de reorganização orientados para ofertas formativas centradas na resolução de problemas e na formação de competências.

4.12.2 IMPACTOS

4.12.2.1. Nas funções exercidas

A natureza específica deste *trend* aconselha a que a ventilação dos seus impactos seja apenas concretizada em termos de funções:

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|--------------|--|
| Educação | <p>Processos de manutenção e de inovação de ofertas formativas fortemente condicionadas quer pelas condições de financiamento de cursos, quer pela aplicação de critérios de regulação impostos pela A3ES, exigindo processos robustos de conceção e operacionalização dessas ofertas</p> <p>Crescimento investimento de tempo e de recursos internos dedicados a processos de avaliação de ofertas formativas (autoavaliação e apoio a missões de avaliação A3ES)</p> <p>Relevância crescente dos índices de empregabilidade dos cursos ministrados</p> <p>Exigências organizacionais acrescidas pela futura aplicação de critérios de auditoria de qualidade</p> |
| Investigação | <p>Incremento considerável do ritmo de investigação produzida nas Universidades e Centros de Investigação de matriz universitária, medida pelos índices de publicações, introduzindo uma maior pressão no confronto com produção similar no ensino superior politécnico, embora concretizada em condições mais penalizadoras</p> <p>Intensificação dos processos de migração internacional de investigadores (inward e outward) com intensificação dos processos concorrenciais de atração de investigadores internacionais e de cooperação com equipas de investigação a nível mundial para realização de estágios e fellowships</p> |

| FUNÇÕES | IMPACTOS |
|------------------------|--|
| | <p>Forte relevância dos projetos europeus de investigação em rede como instrumentos de internacionalização das redes de investigação</p> <p>Tensão crescente entre a pressão para a intensificação da produção de investigação reconhecida inter pares e a pressão para a transferência de conhecimento para as empresas e organizações em geral</p> |
| Formação contínua | <p>Reforço do papel da formação contínua como processo de diversificação dos públicos de formação</p> <p>Fator /consequência do reforço da interação com o meio empresarial</p> |
| Articulação com o meio | <p>Tendência crescente para que a articulação com o meio seja cada vez mais encarada como oportunidade de diversificação de fontes de financiamento e captação de receitas próprias.</p> |

Da análise realizada pode dizer-se, em síntese, que a função investigação no IPP é claramente a mais impactada pelos efeitos da evolução na organização do ensino superior, o que nas condições existentes na instituição (ver driver Investigação científica e sistemas nacional e regional de inovação) se constitui em grande desafio estratégico para o IPP. Adicionalmente, duas outras preocupações transversais ganham importância relativa: a empregabilidade dos diplomados e a internacionalização. O cruzamento da primeira com as segundas determina um confronto sugestivo ISEP versus ISCAP, que protagoniza dois modelos: “investigação e internacionalização combinadas” versus “internacionalização sem investigação”, em ambos os casos ainda com indicadores relevantes de empregabilidade de diplomados.

Como já foi anteriormente referido, a resposta a estes desafios implicará necessariamente a reconsideração da própria missão do IPP, resituando-o no âmbito dos ventos de mudança que se anunciam para o ensino superior politécnico.

5. O LEGADO DOS TRABALHOS DO PLANO ESTRATÉGICO ANTERIOR

5.1. MISSÃO, VALORES E VISÃO

Os materiais disponíveis dos trabalhos do Plano Estratégico anterior e a que a equipa teve acesso não são propriamente abundantes, destacando-se a metodologia fortemente participativa ensaiada, incluindo a súpula dos trabalhos da grande reunião transversal realizada na Curia, com grupos de trabalho inter-Escolas.

O presente trabalho não pode aspirar ao mesmo grau de envolvimento participativo, mas mesmo assim envolverá os testemunhos de mais de uma centena de personalidades do IPP, o que não será coisa pouca.

Para além disso, há na metodologia do Plano Estratégico a que tivemos acesso uma ênfase na ferramenta SWOT que, do ponto de vista formal, não será na nossa abordagem tão marcada, embora a metodologia dos *trends* (capítulo 4) corresponda a uma aproximação que consideramos original à dimensão de avaliação externa da ferramenta SWOT (ameaças e oportunidades). Por outro lado, a ênfase que colocaremos nos ativos específicos do IPP com reconhecimento pelo mercado sobre os quais o reposicionamento do IPP poderá ser concretizado é também uma abordagem original à dimensão interna da avaliação SWOT (pontos fortes versus pontos fracos).

Os materiais consultados legam-nos também uma **proposta de missão** que, no contexto atual, não nos parece nem ajustada, nem diferenciadora do IPP:

“A missão do Politécnico do Porto é ser líder no ensino superior politécnico em Portugal, assumindo-se como comunidade socialmente responsável que – num quadro de referência internacional – procura a excelência na formação de cidadãos de elevada competência profissional, científica, técnica e artística numa ampla diversidade de perfis de qualificação; no desenvolvimento da investigação e transferência aplicada de tecnologia e de conhecimento; na criação e difusão da cultura; e no compromisso com o desenvolvimento sustentado da região”.

No contexto da transição pela qual atualmente o ensino superior politécnico passa, não nos parece que a liderança do sistema possa ser considerada uma missão por si só suficientemente mobilizadora. Trata-se, como veremos em capítulo próprio, de um sistema em profunda crise de identidade para a qual podiam ser definidas várias lideranças possíveis. Demonstraremos oportunamente que o impacto dessa crise de identidade numa instituição com a dimensão e potencial de crescimento do IPP tenderá a provocar na própria instituição uma outra crise de identidade, a da própria instituição. Em nosso entender, a missão que há de acompanhar a proposta de reposicionamento da instituição IPP deve necessariamente acomodar as múltiplas tensões que estão em formação no interior da própria instituição. Em conformidade com esta preocupação, haveremos de propor, depois de devidamente testada nos *workshops* com cada Escola uma proposta de missão que:

- Seja capaz de acomodar a estratégia de reposicionamento a que realisticamente e com base nos seus ativos específicos mais relevantes;
- Parta da diferenciação de dimensão que o IPP já apresenta no contexto nacional e que situe proativamente a instituição nos diferentes cenários que se anteveem para o ensino superior politécnico em Portugal;
- Explore os cenários de evolução mais promissores dessa evolução;
- Trabalhe a realidade incontornável que são as suas Escolas com o grau de progressão já alcançado em matéria de reconhecimento pelo mercado das suas ofertas formativas de 1º e

2º ciclos, do potencial de investigação já alcançado embora muito desigual no interior da instituição e da sua bem marcada inserção territorial.

Em matéria de **valores diferenciadores da instituição**, o Plano Estratégico anterior fixava os seguintes:

- Partilha, diálogo e participação na vida das comunidades
- Diversidade
- Curiosidade criativa
- Liberdade intelectual
- Cooperação
- Espírito crítico
- Criação de progresso

Também aqui, a estratégia de reposicionamento a propor implicará alguma revisão, orientada sobretudo na linha de uma maior concretização de valores diferenciadores em linha com a missão diferenciadora que se pretende que enquadre os destinos da instituição no horizonte 2020. Em nosso entender, a liberdade intelectual, a criatividade e a cooperação de recursos permanecerão, mas haverá que recriar novos valores suscetíveis de coerentemente alinhar a instituição por uma estratégia de reposicionamento face aos cenários antecipáveis para o ensino superior politécnico.

Em matéria de **Visão**, o Plano Estratégico anterior apostava numa formulação bastante abrangente:

É uma instituição reconhecida como motor da transformação social e do desenvolvimento económico, sustentada numa formação de qualidade, atrativa, diferenciada e competitiva, adequada às realidades variáveis, sustentada por investigação própria residente, facilitadora da empregabilidade, da flexibilidade e da mobilidade.

Que coloca o conhecimento e a inovação ao serviço da comunidade através de uma investigação centrada em áreas de conhecimento estratégicas (de qualidade consolidada), apoiada numa política de excelência, reconhecida nacional e internacionalmente, propiciadora do intercâmbio, da mobilidade e da participação dos estudantes.

Uma instituição de referência plenamente comprometida com a sociedade, que através da transferência de conhecimento e tecnologia, face à procura de inovação e serviços especializados nos diferentes âmbitos da sociedade, do mundo empresarial e da administração pública, contribui decididamente para o progresso económico e social.

Uma instituição criadora, inovadora e difusora de hábitos e formas culturais críticas, participativas e solidárias, que atua como fórum de discussão das distintas tendências nos distintos campos em que incide a sua atuação, através das suas “embaixadas culturais” disseminadas pela sua zona geográfica de influência e pela participação ativa nos órgãos de decisão das entidades de referência.

Socialmente reconhecida pelo prestígio do corpo docente, pela formação integral dos seus estudantes/ diplomados e pelo profissionalismo do pessoal não docente, altamente qualificados, motivados, comprometidos e com um forte sentimento de pertença e orgulho à instituição.

Parceiro privilegiado no envolvimento e comprometimento em projetos com a sociedade, a nível nacional e internacional (IES, empresas, grupos de interesses) no âmbito científico, tecnológico e cultural, reconhecido pela excelência dos serviços prestados.

Uma instituição que se distingue por uma gestão transparente, eficaz, eficiente, prestadora de contas à sociedade, orientada para a satisfação dos seus clientes e que assegura que as tomadas de decisões são coerentes e congruentes com os objetivos estratégicos definidos.

Uma instituição de prestígio nacional e internacional, capaz de comunicar uma imagem que permita consolidar a credibilidade da sua formação, investigação e serviços à comunidade, influenciadora de comportamentos e comprometida com o desenvolvimento de estratégias que respondam à satisfação das necessidades detetadas na sociedade.

Na medida do possível, trabalharemos para uma proposta de visão mais condensada e de mais fácil tradução numa estratégia comunicacional, ou seja, mais facilmente apreensível seja pela instituição, seja pelo mercado e pela Região de referência das apostas de reposicionamento.

5.2. OUTROS MATERIAIS DE REFLEXÃO COLETIVA E OBJETIVOS ESTRATÉGICOS

Entre os materiais de reflexão coletiva proporcionados pela metodologia fortemente participativa do exercício anterior e que a equipa técnica teve agora em devida atenção, contam-se os resultados do encontro da Curia, do qual retivemos a matriz de correlações entre os enunciados de oportunidades e pontos fortes (que correspondem grosso modo às vantagens competitivas da instituição segundo a sua própria perceção) e de ameaças e pontos fracos (que correspondem às suas vulnerabilidades, ainda na perspetiva da autoavaliação interna).

| OPORTUNIDADES | PONTOS FORTES | | | | | | | | |
|--|---------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------|--|--|----------------------------|---------------------|--|
| | Oferta de formação pós graduada | Heterogeneidade na oferta formativa | Oferta de cursos de vocação ... | Forte motivação para responder às ... | Capacidade de orientação e adaptação ... | Qualidade da investigação em projectos ... | Relacionamento interno ... | Corpo docente jovem | Vasta oferta de actividades extra-curriculares |
| Formação nas empresas | 14 | 15 | 16 | 16 | 13 | 14 | 6 | 7 | 6 |
| Aprendizagem/formação ao longo da vida | 16 | 16 | 15 | 16 | 14 | 10 | 12 | 9 | 8 |
| Novos perfis de clientes (novos públicos) | 18 | 17 | 16 | 15 | 13 | 8 | 9 | 8 | 8 |
| Região com forte actividade empresarial | 14 | 14 | 16 | 13 | 12 | 15 | 6 | 9 | 8 |
| Cursos de Especialização Tecnológica | 5 | 16 | 18 | 17 | 16 | 7 | 8 | 8 | 7 |
| Boas perspectivas de desenvolvimento económico | 14 | 15 | 17 | 12 | 9 | 13 | 6 | 6 | 8 |
| Tecido empresarial fragmentado | 8 | 14 | 13 | 13 | 13 | 10 | 6 | 9 | 6 |
| Mudança do conceito do papel do estudante | 11 | 12 | 14 | 11 | 10 | 11 | 14 | 10 | 12 |
| Captação de Doutorados | 17 | 11 | 6 | 7 | 7 | 16 | 6 | 11 | 6 |
| QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007 - 2013 | 10 | 11 | 13 | 8 | 8 | 13 | 4 | 6 | 6 |
| Programa Norte 2015 - CCDRN | 8 | 10 | 12 | 12 | 11 | 11 | 4 | 4 | 5 |

| AMEAÇAS | PONTOS FRACOS | | | | | | | | | | | |
|--|--|--------------------------------------|--|--------------------------|--|---------------------------------|-----------------------------------|--|--|--|--|--|
| | Dificuldade em atrair os melhores alunos | Elevado insucesso e abandono escolar | Baixo nível global de atividades de ID | Missão pouco clarificada | Ausência de planeamento e gestão estratégica | Debilidade do corpo docente ... | Baixo grau de internacionalização | Redes de cooperação ainda muito débeis | Instabilidade do corpo docente e não docente | Ausência de estímulos e incentivos à produtividade | | |
| Instabilidade e insuficiência do financiamento | 15 | 11 | 18 | 10 | 14 | 14 | 16 | 13 | 18 | 15 | | |
| Percepção social de que o Politécnico é um ensino de 2ª | 17 | 8 | 17 | 17 | 12 | 15 | 11 | 12 | 11 | 10 | | |
| Concorrência ... | 18 | 8 | 12 | 13 | 13 | 11 | 9 | 9 | 11 | 6 | | |
| Mobilidade internacional | 9 | 5 | 13 | 7 | 8 | 8 | 14 | 13 | 7 | 8 | | |
| Retração da procura | 15 | 13 | 11 | 12 | 11 | 9 | 9 | 9 | 8 | 7 | | |
| Redução da atratividade em algumas áreas formativas | 14 | 13 | 8 | 10 | 11 | 9 | 7 | 8 | 9 | 6 | | |
| Qualificações dos alunos provenientes do ensino secundário | 13 | 16 | 6 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | 5 | | |
| Predominância dos valores económicos | 6 | 7 | 8 | 7 | 7 | 7 | 6 | 5 | 8 | 12 | | |
| Baixa demográfica | 11 | 7 | 6 | 7 | 6 | 5 | 5 | 5 | 7 | 5 | | |
| Elevado desemprego | 6 | 6 | 5 | 8 | 9 | 5 | 5 | 5 | 7 | 5 | | |
| Redução do número de alunos a frequentar o ensino secundário | 10 | 6 | 4 | 4 | 5 | 4 | 4 | 4 | 6 | 4 | | |
| Elevado insucesso e abandono escolar no secundário | 10 | 11 | 4 | 4 | 5 | 4 | 4 | 4 | 4 | 4 | | |
| Ausência de valores humanistas | 5 | 5 | 6 | 5 | 5 | 5 | 5 | 4 | 4 | 5 | | |

| | |
|----|------------------------------|
| 24 | correlações fortes (13 - 18) |
| 53 | correlações médias (7 - 12) |
| 53 | correlações fracas (1 - 6) |

Conforme é possível deduzir dos materiais anteriormente apresentados, há algumas regularidades entre o exercício da Curia e a avaliação de situação agora realizada, sendo visível noutros casos que existem elementos de avaliação muito datados e, por isso, carenciados de revisão.

No plano das oportunidades/ameaças, a nossa abordagem identificou à partida 12 trends que oferecem uma leitura mais sistematizada das mesmas, projetando sobretudo as dimensões de envolvente externa à instituição com mais probabilidade de a impactar.

No plano dos pontos fortes/pontos fracos, procuraremos ser mais severos e definir preferencialmente os ativos específicos (recursos diferenciadores) sobre os quais entendemos que será possível construir o reposicionamento desejado.

Embora com estas reservas, o trabalho realizado pela instituição em torno do “seu” SWOT reflete a sua percepção que será por nós tida em devida conta, datando-a e compreendendo-a à luz do estado das coisas que então se observava no ensino superior politécnico.

Outra matéria a que dedicámos atenção foi a seleção que o Plano Estratégico anterior faz dos eixos prioritários para os quais define objetivos estratégicos.

O seu enunciado conta do diagrama reproduzido na página seguinte.



De acordo com a metodologia utilizada no nosso trabalho, utilizaremos uma formalização mais sucinta, que privilegiará as funções oportunamente definidas:

- Ofertas formativas de 1º e 2º ciclos;
- Investigação (e transferência de conhecimento);
- Formação contínua
- Articulação com o meio.

Criaremos adicionalmente um eixo organizacional, no qual inscreveremos as apostas mais instrumentais, tais como a criação de serviços transversais a toda a instituição, internacionalização, gestão de recursos humanos.

Privilegiaremos, assim, uma formalização de eixos prioritários que explicita os domínios de intervenção sobre os quais a instituição tem maior capacidade de intervenção, destacando depois os aspetos organizacionais que nos parece ser necessário fomentar para tornar exequível a estratégia de reposicionamento pretendida.

6. ELEMENTOS PARA UMA NOVA MISSÃO DO IPP

Este capítulo tem necessariamente uma natureza preliminar, já que o presente relatório envolve materiais correspondentes apenas às atividades 1 e 2 do contrato de aquisição de serviços celebrado entre o IPP e a QP. Estas atividades, tal como estão definidas em sede de caderno de encargos e na nossa proposta de trabalho, não integram ainda componentes de dimensão estratégica como o é efetivamente a reconsideração da missão do IPP.

No entanto, tal como o apresentámos na sessão realizada no dia 6 de Dezembro de 2012, a riqueza do trabalho analítico já realizado e sobretudo a valia dos testemunhos que foi possível recolher e sistematizar a partir da audição de 27 personalidades do IPP nesta fase conduziu-nos a arriscar um pouco e ousar avançar alguns elementos de reposicionamento global da instituição.

Trata-se, contudo, de elementos preliminares cuja confirmação exige uma avaliação mais rigorosa dos recursos diferenciadores sobre os quais o reposicionamento será construído e sobretudo a sua discussão no âmbito dos *workshops/focus group* a realizar com 10 a 12 personalidades de cada Escola do IPP (cerca de 70 a 84 personalidades).

6.1. O IPP FACE À CRISE DE IDENTIDADE DO ENSINO SUPERIOR POLITÉCNICO: UMA INSTITUIÇÃO EM TENSÃO

Tal como o já referimos neste relatório, os trabalhos de fundamentação de um novo posicionamento estratégico para o IPP ocorrem num momento muito particular de evolução do ensino superior politécnico (ESP) em Portugal.

Classificámos esse momento de crise de identidade³ do ESP.

O mais penalizador dessa crise de identidade é que ela não resulta de uma maturada reflexão do sistema sobre si próprio, as relações que vem mantendo com o sistema universitário ou uma cuidada perceção das mudanças observadas na envolvente da sua atividade. Ela resulta essencialmente dos reflexos dos cortes de financiamento que pesam sobre o ensino superior, na sequência do processo de consolidação abrupta das contas públicas em Portugal, fortemente agravados pelas condições em que o resgate financeiro da economia portuguesa (vulgo memorando de entendimento com a TROIKA e vicissitudes posteriores da sua aplicação). A experiência mostra que um ambiente de cortes de financiamento público é altamente penalizador de uma sólida reflexão sobre os caminhos futuros de um sistema de políticas públicas, qualquer que ela seja.

Acrescem a esta penalização duas outras evidências que tendem também a penalizar fortemente a consistência das mudanças apontadas para o ESP.

A primeira prende-se com a inexistência de pensamento estratégico claro sobre a matéria por parte das tutelas ministeriais. Se na tutela anterior a posição dominante parecia ser a de que a evolução “natural” do ESP tenderia a resolver por si só as coisas, conduzindo as instituições a diferentes posicionamentos, a posição do atual ministério é de difícil perceção. Emergem as posições mais desencontradas que vão desde as ideias de fusão entre politécnicos às de pura integração (absorção) em universidades, para além da ideia de que circulou de que o Ministério associaria ao ESP o estatuto de continuar na formação superior o secundário mais profissionalizante.

³ Em dissertação de doutoramento na área da sociologia da educação recentemente apresentada (2011) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Cláudia Susana Valadas Varano tem desenvolvimentos relevantes e pertinentes sobre a aplicação do conceito de identidade ao universo do ensino superior e ao politécnico em particular.

A segunda relaciona-se com o desigual desenvolvimento das instituições de ESP e com a impossibilidade de discutir hoje o futuro do sistema pressupondo que as instituições não tiveram a sua história de resposta aos incentivos e à regulação imposta pelo ministério. Essa resposta foi naturalmente diferenciada entre as instituições, mas aconteceu e produziu condições internas que as afastam significativamente do que eram quando foram constituídas.

De acordo com a nossa avaliação, qualquer cenário de alteração da identidade do ESP que trate as instituições de modo similar será fortemente penalizador para o IPP. O regresso eventual ao espírito com que o ESP foi criado em Portugal no chamado projeto Veiga Simão⁴ sem atender ao modo concreto e diferenciado como as diferentes instituições reagiram à regulação imposta pela tutela ministerial e mais recentemente pela entidade reguladora A3ES equivaleria em algumas delas a uma verdadeira destruição de recursos. O IPP estaria entre essas instituições em que, pelo menos para algumas das suas Escolas, tal procedimento equivaleria a um recuo significativo face ao que já foi alcançado em termos de investigação e qualificação dos seus recursos docentes.

O referido espírito inicial experimentou uma significativa alteração ao longo dos sucessivos momentos de revisão legislativa (Simão e Costa, 2000), para citar apenas alguns dessas expressões legislativas:

- A legislação de 1973 falava de “centros de formação técnico-profissional, aos quais compete especialmente ministrar o ensino superior de curta duração, orientado de forma a dar predominância aos problemas concretos e de aplicação prática, orientado, e promover a investigação aplicada e o desenvolvimento experimental, tendo em conta as necessidades no domínio tecnológico e no sector dos serviços, particularmente as de carácter regional”;
- Em 1977, entrava em cena o ensino superior de curta duração, tendente à formação de técnicos especialistas e de profissionais de educação a nível superior intermédio”;
- Em 1979, na proposta de coexistência com o ensino universitário em condições de “dignidade idêntica” falava-se de um ensino superior politécnico “impregnado de uma tônica vincadamente profissionalizante, com o ensino superior universitário, de características mais conceptuais e teóricas, traduzindo a real diversificação operada no âmbito do sistema do ensino superior”;
- Já na Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, parecia elevar-se o nível do ESP: “O ensino politécnico visa proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais”.

O problema é que não apenas as instituições do ESP foram reagindo às orientações da tutela e da emergência de princípios reguladores. Também o ensino universitário evoluiu no quadro dessa resposta a uma envolvente cada vez mais exigente (em termos de procura e de financiamento) e a adaptação ao modelo de Bolonha intensificou as mudanças em ambos os sub-sistemas. Acontece assim que as Universidades invadiram também elas o universo das áreas e das formações superiores profissionalizantes, bem como intensificaram as relações com as economias e o desenvolvimento regional e a articulação com as empresas, sobretudo na sequência do pujante e diversificado processo de criação de inter-faces (sem fins lucrativos) universidade-empresa a partir da segunda metade da década de 80.

Resta ainda dizer que, frequentemente, a entrada das universidades no universo do profissionalizante é mais retórica do que efetiva. A análise das condições de funcionamento concreto de alguns cursos universitários pretensamente profissionalizantes permite esclarecer que são pouco propícias à valorização de ambientes formativos com conteúdo profissionalizante.

Quer isto significar que as relações entre os sub-sistemas universitário e politécnico são cada vez mais *fuzzy*, até porque não é apenas entre as instituições do ESP que existe uma profunda heterogeneidade, também no sub-sistema universidades ela existe.

⁴ Veja-se, por exemplo, Veiga Simão e Almeida Costa (2000), O Ensino Politécnico Português – Descrição evolutiva e prospectiva deste sub-sistema de Ensino Superior, Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos

E uma avaliação rigorosa da evolução mostra que o ESP tem sido penalizado. Do ponto de vista da regulação, ele é sujeito à mesma pressão de qualificação e de reforço da investigação, mas, por outro lado, não lhe são concedidas as mesmas condições para o fazer (por exemplo, impossibilidade de internalização e concessão de processos de doutoramento com reflexos na massa crítica de investigação e publicações e de ofertas de mestrados integrados. Ou seja, o ESP é, por um lado, sujeito a uma pressão niveladora, mas por outro alguma menorização deste sub-sistema é mantida. Esta menorização evidenciada em algumas correntes da procura e no comportamento dos estudantes⁵ acaba por ser reforçada com a ambivalência contraditória da regulação e do enquadramento legal a que o ESP tem sido submetido

O que temos na prática é, por isso, uma instituição IPP que reage por via das estratégias das suas Escolas a este enquadramento contraditório, o que por si só tende a determinar uma trajetória evolutiva, “*path-dependent*”, ou seja geradora de um percurso, que cria uma história, inércias e necessariamente tensões. Diríamos que a crise de identidade do ESP tende a provocar na instituição IPP também uma crise de identidade, mas esta última mais determinada por um processo de crescimento e de reatividade ao referido enquadramento regulador e não revestindo propriamente uma crise depressiva. Se há crise de identidade no IPP é essencialmente porque a instituição não inculcou a referida menorização e porque tem em curso uma significativa reatividade a esse enquadramento que tem de ser necessariamente acomodada pelo reposicionamento estratégico.

No nosso trabalho, encontrámos por isso uma instituição com uma extrema diversidade de tensões.

Tensão entre a lógica “*research-based*” (antítese da menorização “politécnica”) e a lógica do ensino prático e aplicado (retórica do profissionalizante)

Alguns grupos de recursos existentes na instituição IPP procuram por via da investigação e das relações de cooperação com os seus pares universitários (investigação em consórcio com centros de investigação da UP e participação em inter-faces universidade-empresa da UP, INESC TEC por exemplo) o reconhecimento necessário capaz de combater a menorização politécnica. Essa tendência acaba por provocar uma tensão com as equipas que não conseguem esse reconhecimento.

Tensão entre o “doutoramento início de carreira” e o “doutoramento fim de carreira”

Não é apenas uma tensão induzida por diferenças etárias. É também uma resultante de uma perspetiva diferente sobre a trajetória de desenvolvimento profissional e sobre a cultura de investigação e publicação da mesma. Tem profundas implicações nas apostas de reforço da investigação e da sua notoriedade a nível de publicações e tende a exacerbar a oposição “*research-based*” versus “profissionalizante”.

Tensão entre doutorados e os que o não querem ser

O incremento da massa de doutorados no IPP é muito significativo (matéria a analisar mais em profundidade) no segundo relatório deste trabalho. Porém, isso não significa que a resistência ao doutoramento não exista, produzindo esta tensão. O estatuto de “especialista” na carreira docente politécnica introduziu desconfianças que são um produto colateral desta tensão. Esse estatuto pode na prática ser utilizado para proteger os que não assumiram o doutoramento como um fator imperioso da progressão das suas carreiras e não como um convite à integração na vida das Escolas de especialistas propriamente ditos. Todas estas contradições se agravam em contextos de precariedade global do emprego a nível da sociedade portuguesa, gerando compreensivelmente comportamentos securitários e defensivos.

Tensão entre Escolas “Pai ou Mãe” e Escolas “rebentos”

⁵ Várias personalidades ouvidas ao longo do trabalho nos referiram que os alunos do IPP não dizem na sua comunicação quotidiana que estão no Politécnico ou na Escola, mas sim na Faculdade, o que traduz uma forma subtil de inculcação da referida menorização

Se tomarmos o ISEP e o ISCAP como escolas de origem, na instituição IPP há novas Escolas (ESEIG e ESTGF, por exemplo) cujos recursos e algumas ofertas formativas podem ser entendidos como “*spin-off’s*” das Escolas de origem. Esta tensão desmultiplica-se em ofertas formativas diversificadas que frequentemente penalizam a focagem da oferta formativa do IPP e por vezes dificulta a cooperação entre recursos.

Tensão (de estatuto e de massa crítica de doutorados e de investigação) entre ISEP e outras Escolas

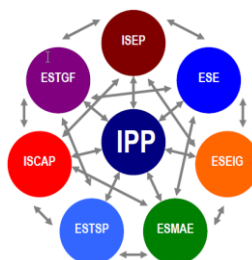
Esta é talvez a tensão mais conhecida e referenciada no interior da instituição IPP. Compreende-se dada a massa crítica já alcançada pelo ISEP em matéria de doutorados e de notoriedade dos rankings de publicações. Tende a favorecer estratégias individuais de Escolas, apostas em combater mais decisivamente a já mencionada menorização Politécnica.

Tensões entre custos /aluno (cursos e Escolas)

Em contexto de aperto de financiamento público, trata-se de uma tensão que tende a ser reforçada e penaliza a concretização de apostas de instituição.

Tensão entre a lógica transversal de IPP e a lógica Escolas

Esta tensão constitui-se no principal problema organizacional da instituição IPP. Tende a dificultar a cooperação entre recursos, pode estimular alguma atomização e diversificação precoce da oferta formativa e penaliza seriamente o aproveitamento de alguns espaços de oportunidade que exigiriam ofertas formativas mais transversais. Tende também a atomizar a função investigação, veja-se por exemplo o caso das ciências empresariais.



A figura que faz neste relatório a transição com os trabalhos do Plano Estratégico anterior tem que se lhe diga, pois o núcleo central IPP em torno do qual a figura surge estruturada pode equivaler a muito pouco. Aquele centro destacado pode representar pouca coisa se predominar a atomização de recursos em detrimento da cooperação entre os mesmos.

Tensão entre o Politécnico que quer ser Universidade e a Universidade que invade os domínios do Politécnico

É uma tensão que existe mais no sistema de ensino superior e nos seus dois sub-sistemas, mas está também presente na instituição IPP, por exemplo em Escolas (ISEP, por exemplo) que poderiam aspirar a uma integração na UP versus outras Escolas em que essa integração seria mais penalizadora.

Tensões inter-Escolas, intra-Escolas e intra-instituição

Pode concluir-se que as tensões identificadas são profundamente diversificadas e heterogéneas. É um facto que resultam mais de uma crise de crescimento e de reatividade do que são provocadas por ausência de saídas ou depressão interna. Mas existem, têm necessariamente de ser acomodadas e o reposicionamento deve utilizá-las como matéria a trabalhar e que não pode ser ignorada.

Vejamos, de seguida, em que medida, subjacente a estas tensões, é desde já possível identificar na instituição recursos diferenciadores (ativos específicos) sobre os quais será em nosso entender possível construir um reposicionamento que acomode pelo menos parte das tensões atrás identificadas.

6.2. DOS RECURSOS DIFERENCIADORES AOS ATIVOS ESPECÍFICOS

Esta matéria será objeto na segunda parte deste trabalho (atividades 3 e 4, segundo esquema apresentado no capítulo 2 do presente relatório) de um desenvolvimento centrado na avaliação estratégica interna dos recursos diferenciadores do IPP. Fá-lo-emos utilizando a metodologia VRIO (Valor, Raridade, Inimitabilidade, Organização). Por agora regressando à natureza meramente exploratória da abordagem ao reposicionamento, apresentaremos uma primeira avaliação desses recursos diferenciadores.

Resta dizer que o nosso conceito de recursos é bastante abrangente, não se confundindo com o de recursos humanos, embora obviamente os integre.

Trabalharemos fundamentalmente em torno do conceito de recursos que a chamada “*resource-based theory*” da empresa (organização) utiliza (Barney, 1991): “*Conjunto de activos, capabilities, processos organizacionais, atributos da firma (organização), conhecimento, entre outros, controlados pela firma (organização) e que a capacitam para conceber e implementar estratégias que aumentem a sua eficiência e eficácia*”.

Nesta primeira aproximação à instituição IPP e às suas Escolas (na qual ainda não foi possível uma avaliação mais circunstanciada da valia dos potenciais de I&D existentes na instituição), identificámos os recursos diferenciadores em dois planos: primeiro, os recursos que se apresentam já com valia de diferenciação; depois, os recursos que nos parece ser possível mobilizar com combinações de recursos existentes, exigindo por conseguinte algumas apostas de natureza organizacional para que tal mobilização seja possível.

6.2.1. RECURSOS PASSÍVEIS DE MOBILIZAÇÃO IMEDIATA

Modelo de inserção territorial do IPP

A localização das diferentes Escolas do IPP constitui um dos seus principais ativos específicos. A sua inserção no núcleo metropolitano da Região e o papel que a EGEI e a ESTGF desempenham do ponto de vista do alargamento da sua influência territorial colocam o IPP no coração de uma região urbana fortemente industrializada em boa posição para o estabelecimento de relações de cooperação mais alargadas com a Galiza e territórios de ruralidade próxima do litoral na Região, embora nestes últimos espaços a presença da Universidade do Minho seja marcante.

Esta localização é relevante não só do ponto de vista do efeito amortecimento dos cenários demográficos adversos que estão no horizonte, mas também na perspetiva do protagonismo do IPP nos processos de mudança do perfil de especialização produtiva do Norte de Portugal e de atração de IDE de nova geração à Região. Neste contexto, podem desenvolver-se projetos convergentes e cruzados de internacionalização Região e IPP, possibilidade que releva claramente da inserção territorial da instituição. A valorização deste ativo específico deve orientar-se para a evolução: inserção territorial → “*embeddedness*” da instituição nesse território.

Recursos valiosos nas ciências da engenharia

A existência entre os recursos do IPP de uma Escola de Engenharia com a tradição, valências e reconhecimento do ISEP constitui um ativo específico incontornável da instituição. Diríamos que o ISEP está para o IPP como a FEUP está para a UP, proporcionando uma base de investigação e conhecimento de matriz tecnológica que podemos considerar crucial para a mudança do perfil de especialização da Região e para a atração de IDE de nova geração, processo este extremamente

exigente do ponto de vista dos recursos humanos e conhecimento /I&D que uma Região pode atrativamente oferecer a esse IDE.

Os recursos de conhecimento nos domínios das redes e sistemas de informação, da energia, da mecânica e da automação/robótica constituem valias inequívocas para consolidar um posicionamento de maior protagonismo na mudança da base produtiva da Região.

Não há bela sem senão e neste caso a valia destes recursos e a sua experiência, pelo menos em certos domínios, de cooperação com diferentes grupos da FEUP-UP podem conduzir ao destaque dessas massas críticas em processos conjuntos orientados mais para fora da instituição IPP do que ao serviço do reforço das competências coletivas desta última.

Recursos para a criatividade artística

A presença da ESMAE, dos recursos humanos e científicos que a povoam, a sua atmosfera efetiva de Escola de Artes e o reconhecimento público nacional de tudo isto constituem ativos específicos inequívocos do IPP. Trata-se da massa de recursos menos atingida pelo já mencionado síndrome da menorização do Politécnico. Na Região não existe nenhuma outra Escola de Artes na área performativa com esta abrangência e a criatividade e experimentalismo dos ambientes formativos e de aprendizagem reforçam essa diferenciação. Diríamos que, no IPP, a ESMAE está para a criatividade como o ISEP está para a tecnologia.

Recursos para a interculturalidade

Este é um dos casos em que situações não canónicas podem transformar-se em recursos diferenciadores, haja vontade para o fazer e sobretudo capacidade de desenvolver novas combinatórias. A existência de um grupo como o CEI, aparentemente incompreendido ou simplesmente tolerado numa Escola de tradição como é o ISCAP, não é uma situação totalmente canónica e compreensível para um burocrata da educação. Mas existe, tem capacidade de investigação, é nacional e internacionalmente reconhecido e bate-se claramente com os seus pares universitários com os quais colabora e coopera.

Os recursos para a interculturalidade são ativo específico enquanto tais e poderão sê-lo de modo bastante mais alargado se a instituição, designadamente o ISCAP e as restantes Escolas com oferta formativa e investigação nas ciências empresariais, conseguirem promover e concretizar novas transversalidades a partir desta matriz original. Em secção própria comentaremos essa possibilidade.

Recursos e ofertas formativas com reconhecimento e tradição de forte empregabilidade

Embora desigualmente focadas, praticamente todas as Escolas do IPP apresentam ofertas formativas com reconhecimento e evidências de forte empregabilidade, das Escolas com maior tradição (ISCAP e ISEP) até às mais jovens. O reconhecimento e grau de empregabilidade que essas ofertas formativas evidenciam não são eternos, dependem entre outras coisas da envolvente e contexto de procura de formação que a região de influência do IPP apresentar. São, em nosso entender, ativos específicos não porque sejam eternos ou imutáveis mas antes pelo contrário pela confiança que despertam no mercado, sendo por isso possível à instituição IPP ousar inovar em matéria de ofertas formativas. O mercado e a procura sabem que se trata de uma instituição que oferece formações sólidas e com grau de empregabilidade elevada. Tenderá por isso a ser mais receptiva a novas propostas de ofertas formativas.

Para além disso, como instituição que acolhe uma Escola Superior de Educação que proporciona ofertas formativas equiparadas às das instituições universitárias acolhe conhecimento prestigiado na área das diferentes didáticas, sendo também por isso reconhecida.

Experiência de internacionalização

Se o ISEP apresenta na área da investigação níveis de internacionalização já apreciáveis, o ISCAP é do ponto de vista das ofertas formativas e das redes de intercâmbio de experiências uma verdadeira máquina experimentada de internacionalização. São ativos de Escola que apresentam

um elevado potencial para se transformarem em ativos de internacionalização de instituição, constituindo este último um desafio organizacional.

Convém também referir que quando se fala em internacionalização não estamos apenas a considerar a componente *outward*. A dimensão *inward* (de atração de estudantes e investigadores e de articulação com processos de IDE à Região) é tão ou mais importante do que a outra dimensão.

Experiência pioneira de ofertas formativas em contexto de simulação empresarial

A experiência pioneira e já consolidada de ofertas formativas em ambiente de simulação empresarial do ISCAP (contabilidade) é por nós considerada um ativo específico, sobretudo do ponto de vista da relação com ofertas formativas concorrenciais. Isso significa que os ambientes formativos e as práticas pedagógicas nesse domínio (contabilidade) estão já preparados para um contexto de simulação/aplicação.

Tal como vemos os ambientes formativos do IPP como um dos grandes eixos de reposicionamento da instituição, esta experiência da simulação empresarial representa nessa perspetiva um ativo, podendo essa experiência e disponibilidade serem utilizados como referenciais de demonstração para outras experiências similares (ver propostas de reposicionamento).

Massa de recursos humanos ainda suficientemente motivados para fazer da atividade no IPP um projeto de vida e de trajetória profissional gratificante

Esta avaliação não resulta, é necessário explicitá-lo, de uma avaliação própria da equipa técnica junto dos recursos humanos da instituição. Foi, entretanto, bastante referenciado, pelos testemunhos de personalidades nas Escolas de menor dimensão e consta dos trabalhos do Plano Estratégico anterior como um dos pontos fortes da instituição IPP. De acordo com a versão preliminar do inquérito às qualificações dos docentes (Novembro de 2012), a idade média dos docentes do IPP (40 anos) e o facto de 76,8% desses docentes ter menos de 50 anos constituem evidências que apontam nesse sentido. Essa avaliação é também compatível com o grau de reatividade que a instituição tem revelado às exigências do regulador. Por estas razões, foi por nós considerado um ativo específico.

6.2.2. RECURSOS QUE EXIGEM COMBINATÓRIAS PARA SE TRANSFORMAREM EM ATIVOS ESPECÍFICOS

Tal como referimos anteriormente, incluímos neste grupo recursos que, para se transformarem em ativos específicos de uma estratégia de reposicionamento, exigem uma mobilização diferente. Por outras palavras, exigirão novas combinatórias, algumas das quais podendo suscitar resistências. Se o espaço de oportunidade existe e não está preenchido é porque essas combinatórias encontraram algum constrangimento.

Potencial de combinação de ofertas formativas “*profit*” e “*non-profit*”

Existem na instituição IPP recursos para um diálogo mais efetivo entre as artes e a tecnologia, entre as humanidades e as ciências tecnológicas e empresariais. Esse diálogo e interação serão na nossa perspetiva fatores de diferenciação muito relevantes para as instituições de ensino superior do futuro. São combinatórias que não se geram espontaneamente dada a heterogeneidade dos códigos implícitos nas linguagens e nas práticas científicas e formativas. Exigem, entre outras condições, ambientes vivos e densos de proximidade, conhecimento tácito e *face to face*. Não é apenas um problema de relações inter-Escolas. Esse potencial existe, por exemplo, numa Escola como a ESMAE, com uma ainda incompleta articulação imagem-teatro-música.

Potencial de combinação dos recursos para a interculturalidade com os das ciências empresariais

Em contextos de oferta formativa para os negócios em economia global, os estudos interculturais constituem pontes valiosas com o marketing e as ciências da comunicação em geral. O marketing evidencia bem como os negócios se desenvolvem em contextos socioculturais particulares, com exigências próprias e necessidade de ponderação dos códigos e valores comunicacionais das sociedades de destino ou recetoras das mensagens comerciais.

Recursos para uma dimensão “envelhecimento” de um eventual *cluster* da saúde na Região

A ESTSP dispõe de recursos de investigação nos domínios do movimento e motricidade humanos e da reabilitação psicossocial para focar a participação do IPP numa lógica de aceleração do processo de estruturação do *cluster* da saúde, não propriamente segundo uma lógica de interação com o meio empresarial, mas fundamentalmente de interação com serviços públicos mais diretamente relacionados com os temas do envelhecimento.

Recursos para uma abordagem formativa mais integrada e estratégica ao cluster do turismo na Região

Trata-se de um caso típico de atomização de ofertas, distribuídas por diferentes Escolas, que dificultam uma abordagem integrada capaz de fazer a diferença entre a oferta existente. Ilustra bem o que dissemos sobre o impacto organizacional de algumas combinatórias de recursos a promover.

Recursos para uma presença do IPP na estruturação de um cluster do mar na Região

Neste caso, não é propriamente um problema de combinatórias internas de recursos. É antes um problema de saber se a nível regional vai haver coerência e consistência de orientações para a estruturação de um cluster na economia regional do mar. A fonte essa é inequívoca e são os recursos na área da robótica existentes no ISEP.

6.2.3. SÍNTESE

No enunciado anterior, evitámos integrar na sistematização realizada recursos que para assumirem alguma visibilidade exigirão uma dimensão de aposta interna que transportaria a sua indicação mais para o terreno do próprio reposicionamento. Mas reconhecemos que a diferenciação entre as situações apresentadas e essa dimensão de aposta interna mais marcada seja de difícil delimitação.

6.3. PRINCIPAIS ESPAÇOS DE OPORTUNIDADE PARA UM REPOSICIONAMENTO COMPETITIVO E DURÁVEL DA INSTITUIÇÃO

6.3.1. AO NÍVEL DA MISSÃO DO IPP

Partimos para esta reflexão preliminar com três pressupostos, ambos decorrentes da acumulação de conhecimento conseguida nesta fase do trabalho (atividades 1 e 2):

- O reposicionamento e a reformulação da missão do IPP não podem deixar de procurar uma resposta para as tensões que a reatividade da instituição ao enquadramento regulador do ESP está a gerar no interior da instituição;

- O eventual recentramento da instituição (por imposição descendente) na lógica “Politécnico de velha geração” equivaleria a uma destruição de recursos com efeitos muito penalizadores no IPP; esse recentramento equivaleria a negar a trajetória percurso-dependente que a instituição realizou nos últimos tempos, penalizando o seu posicionamento diferenciador;
- Um cenário de reorganização do ESP sem atender às especificidades das grandes instituições como o IPP terá riscos penalizadores consideráveis para o posicionamento do IPP; cenários de reorganização do ESP organizados na base de candidaturas de instituições concretas serão sempre mais favoráveis para o IPP.

Com base nestes pressupostos, trabalharemos nas fases seguintes do trabalho essencialmente os seguintes cenários de renovação /diferenciação da missão do IPP:

- Integração (parcial? total? penalizadora?) na UP?
- Politécnico + autorização legal de concessão de doutoramentos?
- Diferenciação competitiva pela combinação “oferta formativa – investigação de suporte” e ambientes formativos de **SAVOIR Y FAIRE?**
- Universidade Politécnica?

Como foi afluído na apresentação preliminar de 6 de Dezembro de 2012, alguns destes reposicionamentos de missão não são necessariamente mutuamente exclusivos. Alguns intersejam-se. Todos foram concebidos tendo em vista a atenuação das tensões oportunamente identificadas, proporcionando-lhes uma saída.

INTEGRAÇÃO NA UP?

A ESE e o ISEP seriam provavelmente as Escolas com maior potencial de integração na UP já que corresponderiam a uma maior probabilidade de reconhecimento inter-pares. Poder-se-iam também antever processos de integração já não pela similaridade de estatutos e recursos mas antes pelo efeito novidade, como o seria ilustrativamente o caso da ESMAE.

O que queremos significar com isto é que o cenário da integração na UP não é em si próprio afastável, antes exige da parte da instituição IPP devida ponderação. Os termos em que essa integração se processaria são bem mais determinantes do que a possibilidade em si própria considerada. Sobretudo é necessário avaliar que grau de penalização pode essa integração acarretar para a instituição.

O cenário pode ter variantes não propriamente de integração mas antes de cooperação entre massas críticas de investigação e nesse cenário o ISEP estaria bem posicionado para o protagonizar não necessariamente com penalização para o IPP.

AUTORIZAÇÃO PARA CONCESSÃO DE DOUTORAMENTOS

Imaginando um cenário de autorização seletiva a essa concessão com base em candidaturas das instituições do ESP a esse processo, somos de opinião que dificilmente o IPP poderia aspirar a um bom resultado como instituição global. Talvez o ISEP e a ESE atingissem o *score* pretendido, ou melhor dizendo as ciências da engenharia e da educação. O cenário teria a grande vantagem de potenciar o reforço da investigação na instituição e aliviaria seguramente algumas tensões na instituição, designadamente a da menorização politécnica.

DIFERENCIAÇÃO COMPETITIVA PELA COMBINAÇÃO “OFERTA FORMATIVA – INVESTIGAÇÃO DE SUPORTE” EM AMBIENTES FORMATIVOS DE SAVOIR Y FAIRE?

Este é o cenário com menos implicações em termos de alteração de regime jurídico de enquadramento. Em termos práticos, trata-se de um reposicionamento por apostas concretizadas com o mesmo regime jurídico do ESP. Equivale a um cenário de muito maior reatividade ao enquadramento presente e às suas indeterminações, logo mais exigente em termos internos e

sobretudo em termos das opções organizacionais. Seguramente que implicaria uma racionalização efetiva da oferta formativa, focando-a em termos dos espaços de oportunidade identificados neste trabalho e em função dos recursos de investigação que seria necessário mobilizar. A título meramente ilustrativo, racionalização da oferta formativa por exemplo nas ciências empresariais e no turismo, construindo centros de recursos e competências (formativas e de investigação) transversais e inter-Escolas. Exigente, por conseguinte.

Trata-se de um cenário que não atenua propriamente tensões, antes pelo contrário as induz no processo de arranque.

UNIVERSIDADE POLITÉCNICA?

Trata-se de um cenário bastante discutido na reunião de trabalho com a ESE, o que indicia a existência de reflexão interna para o fundamentar, o que constitui em si mesmo um recurso. Este cenário é formulado com base no pressuposto de que o acesso a este estatuto seria sempre objeto de um processo de candidatura, em que cada instituição do ESP apresentaria as suas armas e estratégia para o conseguir. Pode ser entendido como um passo de mágica, uma espécie de coelho na cartola que se tira e que aparentemente dilui tensões. É verdade. Mas tem referenciais comparativos a nível internacional. Não é necessariamente uma fuga para a frente. É antes uma oportunidade de assegurar um salto institucional às instituições de ESP mais reativas (entre as quais o IPP obviamente se encontra) e validar a progressão inequívoca em termos de qualificação de corpo docente e de investigação que essa reatividade permitiu concretizar. Dilui tensões (menorização politécnica e não internalização de doutoramentos), não hipoteca a dimensão aplicada do ESP, acomoda focos e grupos “*research-based*” e possibilita uma diferenciação inter pares com a UP. Não é coisa pouca. Porém, exige uma negociação exigente com a tutela e uma diferenciação da estratégia de negociação no interior do CSISP, com liderança IPP.

6.3.2. ESPAÇOS DE OPORTUNIDADE PARA O REPOSICIONAMENTO DO IPP

Com base nos recursos diferenciadores mobilizáveis e tendo em conta os diferentes cenários em termos de missão para o IPP, apresenta-se de seguida uma primeira sistematização de espaços de oportunidade para o reposicionamento possível do IPP. Trata-se de uma formulação preliminar, necessita de ser testada e constituirá um dos materiais de discussão dos workshops/focus groups a realizar em cada Escola.

A avaliação crítica destes espaços de oportunidade implicará nas fases seguintes do trabalho a realização das seguintes operações:

- De que modo estes espaços de oportunidade interpelam as funções oferta formativa, investigação, formação contínua e articulação com o meio;
- Que modelo organizacional para a sua implementação? Por Escola ou implicando projetos transversais? De que modo as Escolas são interpeladas?
- Que recursos são mobilizáveis para a sua concretização?
- Que estratégia de transição?

Optaremos nesta fase do trabalho por uma formulação muito sucinta dos espaços de oportunidade, para que o trabalho ainda a realizar com as Escolas possa enriquecer substancialmente esta formulação preliminar.

AMBIENTES FORMATIVOS E DE APRENDIZAGEM SEGUNDO MODELOS DE SAVOIR Y FAIRE AO SERVIÇO DA NAVEGAÇÃO PROFISSIONAL EM MERCADOS DE TRABALHO CADA VEZ MAIS ATÍPICOS E GLOBALIZADOS

Há espaço, potencial de investigação a desenvolver, experiências pioneiras na (ISCAP) e ambientes naturais (ESMAE) que permitem desenhar uma oportunidade de diferenciação competitiva do IPP, transversalmente a toda a sua oferta formativa, orientada para ambientes formativos e de aprendizagem em contextos de *SAVOIR Y FAIRE*. A aposta na combinação de projetos formativos com orientações para a navegação profissional dos futuros diplomados do IPP emerge como hipótese de uma marca na oferta formativa, combatendo a retórica profissionalizante que algumas Universidades têm promovido sem consistência com os ambientes formativos que conseguem implementar.

A aposta estende-se também à formação contínua e necessita de um forte impulso de investigação a montante que o cruzamento entre as ciências da educação e a aprendizagem baseadas em TIC podem proporcionar na instituição.

Trata-se claramente de uma aposta que exige um forte incremento da transversalidade na instituição, embora o impulso de investigação a montante possa brotar inicialmente da ESE. As questões conceptuais suscitadas pelo conhecimento contextualizado (*contextualized knowledge*) exigem trabalho de investigação e a ESE parece ser o foco possível para esse impulso. A utilização da metodologia do projeto como algo de transversal a todas as ofertas formativas insere-se nessa preocupação diferenciadora.

FOCO NA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA COMO FONTE DE NOVAS OFERTAS FORMATIVAS E DE NOVOS PÚBLICOS PARA A FORMAÇÃO

Este espaço de oportunidade consta já dos trabalhos do plano estratégico anterior e concretiza-se sobretudo na flexibilização da oferta formativa para atrair os novos públicos para a formação que a ALV tem vindo a induzir. Se nas ofertas formativas de 1º e 2º ciclo, a aposta conexa é no sentido da sua flexibilização modular, já no que respeita à formação contínua a aposta passa pela estruturação de um serviço transversal de formação contínua transversal a toda a instituição com centro de recursos próprios, sobretudo em termos de engenharia da formação e pela inovação em matéria de ofertas formativas dessa natureza.

Oportunamente definimos as três tipologias de ofertas formativas do tipo contínuo que importa conceber para a atração de públicos da ALV: a formação de suporte à navegação profissional em trajetórias mais longas de atividade; a formação de entretenimento e lazer, designadamente no âmbito da formação sénior e a formação para a mudança de vida, com componente de empreendedorismo associada.

Este espaço de oportunidade exige uma estratégia transversal a toda a instituição, centros de recursos inter-disciplinares e inter-Escolas, mas é também compatível com projetos de desenvolvimento de ofertas Escola a Escola, desde que obedecendo aos princípios de engenharia da formação que a instituição definir no seu serviço transversal.

OFERTAS FORMATIVAS E TIC

Em estreita correlação com os dois espaços de oportunidade anteriormente enunciados, o impulso para uma maior disseminação das TIC como marca diferenciadora das ofertas formativas constitui também um espaço de aposta para a instituição no sentido da sua diferenciação.

Importa referir que a marca diferenciadora não está na presença física ou tecnológica das TIC nos ambientes formativos. Essa presença é instrumental. O fundamental é, por exemplo, potenciar uma maior intensidade dos processos de autoformação, a capacidade de triar e gerir as frentes amplas de acesso à informação que as TIC proporcionam, o suporte para o ensino mais tutorial.

A grande interrogação neste espaço de oportunidade é a de saber se o seu aproveitamento poderá abranger a produção de conhecimento no interior da instituição IPP ou se, pelo contrário, a diversidade de produtos de software no mercado se imporá, negando essa possibilidade. Por exemplo, a simulação empresarial já há muito tempo utilizada no ISCAP aparentemente não é endógena à instituição, antes recorre a software adquirido no exterior.

A aposta estende-se ainda à divulgação e disseminação de conhecimento e artefactos produzidos na própria instituição. Por exemplo, a ESMAE tem um potencial de edição, designadamente, na área da música que está longe de estar concretizado.

CIÊNCIAS ORGANIZACIONAIS

As ciências empresariais têm vindo a ganhar alguma expressão na instituição, mas na nossa perspectiva de modo excessivamente atomizado. Se a diversificação das ofertas formativas por diferentes Escolas do IPP suscita, por si só, um problema de focagem de recursos, esse não é o problema mais penalizador para a instituição. O principal problema resulta do facto dessa atomização induzir uma outra, bem mais inibidora de futuro promissor. Trata-se da atomização da massa crítica de recursos de investigação. Na nossa perspectiva, o IPP não tem dimensão para mais do que um centro de investigação na área das ciências empresariais. Para além disso, não vemos grande vantagem na orientação de apostar nas vertentes financeiras das ciências empresariais, por se tratar de domínios em que a concorrencialidade das Faculdades de Economia e Gestão na área de inserção do IPP é muito forte. A aposta parece-nos estar concentrada, antes pelo contrário, na dimensão das ciências organizacionais, em estreita correlação com os domínios da gestão de recursos humanos em contextos de navegação profissional, da interculturalidade e da tecnologia.

O espaço de oportunidade está, assim, na constituição de um único centro de investigação para as ciências empresariais, com dominante nas ciências organizacionais, na gestão de recursos humanos, no marketing intercultural e com uma profunda articulação com a tecnologia (relação organização-tecnologia), estruturado como centro de recursos da instituição IPP e envolvendo sobretudo recursos do ISCAP, ESEIG, ESTGF e ISEP.

PROTAGONISMO NA MUDANÇA DO PERFIL DE ESPECIALIZAÇÃO DA REGIÃO: ESPECIALIZAÇÃO INTELIGENTE

Através da sua Escola de Engenharia e do seu reconhecimento na Região e sobretudo centrado no potencial de investigação que pode aí ser desenvolvido, o IPP pode aspirar a um maior protagonismo no processo de mudança do perfil de especialização da Região, cuja transformação dependerá de três vias essenciais:

- A transferência de mais conhecimento para os setores que organizaram historicamente a industrialização na Região e que, num contexto de forte dualismo e destruição de emprego, têm mostrado alguma resiliência face à crise atual;
- A emergência de novas empresas em áreas de maior conteúdo tecnológico e incorporação de conhecimento;
- A atração de investimento direto estrangeiro (IDE) de nova geração capaz de interagir virtuosamente e acelerar as duas vias anteriores.

Os dossiers do cluster “Economia do Mar”, da oferta formativa na área das madeiras e da abordagem integrada (oferta formativa – investigação – transferência de conhecimento) ao cluster do turismo na Região relevam desta perspectiva. Em termos mais ambiciosos e obviamente dependentes da sua operacionalização em instrumentos de política pública coerentes, o dossier de um modelo de especialização inteligente (com grande interação com a questão eficiência energética, energias renováveis e economia com menor intensidade de carbono) para a Região (sugerido pela programação EUROPA 2020) releva da mesma aposta para o IPP.

Trata-se de uma aposta que exige uma forte presença mediadora da Presidência do IPP e dos Presidentes das Escolas mais diretamente envolvidas.

OFERTAS FORMATIVAS PARA OS NOVOS EMPREGOS DE PROXIMIDADE

Com foco no potencial de investigação e ofertas formativas da ESTSP, o IPP tem um espaço de oportunidade no domínio da investigação-formação em saúde, podendo disputar nessa área algum protagonismo na configuração de um *cluster* Saúde na Região, sobretudo no plano das interações

possíveis entre conhecimento-formação e instituições públicas (centros de saúde e unidades hospitalares)

IPP: UM PROJETO PIONEIRO DE ARTICULAÇÃO ARTES – TECNOLOGIA

De acordo com a avaliação estratégica de recursos que foi já possível concretizar nesta fase do trabalho, o IPP constitui a instituição melhor apetrechada na Região para um diálogo pioneiro entre as artes e a tecnologia, sobretudo alicerçado numa mais intensa e estruturada interação entre a ESMAE e o ISEP.

Trata-se, por isso, de mais uma aposta na cooperação entre recursos e na interação entre Escolas que marca, indiscutivelmente, este trabalho, e que pode traduzir-se em apostas de novas ofertas formativas e formação contínua, podendo ainda impactar a investigação e sobretudo os projetos de articulação com a Região (o meio).

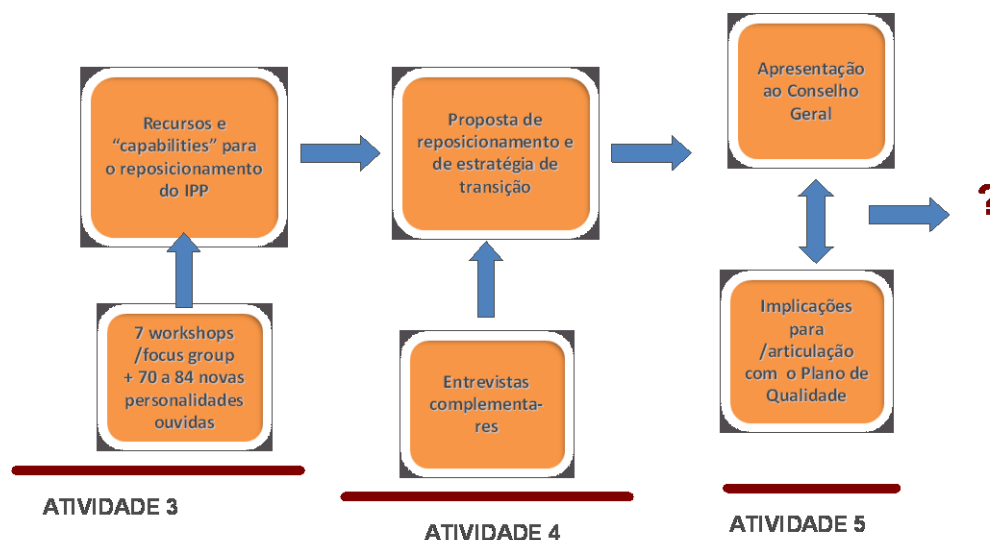
IPP: UM CATALIZADOR DA ANIMAÇÃO URBANA

Sobretudo através da ação que pode ser desenvolvida em torno das atmosferas que diferenciam a ESMAE e dependente de opções de realocização de infraestruturas que este trabalho não tem mandato para equacionar, o IPP pode afirmar-se ainda como catalizador de animação urbana, seja na Baixa portuense, seja no pólo da Asprela, com maior probabilidade na primeira destas localizações.

A possibilidade de utilização do Rivoli, em protocolo de colaboração com a Câmara Municipal do Porto, como espaço de fixação de algumas das atividades lúdicas e letivas da ESMAE merece avaliação, pois constituiria um salto qualitativo na presença e afirmação da instituição na Cidade.

7. OS PASSOS SEGUINTES

Tal como já foi referido, a segunda fase do trabalho (atividades 3, 4 e 5) pode ser descrita pelo diagrama da imagem seguinte:



Nos trabalhos a desenvolver, podem ser identificados os seguintes passos fundamentais:

- Aprofundar o trabalho de avaliação estratégica dos recursos e “capabilities” mobilizáveis no IPP para o seu reposicionamento (sistematizados em duas famílias), o que envolverá sobretudo uma análise em maior profundidade dos potenciais de investigação e das qualificações de docentes e investigadores;
- Trabalhar os 7 workshops /focus group nas Escolas do IPP nesta perspetiva de testar a identificação de recursos e capabilities, o reposicionamento em termos de missão e os espaços de oportunidade anteriormente enunciados;
- Realizar algumas entrevistas complementares;
- Formalizar a proposta de reposicionamento com reformulação da missão, valores, visão, espaços de aposta transversais e por Escola, implicações no modelo organizacional do IPP;
- Conceber uma estratégia de transição para o novo posicionamento estratégico, tendo em conta designadamente a articulação com o Plano de Qualidade;
- Apresentar o resultado do trabalho ao Conselho Geral.

8. ANEXOS

ANEXO 1 - GUIÃO DE ENTREVISTA / REUNIÃO DE TRABALHO COM PROFESSORA DOUTORA MARIA ROSÁRIO GAMBÔA, PRESIDENTE DO IPP

PLANO ESTRATÉGICO IPP

1. Principais ideias-força que nortearam o seu programa de candidatura à Presidência do IPP
2. O ensino superior politécnico parece atravessar uma crise de identidade, seja por instabilidade de orientações políticas superiores, seja por força do crescimento entretanto observado nestas instituições. Quer elaborar um pouco sobre esta questão sobre a qual tem uma perspetiva privilegiada de observação? Que modelos em seu entender estarão em germinação?
3. De acordo com a sua experiência já acumulada na Presidência, quais são (3 no mínimo) os principais fatores externos à instituição que constroem decisivamente a sua atividade?
4. Apesar desses constrangimentos, reconhece a existência de oportunidades (quais?) para a exploração de um novo ciclo de afirmação do IPP?
5. Pensa que a instituição na sua heterogeneidade de 7 Escolas reconhece do mesmo modo essas oportunidades?
6. Imagine um cenário ótimo de ausência de constrangimentos (de toda a ordem) à sua intervenção. Indique 3 a 5 medidas que assumiria no plano imediato para aplicação à instituição.
7. Assuma agora o cenário real dos constrangimentos. Que principais linhas de ação estão já em aplicação e com as quais o Plano Estratégico deve conviver?
8. Do ponto de vista da sua experiência e do contacto que tem com a “procura” do IPP, que fatores contribuem para o reconhecimento da instituição?
9. Na nossa metodologia de abordagem, a instituição IPP é vista segundo uma matriz de Funções (educação, investigação, formação profissional, serviços à comunidade) versus Escolas. A partir do seu conhecimento das 7 escolas quer assinalar algumas “células” que se destacam nesta matriz complexa?

ANEXO 2 – GUIÃO DE ENTREVISTA / REUNIÃO DE TRABALHO – PROFESSOR DOUTOR CARLOS RAMOS – VICE PRESIDENTE PARA A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E INTERNACIONALIZAÇÃO

PLANO ESTRATÉGICO IPP

1. Num modelo de análise da atividade do IPP que considera 4 funções – educação, investigação, formação profissional e serviços à comunidade (articulação com o meio), como caracteriza o grau de desenvolvimento da função investigação?
2. Que diferenciação pode estabelecer nesta matéria entre as 7 Escolas?
3. Indique por favor os 3 principais constrangimentos que penalizam a função investigação no IPP, se possível com alguma diferenciação entre as 7 Escolas!
4. É comum numa instituição desta natureza identificar na evolução da função investigação duas fases: (i) uma, fortemente ligada ao reforço do corpo de doutorados, algo desestruturada; (ii) outra, mais avançada, que já não é tão fortemente tributária dos processos de doutoramento e antes tira deles partido. Como classifica o IPP e as suas Escolas deste ponto de vista?
5. Considerando o potencial de investigação existente que ativos específicos (recursos diferenciadores) o IPP apresenta com reconhecimento já alcançado pelo “mercado” de utilizadores (outras instituições de investigação com quem o IPP colabora ou é parceiro, serviços públicos, empresas)?
6. Que outros ativos específicos existem que, em seu entender, ainda carecem de reconhecimento, podendo aspirar ao mesmo?
7. Existem áreas de investigação relevantes, em termos de massa crítica de recursos e de reconhecimento, que envolvem a cooperação entre duas ou mais Escolas do IPP?
8. Existem áreas de investigação relevantes que se desenvolvem em cooperação/parceria com outras instituições de investigação a nível nacional/internacional?
9. É possível constituir a partir de informação estruturada existente um quadro de bordo sucinto do potencial de investigação do IPP com individualização do ponto de situação das 7 Escolas?

ANEXO 3 – ENTREVISTA A MEMBROS DO CONSELHO GERAL (CG): DRA MANUELA MELO E DR. RICARDO FONSECA

IPP – TRABALHOS DO PLANO ESTRATÉGICO

29 de Novembro de 2012 – 14.30

1. O ensino superior politécnico (ESP) parece atravessar uma crise de identidade, seja por instabilidade de orientações políticas superiores, seja por força do crescimento entretanto observado nestas instituições.

Que perspetiva têm sobre esta suposta crise de identidade do ESP? De que modo ela atinge o IPP? Esta matéria tem sido objeto de discussão no interior do CG? Existe alguma opinião dominante no CG sobre o perfil identitário (missão diferenciada) que o IPP deve prosseguir?

2. Do conhecimento que têm acumulado sobre a instituição IPP, quais os recursos diferenciadores (*ativos específicos*) que, em vosso entender, podem constituir o suporte para um novo posicionamento competitivo do IPP?
3. Com esse mesmo referencial de conhecimento, quais são em vosso entender os principais constrangimentos internos que a instituição enfrenta?
4. Que visão tem o CG da relação IPP versus 7 Escolas e das suas implicações no modelo de governação da instituição?
5. Em vosso entender, quais os elementos chave de evolução da envolvente externa do ESP e do IPP em particular que vão influenciar o futuro do IPP?
6. De acordo com o conhecimento que têm da “procura” do IPP, quais são os fatores que contribuem para o reconhecimento da instituição medido pelo número de candidatos?
7. O que é tem mudado de substancial no relacionamento do IPP com a sua envolvente externa, Região e outros espaços de afirmação potencial?
8. Como é que vêm o potencial de internacionalização do IPP?
9. Que expectativas alimentam, enquanto elementos representativos do CG, quanto aos resultados do Plano Estratégico?

ANEXO 4 – GUIÃO DE ENTREVISTA / PROFESSORES DAS 7 ESCOLAS DO IPP

PLANO ESTRATÉGICO IPP

1. O ensino superior politécnico parece atravessar uma crise de identidade, seja por instabilidade de orientações políticas superiores, seja por força do crescimento entretanto observado nestas instituições. Em seu entender e do ponto de vista da Escola em que desenvolve a sua atividade, para que modelos de identidade estará o Ensino Politécnico a evoluir?
2. Num modelo de análise que considera as funções de educação (ensino de 1º e 2º ciclos), investigação, formação profissional e serviços à comunidade (articulação com o meio) como caracteriza, do ponto de vista do desempenho relativo e absoluto, a Escola em que desenvolve a sua atividade?
3. A internacionalização e a empregabilidade dos diplomados constituem duas outras dimensões que condicionam fortemente o desempenho das instituições de ensino superior. Como caracteriza o desempenho da Escola nestas duas dimensões?
4. Em seu entender existe uma marca e identidade próprias “IPP”?
 - a. Se Não: que razões aponta para esse facto?
 - b. Se SIM: Como é que a sua Escola se revê ou influencia essa marca/identidade global de instituição?
5. De acordo com a sua experiência e vivência da Escola, quais são (3 no mínimo) os principais fatores externos à instituição que constroem decisivamente a sua atividade?
6. Apesar desses constrangimentos, reconhece a existência de oportunidades (quais?) para o desenvolvimento de um novo ciclo de afirmação da sua Escola?
7. Com base em que recursos internos (ativos específicos) diferenciadores tais oportunidades poderão ser aproveitadas/exploradas?
8. Indique 3 ofertas formativas da Escola que correspondem em seu entender a uma recente adaptação às tendências da procura!
9. Indique 1 a 3 ofertas formativas não existentes na Escola que possam corresponder em seu entender a oportunidades diferenciadoras!
10. Pensando agora na função investigação em particular, que áreas de investigação apresentam na Escola um maior potencial de desenvolvimento e diferenciação?
11. Que projetos concretos de cooperação com outras Escolas do IPP e exteriores ao mesmo (ensino, formação profissional, investigação) pensa poderem ser desenvolvidos no futuro com reconhecimento científico e de mercado?
12. Do ponto de vista da sua experiência e do contacto que tem com a “procura” da Escola e do IPP em geral, que fatores contribuem em seu entender para o reconhecimento da instituição?
13. Que expectativas tem acerca do reatar dos trabalhos do Plano Estratégico? Utilize nesta resposta a sua própria avaliação da experiência (se é a que viveu) de elaboração do Plano Estratégico anterior!

ANEXO 5 – APRESENTAÇÃO POWERPOINT 06-12-12



Atividades 0

ATIVIDADE 1 ...

- **Sistematização** dos principais trends de evolução interna (país e região) e externa (essencialmente União Europeia) que influenciarão a procura, a oferta e a organização do ensino superior (metodologia própria da entidade); posicionamento em termos de oferta formativa e de procura

Objetivos 0

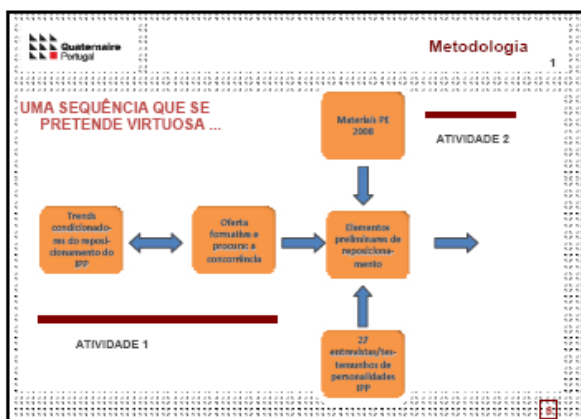
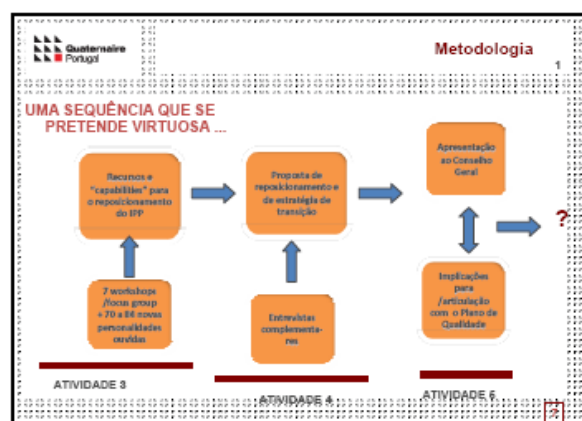
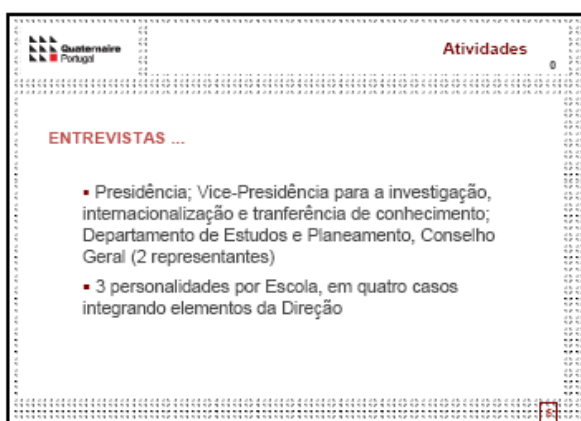
COM ESTA SESSÃO DE TRABALHO VISA-SE ...

- **Interagir** com o Grupo de Acompanhamento com base nos resultados das atividades 1 e 2 definidas no contrato de aquisição de serviços da QP + incorporação de conhecimento decorrente da audição preliminar de 27 personalidades da instituição
- **Discutir** alguns elementos preliminares de reposicionamento estratégico da instituição IPP e de reformulação da sua missão
- **Definir** orientações para os exercícios de focus-group /workshops a realizar com grupos de 10/12 docentes e investigadores em cada Escola do IPP

Atividades 0

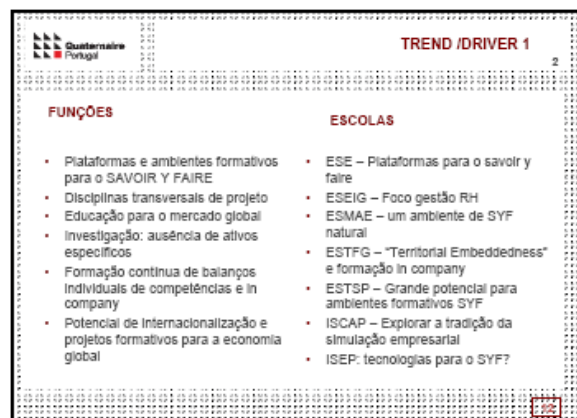
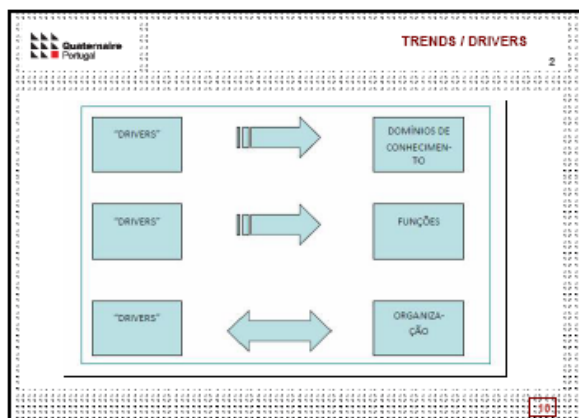
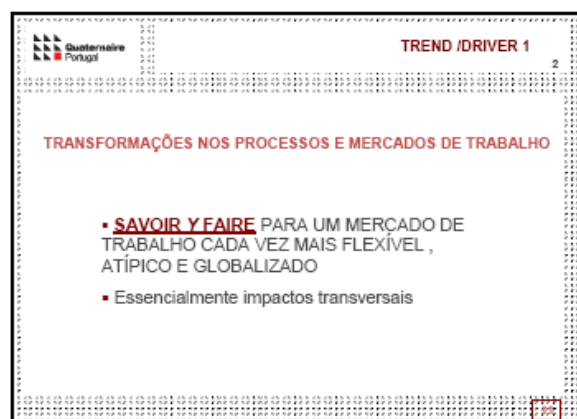
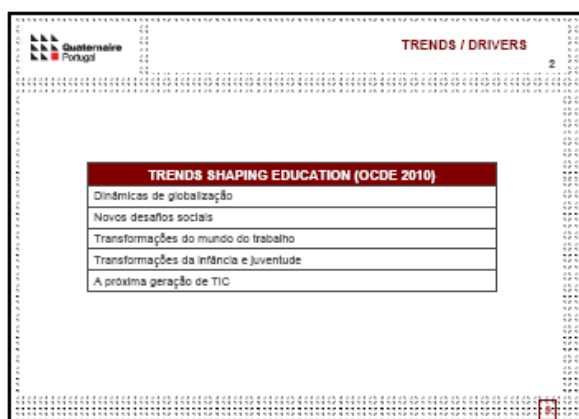
ATIVIDADE 2 ...

- **Avaliação estratégica** dos materiais disponibilizados respeitantes à versão existente do Plano Estratégico, do Plano de Qualidade e dos workshops/apresentações animados por personalidades exteriores ao IPP



TRENDS / DRIVERS

| TRENDS | FUNÇÕES | ESCOLAS |
|---|---------------------|---------|
| Transformações nos processos e mercados de trabalho | | |
| Novos empregos, novas necessidades, novas procura | | |
| Tendências demográficas e territoriais | | ESE |
| Aprendizagem ao longo da vida | Oferta formativa | ESEIG |
| Evolução das TIC | Investigação | ESMAE |
| Criatividade, inovação e formação | Formação Contínua | ESTGF |
| Economia regional e nacional 2020 | Articulação c/ meio | ESTSP |
| Sustentabilidade | | ISCAP |
| Investigação científica e SNI /SRI | | ISEP |
| Inovação, Desenvolvimento e Crise Social | | |
| Organização do ensino superior | | |



TREND /DRIVER 2

NOVOS EMPREGOS, NOVAS NECESSIDADES, NOVAS PROCURAS

- Impactos mais distribuídos com efeitos no posicionamento de instituição
- Novas ofertas formativas e prioridades de investigação
- Nas escolas e na mobilização integrada de recursos

TREND /DRIVER 3

TENDÊNCIAS DEMOGRÁFICAS E TERRITORIAIS

- Mesmo que implantado em territórios ainda demograficamente resilientes os impactos estão aí ...
- Consolidação /reposicionamento da inserção territorial ...
- Combinação de apostas em ofertas formativas /investigação de suporte às implicações do envelhecimento

TREND /DRIVER 2

FUNÇÕES

- Dílogo fundamental entre as tecnologias puras e duras e as formações reequilibradoras das artes e humanidades (non profit) (Martha Nussbaum)
- Saúde comunitária, reabilitação social e novos empregos de proximidade e não só
- Investigação de suporte: existem activos
- Novas necessidades, novas instituições: liderar e catalizar a inovação institucional nesta área

ESCOLAS

- ESE – Ofertas formativas de 2º ciclo para o empreendedorismo social
- ESEIG – Foco “Gestor de navegação profissional”
- ESMAE – Papel central nas formações non profit
- ESTFG – Novos empregos na frente da internacionalização e do negócio internacional
- ESTSP – Ofertas formativas e investigação para os novos empregos de proximidade
- ISCAP – Gestão internacional; línguas e economias emergentes; Interculturalidade
- ISEP: Ofertas formativas para novas áreas tecnológicas

TREND /DRIVER 3

FUNÇÕES

- Espaço de oportunidade de novas ofertas formativas e de investigação de suporte em torno das diferentes dimensões do envelhecimento
- Consolidar a “embeddedness” da Instituição IPP com o capital social e institucional do território natural de inserção
- Relações com territórios de baixa densidade com transferência de conhecimento

ESCOLAS

- ESE – Investigação em torno da feminização do ensino superior, formação para a reabilitação
- ESEIG – Inserção territorial e focagem de atividade
- ESMAE – Migrantes qualificados (música)
- ESTFG – Organização e desenvolvimento local
- ESTSP – Core da oferta formativa para o envelhecimento
- ISCAP – CEI, tradução e interpretação e atração de migrantes qualificados
- ISEP: Ponta avançada do IPP na rede de interações da especialização inteligente

TREND / DRIVER 4

APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA (ALV)

- Flexibilização modular das ofertas formativas ...
- Novos públicos para a formação superior – novas ofertas
- Formação para a mudança de vida

TREND / DRIVER 5

EVOLUÇÃO DAS TIC

- Transversais: inovação de ambientes formativos, simulação, autoformação e tutorial, resolução de problemas, casos, **e e b-learning**
- Específicos: novas ofertas formativas tecnológicas **research-based**
- Grande contributo para ambientes **savoir y faire**

TREND / DRIVER 4

FUNÇÕES

- Uma revolução possível: a flexibilização modular da oferta formativa vocacionada para a captação de novos públicos
- Existe investigação para uma didática da ALV?
- Elevadíssimo potencial de ofertas de formação contínua
 - Longevidade e navegação profissional
 - Formação sénior de entretenimento e fruição cultural
 - Formação de suporte a projetos/processos de mudança de vida
- Fator estimulante de um serviço transversal e integrado de formação contínua IPP

ESCOLAS

- ESE – Papel motor na Investigação e organização de ofertas formativas ajustadas à procura de ALV
- ESEIG – Flexibilização OF e recursos para a formação contínua
- ESMAE – Idem e artefactos de **e-b-learning**
- ESTFG – Flexibilização OF e recursos para a formação contínua
- ESTSP – Flexibilização OF e recursos para a formação contínua
- ISCAP – Flexibilização OF e recursos para a formação contínua
- ISEP: Idem e artefactos de e-learning

TREND / DRIVER 5

FUNÇÕES

- Efeitos transversais e específicos na oferta formativa
- Efeitos instrumentais e substanciais na investigação
- Formação contínua TIC based: contributo para ambientes de *Savoir y Faire*
- ISEP fator de consolidação de relacionamentos com o meio relacionados com um novo perfil de especialização para a Região

ESCOLAS

- ESE – Papel motor na Investigação /conceção de práticas pedagógicas e de aprendizagem em ambientes TIC
- ESEIG – Mais TIC nas ofertas formativas
- ESMAE – Multimédia: teatro-música-imagem
- ESTFG – Casoteca IPP
- ESTSP – Conceção de ambientes de simulação de contextos de trabalho
- ISCAP – Casoteca IPP
- ISEP: Papel motor na afirmação do IPP como produtor de conhecimento (tecnologia) para um modelo de especialização mais inteligente da Região

TREND /DRIVER 6

2

CRIATIVIDADE, INOVAÇÃO E FORMAÇÃO

- 3 elementos chave para o reposicionamento do IPP
 - Artes, cultura e (se o cluster emergir) indústrias culturais e criativas
 - Criatividade: fator de diferenciação da relação "oferta formativa versus ambientes formativos e de aprendizagem"
 - Criatividade: ADN da instituição – práticas, comportamentos, modelos organizacionais, incentivos
 - Estratégia dos pequenos passos ou dos passos sucessivos

TREND /DRIVER 7

2

ECONOMIA REGIONAL E NACIONAL 2020

- 2 elementos chave para o reposicionamento do IPP
 - Novas ofertas formativas research-based alinhadas com os trends esperados para o perfil de especialização da Região
 - Maior protagonismo IPP na transferência de conhecimento para a base produtiva tradicional mas resiliente e para os perfis emergentes

TREND /DRIVER 6

2

FUNÇÕES

- Investigação: Criatividade nos ambientes formativos
- Investigação: artes e tecnologia
- ESMAE /IPP: centro de animação do campus universitário da Asprela? Ou centro de animação da baixa portuense? Questões de aposta ou de localização?
- Reforço do papel das ciências organizacionais nas ofertas formativas e investigação das ciências empresariais
- Formação contínua nas artes

ESCOLAS

- ESE – Papel motor na Investigação sobre a criatividade nas práticas pedagógicas e de aprendizagem; cooperação ESE/ESMAE
- ESEIG – Que recursos no design?
- ESMAE – A dança como prioridade estrutural; melhor relação teatro-música – imagem; como disseminar a criatividade no IPP?
- ESTFG – Ciências organizacionais
- ESTSP – Neutral
- ISCAP – Ciências organizacionais
- ISEP: Papel motor (Interação o/ESMAE) numa eventual emergência de cluster de indústrias criativas

TREND /DRIVER 7

2

FUNÇÕES

- Novas ofertas formativas research-based: cluster do mar
- Focagem de ofertas existentes: cluster do turismo
- Afinamentos de OF em função da mudança estrutural em curso
- Capitalização interna da licenciatura Madeiras
- Maior protagonismo IPP (ISEP) no desenvolvimento operado na Região em matéria de infraestruturas científicas e tecnológicas
- Atração de IDE
- Polo do Mar UPTec

ESCOLAS

- ESE – Neutral
- ESEIG – Focagem turismo; afinamentos na internacionalização empresarial; que recursos na Eng^a Biomédica?
- ESMAE – Neutral a não ser na emergência de um cluster de ICC
- ESTFG – Afinamentos na internacionalização empresarial; extensão dos recursos que suportam o eixo organização e desenvolvimento local
- ESTSP – Cluster da saúde? Melhor avaliação
- ISCAP – Afinamentos na internacionalização empresarial; interculturalidade e marketing no negócio Internacional
- ISEP: Core da exploração do cluster do mar

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Principais objetivos da análise da oferta e procura

- Perceber e clarificar o posicionamento do IPP, e de cada uma das suas Escolas, no contexto do mercado formativo a nível do ensino superior
- Identificar oportunidades de ação do IPP /Escolas em segmentos de mercado específicos, quer por Áreas de Educação e Formação, quer por Níveis de Formação²¹

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Pressupostos

Abrange a oferta e procura de cursos no ensino universitário e de cursos no ensino politécnico,

Os indicadores: Vagas por curso de ensino superior, Inscritos no 1º ano pela 1ª vez, Índices de satisfação de procura (para o ensino público)

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Pressupostos

Análise de Áreas de Educação e Formação (AEF) - Portaria nº 256/2005 de 16 de Março selecionadas com base na atual oferta de cursos das várias Escolas que integram o IPP,

Em termos temporais, a análise da oferta e procura realizada concentra-se no período entre o ano letivo de 2006/2007 e o ano letivo de 2010/2011,

Em termos territoriais a análise abrange o território nacional (Continente, Madeira e Açores),

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

| Grande grupo | Áreas de estudo | Áreas de educação e formação (AEF) |
|--------------------------------------|---|---|
| Exemplos | Formação de profissionais Formação a nível de educação | 102 Ciências da Educação 104 Formação de professores do Ensino Básico (7º e 2º ciclos) 106 Formação de professores e formadores das áreas de Inglês 211 Biologia 212 Artes do Espetáculo 213 Atividades e produção dos meios 214 Design 222 Língua e literatura inglesa 223 Língua e literatura francesa 224 Bibliotecas, arquivos e documentação (BARD) 301 Comércio 302 Marketing e Publicidade 303 Planificação, Gestão e Segurança 304 Contabilidade e Fiscalidade 305 Gestão e administração 306 Secretariado e trabalhos administrativos 309 Ciências empresariais – programas não classificados noutros áreas de formação 380 Direito |
| Áreas e Formações | Artes | |
| Ciências sociais, humanas e de saúde | Humanidades Informação e jornalismo Ciências empresariais | |
| Ciências matemáticas e tecnológicas | Matemática | |
| Ciências da saúde | Medicina | |
| Ciências da engenharia e informática | Informática | 401 Ciências Informáticas 402 Informática na área do utilizador |

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

| Grupos | Áreas de estudo | Áreas de educação e formação (AEF) |
|---|-----------------------------|--|
| Engenharia, indústrias transformadoras e construção | Engenharia e técnicas afins | 511 Mecânica e mecânica |
| | | 522 Eletricidade e energia |
| | | 523 Eletrónica e automação |
| | | 524 Tecnologia dos processos químicos |
| | | 525 Construção e reparação de veículos a motor |
| | Indústrias transformadoras | 544 Indústrias extrativas |
| | Arquitetura e construção | 562 Construção civil e engenharia civil |
| | | 726 Tecnologias de diagnóstico e terapêutica |
| | | 728 Terapia e reabilitação |
| | | 727 Ciências farmacêuticas |
| Saúde e proteção social | Serviços sociais | 791 Serviços de apoio a crianças e jovens |
| | | 792 Trabalho social e orientação |
| Serviços | Serviços pessoais | 811 Higiene e restauração |
| | | 812 Turismo e lazer |
| | | 813 Desporto |
| | Proteção do ambiente | 801 Tecnologia de proteção do ambiente |
| | | 803 Serviços de saúde pública |
| | Serviços de segurança | 992 Segurança e higiene no trabalho |

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Análise da concorrência na ótica da procura

O estudo das tendências no posicionamento do IPP na ótica da procura de formação concentra-se na análise do comportamento de um único indicador - alunos inscritos no 1º ano e pela 1ª vez, nos cursos nos diversos níveis de formação.

A análise complementa-se com o exame da distribuição da procura dentro do mercado e das áreas /cursos concorrentes e a identificação dos curso com mais efetivos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período entre 2006/7 e 2010/11.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Análise da concorrência na ótica da oferta

O estudo do posicionamento do IPP na ótica da oferta formativa concentra-se na análise do comportamento de dois indicadores no que respeita aos cursos do IPP e em comparação com cursos/ instituições concorrentes:

- Vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo no período entre 2006/2007 e 2011/12;
- Índice de Satisfação da Procura (relação entre as vagas oferecidas e a procura como 1ª opção na 1ª fase de acesso ao ensino superior) no período de 2010/11 a 2012/13.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

Principais conclusões por Grupo de áreas de educação e formação (AEF)

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Ciências de Educação, Formação de Professores do ensino Básico e Secundário e Formação de Professores e Formadores de Áreas Tecnológicas

i) Posicionamento relevante da ESE que atinge quotas de mercado de oferta de vagas mais significativas nos cursos da área de Formação de Professores e Formadores de Áreas Tecnológicas, embora com uma quebra entre 11% e 5,2% e 6,2% respetivamente em 2009/10 e 2010/11;

ii) O curso de Educação Musical mantém uma quota de mercado muito significativa (cerca de 10% das vagas oferecidas nos anos letivos de 2009/10 e 2010/11), a concorrência é marcadamente privada e geograficamente mais concentrada no centro e norte.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Artes do Espetáculo, Audio-Visuais e Produção dos Media, Design

i) A oferta de vagas em cursos de Licenciatura 1º ciclo do IPP concentram-se maioritariamente pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE), para além da ESE e da ESEIG

ii) Posicionamento relevante da ESMAE nos cursos das áreas da Música e do Teatro, que atingem quotas de mercado representativas (16,0% e 13,8% no ano letivo de 2010/11 respetivamente), sendo que alguns dos cursos oferecidos (determinadas variantes) não têm concorrência direta no mercado

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

iii) O curso de Ensino Básico da ESE apresenta Índices de Satisfação da Procura de 2,46 em 2012/13, 3,15 em 2010/11 e 1,65 em 2011/12, constituindo um dos cursos da área que mantém valores para este índice mais elevados dentro do mercado público, apenas ultrapassado pelo curso da Universidade da Madeira.

iv) A ESE dispõe de 5 Mestrados de 2º ciclo nestas AEF, que se iniciam a partir de 2008/9 e que ocupam quotas de mercado em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez na ordem de entre 4% e 8% do total de alunos inscritos em cursos de Mestrado 2º ciclo nas mesmas áreas de educação e formação.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

vi) As quotas de mercado da ESMAE tem decrescido no caso dos Mestrado de Artes do Espetáculo, entre 13, 9% em 2008/9 e 4,9% em 2010/11.

vii) Na área do Teatro a grande concorrente em termos de procura de Mestrado 2º ciclo é a Escola de Teatro e Cinema do IP Lisboa

viii) O Mestrado 2º ciclo de Música – Interpretação Artística da ESMAE, com 78 alunos nos três últimos anos; os mestrados concorrentes com mais procura são os cursos de Mestrado 2º ciclo de Música da U. Aveiro, de Música do IP Lisboa, de Música da U. Évora e de Ciências Musicais da U. Nova de Lisboa

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

iii) Dentro das AEF de Áudio-visuais e Produção dos Media e do Design a oferta de cursos é muito variada e o IPP detém quotas de mercado muito mais restritas

iv) No segmento Audiovisual e Multimédia os cursos da ESMAE têm um posicionamento em termos de ISP bastante favorável e concorrem principalmente com o IP de Lisboa / Escola Superior de Comunicação Social e a Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas-Artes.

v) O posicionamento da ESEIG é menos favorável para o curso de Design e confronta-se com forte concorrência de instituições universitárias – U. Técnica de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura, U. da Madeira e U. de Aveiro, com ISP superiores a 2 ou ligeiramente abaixo de 2.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Biblioteconomia, Arquivo e Documentação

i) A ESEIG mantém um posicionamento significativo traduzido pela quota de mercado de vagas oferecidas no curso de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação, com tendência crescente nos últimos anos e que atinge os 13% os ano letivo de 2010/11. A concorrência nesta área é principalmente exercida pela oferta das instituições universitárias.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Língua e Literatura materna

i) Os cursos de Língua Gestual Portuguesa da ESE adquirem um posicionamento significativo com uma quota de mercado que atinge em 2010/11 os 38%. No entanto ao nível do Índice de Satisfação de Procura os cursos apresentam baixa performance, com valores abaixo de 1.

ii) O Mestrado 2º ciclo de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa é lançado em 2010/11 não sofrendo concorrência direta. Os Mestrados 2º ciclo com mais procura são os de Estudos Portugueses Multidisciplinares e de Língua e Cultura Portuguesa (Língua Estrangeira/Língua Segunda), com início em 2007/8, respetivamente da Universidade Aberta e da universidade de Lisboa.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Comércio, Marketing e Publicidade, Contabilidade e Fiscalidade, Gestão e Administração, Secretariado e Trabalho Administrativo e Direito

i) Nos cursos de Comércio Internacional, o posicionamento do ISCAP apresenta-se mais forte, embora com uma evolução decrescente, traduzido por uma quota de mercado de oferta de vagas de 19% no ano letivo de 2010/11; os cursos não têm concorrência direta no mercado e mantêm Índices de Satisfação da Procura ligeiramente superiores a 1. A quota de mercado do ISCAP nos cursos em termos de procura por parte de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez tem variado entre 30% e 50%.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

ii) O ISCAP mantém também um posicionamento significativo nos cursos de Marketing com quotas de mercado em termos de vagas de 4% do total de vagas na área e educação e formação e de 17% desde 2008/9 se analisado no seio da oferta de cursos de marketing (excluindo os cursos de áreas específicas do marketing). A concorrência é exercida por instituições universitárias - Universidade do Minho e Universidade de Aveiro / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro, e por institutos politécnicos, mas principalmente pelo IP de Setúbal / Escola Superior de Ciências Empresariais (80 vagas cada). A evolução do Índice de Satisfação da Procura é crescente (1,44, 1,51 e 1,58 respetivamente em 2010/11, 2011/12 e 2012/13.)

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

v) A quota de mercado global do IPP em termos das vagas oferecidas dentro desta AEF Gestão e Administração atinge apenas os 2% e inclui a oferta de cursos de Gestão do Património, Ciências Empresariais, Gestão e Administração Hoteleira e Recursos Humanos, promovida por diferentes unidades orgânicas, respetivamente, a ESE, a ESTGF e a ESEIG. Esta oferta não se inscreve maioritariamente nos segmentos com maior concorrência – cursos de Gestão, de Gestão de Empresas e de Gestão de Recursos Humanos.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

iii) Dentro deste segmento específico de cursos de Contabilidade e Administração, a quota de mercado do IPP atinge os 50% das vagas oferecidas, sendo o seu principal concorrente o IP de Lisboa / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. O Índice de Satisfação da Procura mantém valores ligeiramente superiores a 1 no caso dos cursos do UISCAP e da ESEIG

iv) A oferta do ISCAP dos Mestrados de 2º ciclo de Auditoria e de Contabilidade e Finanças – em torno dos 200 alunos inscritos por curso desde o início (2008/9), representa um posicionamento significativo na procura de cursos de Mestrado 2º ciclo dentro da área, com uma quota superior a 15% nos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

vi) O curso de Gestão e Administração Hoteleira da ESEIG é o que atinge o ISP mais elevado (próximo de 3 ou mesmo superior a 3) dentro deste grupo de AEF e sofre concorrência directa pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, com o curso de Direcção e Gestão Hoteleira. O curso de Recursos Humanos da ESEIG mantém o índice superior a 1 nos três anos, e a concorrência mais directa neste caso é do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com o curso de Gestão de Recursos Humanos, com valores do ISP superiores a 3. No caso destes dois cursos, o número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no período entre 2008/7 e 2010/11 atinge os 250 alunos por curso.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

vii) O curso de Assessoria e Tradução do ISCAP, na AEF de Secretariado e Trabalho Administrativo, não sofre qualquer concorrência direta e representa uma quota de mercado dentro da área de cerca de 17% em 2010/11, sensivelmente mais baixa nos anos anteriores. Já o curso de Comunicação Empresarial, dentro da AEF de Ciências Empresariais – Programas não classificados noutra área de formação, mantém um posicionamento significativo, com uma quota de mercado de cerca de 30% a partir de 2008/9. Estes cursos apresentam volumes de procura de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez significativos, com totais superiores a 200 alunos nos últimos 5 anos, e com quotas de mercado também importantes nas respetivas AEF (respetivamente próximas de 25% no primeiro caso e 50% no segundo).

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF – Ciências Informáticas

i) O posicionamento do IPP na AEF de Ciências Informáticas assenta nos cursos de Licenciatura 1º ciclo Engenharia de Sistemas do ISEP e de Segurança Informática em Redes de Computadores (em regime pós-laboral) da ESTGF arrancam com vagas a partir de 2010/11.

A performance dos cursos neste grupo é relativamente fraca e sofre uma forte concorrência por parte das universidades – Universidade Nova de Lisboa ou ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, com cursos que não são exatamente coincidentes, dentro dos Sistemas e Tecnologias de Informação, Gestão de Informação ou Informática e Gestão de Empresas.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

viii) No curso de Solicitadoria da ESTGF, a quota de mercado em termos de vagas no total da AEF é apenas de 2%, no entanto considerando o segmento da solicitadoria, aquela escola assume um posicionamento um pouco mais relevante com uma quota de mercado de cerca de 8%. O curso mantém um comportamento do ISP com valores superiores a 1 e sofre forte concorrência por parte da oferta dos IP do Cávado e do Ave/ Escola Superior de Gestão e de Lisboa / Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa.

Em termos de procura a quota de mercado dos alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez deste curso é representativa, variando em torno dos 10%.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF do Grupo de Engenharia, Industrias Transformadoras e Construção

i) O ISEP é a escola do IPP que assume um posicionamento mais forte dentro deste grupo, com presença em diversos domínios das engenharias, nalguns casos, com uma presença bastante relevante em termos da quota de mercado das vagas oferecidas.

Dentro da área da Metalurgia e Metalomecânica o ISEP em 2010/11 assume uma das quotas mais significativas, com 14% das vagas oferecidas totais dos cursos de Engenharia Mecânica e o IP de Lisboa / ISEL a quota de 17%.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

ii) O ISEP oferece vários cursos, designadamente, Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, em regime normal e pós-laboral, Engenharia de Instrumentação e Metrologia, Engenharia Informática, em regime normal e pós-laboral e Engenharia de Computação e Instrumentação Médica. No total a oferta de cursos desta escola representa 9,5% do total da oferta de vagas dentro da AEF Eletrónica e Automação. Nos cursos de Engenharia de Automação, Controlo e de Instrumentação Engenharia de Computação e Instrumentação Médica, que o ISEP oferece a concorrência direta é praticamente nula.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

v) No curso de Engenharia Civil, em regime normal e em regime pós-laboral, o ISEP mantém uma quota de 10% dentro da oferta de vagas em cursos diretamente concorrentes. A concorrência é exercida, quer por instituições universitárias, quer politécnicas, mas o ISEP situa-se dentro do grupo de quatro instituições de ensino que oferecem um volume de vagas anual superior a 100 - IP de Lisboa, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e o Instituto superior Autónomo de Estudos Politécnicos.

A quota de mercado de procura em termos de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez do ISEP em cursos de engenharia civil representa mais de 8%.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

iii) O posicionamento do ISEP na AEF de Construção e Reparação de Veículos a Motor é recente uma vez que o curso de Engenharia Mecânica Automóvel funciona desde 2009/2010, mas não tem concorrência direta, a não ser o caso do curso do IP de Leiria de Engenharia Automóvel, que oferece um número de vagas relativamente superior.

iv) Dentro dos cursos das engenharias, o ISEP apresenta uma boa performance em termos do Índice de Satisfação da Procura na medida em que dos 10 cursos oferecidos, metade tem um ISP superior a 1 em 2010/11 e cerca de 40% em 2011/12. A situação mostra no entanto sinais de uma tendência de deterioração para o ano letivo de 2012/13.

ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA

AEF - Tecnologia de Diagnóstico e Terapêutica, Terapia e Reabilitação e Ciências Farmacêuticas

i) O IPP através da Escola Superior de Tecnologias da Saúde do Porto mantém uma presença relevante ao nível da oferta de cursos, com um total de 12 cursos e 410 vagas em 2010/11.

Trata-se de um posicionamento relativamente recente, que representa uma quota de oferta de vagas no conjunto das três áreas de educação e formação de cerca de 8,5% (no ano de 2010/11).

| ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA | |
|---|--|
| 3 | |
| <p>ii) Os cursos de Cardiopneumologia, de Anatomia Patológica, Citológica e Tanatológica, de Audiologia, de Neurofisiologia, de Medicina Nuclear, de Radioterapia, de Análises Clínicas e de Saúde Pública e de Radiologia, da área Tecnologias de Diagnóstico, mantêm uma quota de mercado de vagas significativa. A principal concorrência direta estabelece-se ao nível de instituições de ensino politécnico (institutos politécnicos e escolas superiores).</p> <p>iii) A tendência da oferta é muito favorável, uma vez que quase a totalidade dos cursos oferecidos mantém no período de 2010/11 a 2012/13 valores do ISP superiores à unidade. Destacam os cursos de Fisioterapia e Terapia da Fala (com valores superiores a 2 na maioria dos anos).</p> | |

| ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA | |
|---|--|
| 3 | |
| <p>iii) Quanto ao curso de Ciências do Desporto oferecido pela ESE dentro da área de Desporto, a quota de mercado não ultrapassa os 1%. No entanto a sua posição no que respeita ao valor assumido pelo Índice de Satisfação da Procura, no período em análise, mantém valores entre 1,92 e 1,44.</p> <p>A quota de mercado em termos de procura, em termos de número de alunos inscritos no 1º ano pela 1ª vez no curso de licenciatura do 1º ciclo é igualmente bastante baixa, ligeiramente superior a 1%.</p> | |

| ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA | |
|---|--|
| 3 | |
| <p>AEF – Hotelaria e restauração, Turismo e lazer, Desporto, Serviços de Saúde Pública e Segurança e Higiene no Trabalho</p> <p>i) A quota de mercado na oferta de vagas nas áreas de Serviços de Saúde Pública e de Segurança e Higiene no Trabalho atinge é respetivamente de 33% e de 11%, para o ano letivo de 2010/11.</p> <p>ii) No caso do curso de Segurança e Qualidade no Trabalho da ESTGF a performance tem vindo a piorar, com valores cada vez mais baixos dos Índice de Satisfação da Procura. O curso de Saúde Ambiental da ESTSP mantém uma performance positiva com valores para o ISP sempre superiores a 1 nos três anos em análise.</p> | |

| ANÁLISE DA OFERTA E DA PROCURA | |
|--|--|
| 3 | |
| <p>iv) No caso da AEF de Turismo e Lazer o ISCAP lança em 2010/11, em regime pós-laboral, o curso de Gestão de Atividades Turísticas, com uma quota de mercado de apenas 2% do total de vagas oferecidas nesta área de educação e formação e de 7% no conjunto de cursos de gestão dentro da área do Turismo. Este curso tem demonstrado uma evolução muito positiva com um comportamento do Índice de Satisfação da Procura entre 1,31 em 2010/11, 0,64 em 2011/12 e 3,67 em 2012/13.</p> | |

REPOSICIONAMENTO

UMA INSTITUIÇÃO EM TENSÃO

- Crise de identidade do ensino politécnico e crise de identidade da instituição
- Tensão entre a lógica "research-based" (antítese da menorização "politécnica") e a lógica do ensino prático e aplicado (retórica do profissionalizante)
- Tensão entre "doutoramento início de carreira" e "doutoramento fim de carreira"
- Tensão entre doutorados e os que o não querem ser

REPOSICIONAMENTO

A FIGURA PODE NÃO SER ESTA ...



REPOSICIONAMENTO

UMA INSTITUIÇÃO EM TENSÃO (2)

- Tensão entre Escolas Pai ou Mãe e Escolas rebentos
- Tensão (de estatuto e de massa crítica de doutorados e de investigação) entre ISEP e outras Escolas
- Tensões entre custos /aluno (cursos e Escolas)
- Tensão entre a lógica transversal de IPP e a lógica Escolas
- Tensão entre o Politécnico que quer ser Universidade e a Universidade que invade os domínios do Politécnico
- Tensões inter-Escolas, intra-Escolas e intra-instituição

REPOSICIONAMENTO

REPOSICIONAMENTO E UTILIZAÇÃO POSITIVA DAS TENSÕES

- O reposicionamento e a reformulação da missão do IPP não podem deixar de procurar uma resposta para estas tensões ...
- O recentramento da instituição na lógica "Politécnico de velha geração" equivaleria a uma destruição de recursos
- Integração (parcial? total? penalizadora?) na UP?
- Politécnico + autorização legal de concessão de doutoramentos?
- Diferenciação competitiva pela combinação oferta formativa – investigação de suporte mantendo o estatuto?
- Universidade Politécnica?

**Matosinhos**

R.Tomás Ribeiro, nº 412 – 2º
4450-295 Matosinhos Portugal

Tel (+351) 229 399 150
Fax (+351) 229 399 159
porto@quaternaire.pt

Lisboa

Av. António Augusto de Aguiar
Nº15 – 5º Dto
1050-012 Lisboa Portugal

Tel (+351) 213 513 200
Fax (+351) 213 513 201
lisboa@quaternaire.pt

www.quaternaire.pt